

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CAMPUS DE BOTUCATU**

**UM OLHAR ETNOBOTÂNICO PARA OS USOS DOS RECURSOS VEGETAIS DOS
TERREIROS DE UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DO VALE
DO RIBEIRA, SP**

MAÍRA CESAR VASCONCELLOS

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP – Campus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Agronomia - Área de Concentração Horticultura.

**BOTUCATU – SP
FEVEREIRO - 2004**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CAMPUS DE BOTUCATU**

**UM OLHAR ETNOBOTÂNICO PARA OS USOS DOS RECURSOS VEGETAIS DOS
TERREIROS DE UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DO VALE
DO RIBEIRA, SP**

MAÍRA CESAR VASCONCELLOS

Orientador: Prof. Dr. Lin Chau Ming

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP – Campus de Botucatu, para obtenção do título de Mestre em Agronomia - Área de Concentração Horticultura.

**BOTUCATU – SP
FEVEREIRO - 2004**

REPRODUÇÃO
AUTORIZADA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA SEÇÃO TÉCNICA DE AQUISIÇÃO E
TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO - SERVIÇO TÉCNICO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
UNESP - FCA - LAGEADO - BOTUCATU (SP)

Vasconcellos, Maíra Cesar, 1979-
V331u Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira / Maíra Cesar Vasconcelos. -- Botucatu, [s.n.], 2004.
xii, 141 f. : il. color., gráfs., tabs.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrônomicas.
Orientador: Lin Chau Ming.
Inclui bibliografia.

1. Quilombos - Etnobotânica. 2. Quilombos - Mata Atlântica. 3. Quilombos - Iporanga (SP). I. Ming, Lin Chau. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Campus de Botucatu). Faculdade de Ciências Agrônomicas. III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRONÔMICAS
CÂMPUS DE BOTUCATU

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "UM OLHAR ETNOBOTÂNICO PARA OS USOS DOS RECURSOS
VEGETAIS DOS TERREIROS DE UMA COMUNIDADE
REMANESCENTE DE QUILOMBOS DO VALE DO RIBEIRA, SP"

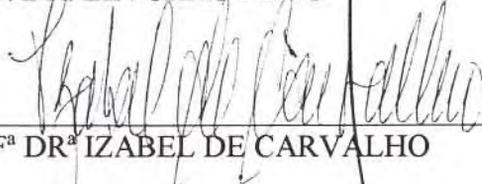
ALUNA: MAÍRA CESAR VASCONCELLOS

ORIENTADOR: PROF. DR. LIN CHAU MING

Aprovado pela Comissão Examinadora



PROF. DR. LIN CHAU MING



PROF.ª DR.ª IZABEL DE CARVALHO



DR.ª ELIANA RODRIGUES

Data da Realização: 02 de fevereiro de 2004.

O cântico da terra (Cora Coralina)

Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.

Eu sou a fonte original de toda vida.
Sou o chão que se prende à tua casa.
Sou a telha da cobertura de teu lar.
A mina constante de teu poço.
Sou a espiga generosa de teu gado
e certeza tranqüila ao teu esforço.

Sou a razão de tua vida.
De mim vieste pela mão do Criador,
E a mim tu voltarás no fim da lida.
Só em mim acharás descanso e Paz.

Eu sou a grande Mãe Universal.
Tua filha, tua noiva e desposada.
A mulher e o ventre que fecundas.
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.

A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.
Teu arado, tua foice, teu machado.
O berço pequenino de teu filho.
O algodão de tua veste
e o pão de tua casa.

E um dia bem distante
a mim tu voltarás.
E no canteiro materno de meu seio
tranqüilo dormirás.

Plantemos a roça
Lavremos a gleba.
Cuidemos do ninho,
do gado e da tulha.
Fatura teremos
e donos de sítio
felizes seremos.

Cântico II
(Cecília Meireles)

Não sejas o de hoje.

Não suspires por ontens...

Não queiras ser o de amanhã.

Faz-te sem limites no tempo.

Vê a tua vida em todas as origens.

Em todas as existências.

Em todas as mortes.

E sabes que serás assim pra sempre.

Não queiras marcar a tua passagem.

Ela prossegue:

É a passagem que se continua.

É a tua eternidade.

És tú.

Família Praia Grande

Grandes almas

Grandes amigos

Grandes pessoas

Povo Guerreiro!

Isso aqui é de vocês

É com vocês

É para vocês, minha gente tão querida!

Vocês são os grandes pesquisadores deste trabalho: experimentadores da VIDA!

Assim dedico... Dedico a cada um de vocês!

No meio dessa fabulosa família há uma *alma*
terreiro quintal para contar e para também dedicar...

Minha Mãe Preta, minha querida mãe **Tide!**

Minha ama, minha alma, minha amiga!

Mãe na acolhida, nesta e noutras Vidas.

Para **Ti**

De mim.

De mim

Para **Ti.**

Dedico a Ti

A Ti Dedico.

Uma canção para as Vidas de Praia Grande

É isso que realmente vale a pena para mim... É me surpreender com o simples, com o cotidiano de lá que não é o de cá: a chuva, a gente, o vento, o tempo... Isso tudo faz com que os sentidos fiquem mais afinados e apurados para a cantoria da Vida! Isso aqui é só um pedacinho dos infinitos e valiosos fios de vida que a Família de Praia Grande tece e costura... Neste projeto levei/deixei, levo/deixo a minha vida e a vida de vocês: fusão. Nesta imensa música do levar, do trazer, do buscar, do deixar, danço com vocês os passos da Vida. (Verão, dezembro de 2003.)

Almas Terreiro Quintais

Quintais

Terreiros

Espaços não-derradeiros

Que vão além de qualquer estreito conceito.

Desejos e anseios

São refletidos e construídos

Nesses precisos quintais terreiros.

Para entrar e conhecer

Não precisa ter.

Apenas ser.

Tanta coisa há de se encontrar lá.

Almas, principalmente!

Sim, a alma das pessoas se encontra lá!

Desvendar.

Descobrir.

Sentir.

Lições + Vida + Palavras

(EN)CANTADAS.

(EN)CANTO.

(EN)CANTAM.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação deve muito aos valores espirituais em que acredito, a diversas pessoas e instituições. Gostaria de fazer um especial agradecimento:

A essa grande força chamada Deus que move a minha Vida.

À minha mãe, Carmem, pelo incentivo e pelos exemplos de vida.

Ao meu pai, Falcão, pela amizade e pela força acadêmica.

Aos meus irmãos, Maitê, Txapuã e Pólyta, pela força e amizade.

À minha vó Dalena querida, pela amizade e alegria.

A minha vó Antônia (*in memoriam*) e ao meu avô Candinho (*in memoriam*), meus pais também, pessoas que eu amo muito e que deixaram muita saudade. Vocês estão vivos no meu coração.

A todos os meus familiares, sem distinção, pelo companheirismo.

Ao Érico, um grande coração, pelo amor incondicional, por sempre me dar força e se orgulhar do que eu faço, sem nunca ter reclamado dos momentos em que estive ausente. Sei que trabalhar com Etnobotânica foi sempre o seu desejo e neste trabalho ofereço e compartilho contigo esses sonhos. Não posso deixar de agradecer por todos os croquis e mapas que você fez pacientemente...

À minha outra família, a Família Corneta: Rose, Ademir, Carol e minha vó emprestada Maria, pelo incentivo constante na realização desta pesquisa.

Ao meu orientador nesta pesquisa, Lin, por ter aceitado me orientar quando mudei de projeto e de orientador no mestrado. Por ter compartilhado comigo os “*terreiros da vida*” e por ter embarcado rumo a novos caminhos, tendo coragem de ousar trabalhar com novas idéias e conceitos.

À Prof^a Dra. Márcia Ortiz Mayo Marques, minha amiga e ex-orientadora do mestrado, que entendeu com o coração aberto a minha mudança de planos e de orientador para alçar outros vãos de uma pesquisa bem diferente da qual iria desenvolver. Márcia sempre me disse para eu fazer o que realmente gosto e aí está o resultado. Tenho muito que agradecer pela sua compreensão e amizade. O mérito deste trabalho é seu também!

À Professora Bel da UNESP, queridíssima amiga, que sempre se prontificou a me ajudar em tudo, laços de amizade fora e dentro da Unesp!

À amiga e pesquisadora Eliana Rodrigues pelos importantes laços de amizade, pela troca de experiências e pelas bibliografias cedidas.

Ao Prof. Dr. Rafael Sanzio Araújo do Anjos, UnB, pelas dicas de bibliografias valiosas, inclusive um livro seu que menciono nesta pesquisa.

À Prof^a Dra. Sarita Leonel pela ajuda valiosa na identificação botânica de algumas espécies.

À Faculdade de Ciências Agronômicas da UNESP, Campus de Botucatu- SP, por ter me proporcionado outros aprendizados.

À CAPES, que financiou durante 24 meses a minha pesquisa.

À coordenação da Pós-Graduação em Horticultura, por ter me auxiliado nas despesas com as viagens para a Comunidade de remanescentes de quilombos de Praia Grande.

Aos amigos de Nikiti que estão sempre comigo, que torcem e que acreditam em mim: Yumi, Fê Vale, Elisa, Júlia, Luizinho, Bianca, Luíza, Anne, Carlos, Harlem, Brenda, Lívia, Lú Barros...

Aos amigos de Uberlândia que deixaram e deixam muitas saudades, Ana Luíza, Adriana, Samir, Cris, Fernanda Priscilla, Léo Nogueira, Carlinhos, Simone, Thaís Zerbini e tantos outros...

À amiga Alice Haddad pela valiosa revisão de português.

Às amigas Bel Radomski e Luciana Nars por terem passado o resumo deste trabalho para o inglês.

A todos os Amigos da Comunidade de João Surá, PR, em especial, Cida, Ditoca e Vanessa por terem me acolhido em sua casa com tanto amor!

Aos amigos de Iporanga, Cida, Flauzina, Beth, Natália, Lani, Ari Mendes, Seu Manoel, Maria Sílvia e Mamute, pela amizade.

Aos professores de Praia Grande pelas caronas de barco, pela alegria e amizade, em especial a Lani que sempre compartilhou comigo suas conquistas realizadas no magistério.

Aos companheiros da UNESP, por reunirem uma grande diversidade de idéias e ideais: *Aos amigos da Horticultura... Aos amigos da Botânica... Aos amigos da Energia na Agricultura... Aos amigos da graduação.* Valeu, povo!

Aos queridos amigos Sara e Bosco pela valiosa ajuda com o GPS.

Às minhas amigas de morada, Andrea e Janice, pelos laços de amizade e pela harmonia construídos nesses dois anos.

Um especial agradecimento à amiga Fátima (UNESP Rio Claro) por ter me apresentado a Família de Praia Grande e por ter compartilhado comigo, em nossas viagens, momentos de alegria e de angústia.

À colega Priscila Carvalho por compartilhar comigo sonhos e projetos para o cinema - um documentário sobre os remanescentes de quilombos. Eu tenho fé que o nosso curta vai sair, pode ter certeza!

Ao Guilherme, do Dep^{to} de Informática da UNESP, pela boa vontade e paciência em passar todas as fotos, desenhos e croquis para o computador.

Ao pessoal do Instituto de Terras do Estado de São Paulo, pelos materiais cedidos sobre remanescentes de quilombos. Agradeço especialmente a Maria Igenes Maricondi por não medir esforços para conseguir bibliografias que me auxiliaram muito nesta pesquisa. Pela agradável e adorável companhia quando estive em São Paulo, parecendo que já nos conhecíamos há anos.

À Fundação Cultural Palmares, Brasília, DF, pelos valiosos livros e apostilas doados para que eu desenvolvesse este trabalho.

Agradeço de coração a todos e ofereço os resultados deste trabalho a vocês.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	XIII
LISTA DE TABELAS.....	XIV
LISTA DE FIGURAS.....	XV
1. RESUMO.....	1
2. SUMMARY.....	3
3. INTRODUÇÃO.....	4
4. REVISÃO DE LITERATURA.....	7
4.1 Quilombos: lutas e significados.....	7
4.2 O Vale do Ribeira: uma caracterização do espaço.....	9
4.3 A história da ocupação territorial do Vale do Ribeira.....	10
4.4 A importância dos saberes das comunidades tradicionais.....	13
4.5 A importância dos espaços “terreiros”.....	15
5. MATERIAL E MÉTODOS.....	19
5.1 Praia Grande: a área de estudo.....	19
5.2 Os terreiros estudados.....	23
5.3 Metodologia.....	24
5.3.1 Perfis verticais, área dos terreiros e croquis.....	25
5.3.2 Levantamento etnobotânico.....	26
5.4 Repartição de benefícios.....	26
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	28
6.1. O que é Quilombo? A visão de quem mora lá.....	28
6.2 Crenças e tradições religiosas.....	33
6.2.1 A Romaria.....	34
6.2.2 São Sebastião.....	38
6.2.3 O Divino Espírito Santo.....	39
6.3 O que são e o que representam os terreiros e quintais para a Comunidade de Praia Grande.....	42
6.4 Aspectos socioeconômicos.....	50
6.4.1 Coleta de dados.....	50
6.4.2 Caracterização socioeconômica.....	52
6.5 Os lados de Praia Grande.....	62
6.6 O trabalho nas roças.....	63
6.7 As plantas dos terreiros e dos quintais da Comunidade de Praia Grande.....	65
6.8 Animais de criação nos terreiros.....	76
6.9 As receitas que vêm dos terreiros.....	77
7. Considerações finais.....	83
7.1 Uma reflexão sobre a valorização do conhecimento tradicional.....	83

8. CONCLUSÕES.....	84
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
10. APÊNDICES.....	93
10.1 Apêndice 1.....	94
10.2 Apêndice 2.....	96
10.3 Apêndice 3.....	111
10.4 Apêndice 4.....	117
10.5 Apêndice 5.....	124
10.6 Apêndice 6.....	129

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Listagem das plantas encontradas nos 13 núcleos familiares de Praia Grande: nome popular, nome científico, família botânica, nativa (Nat.) ou exótica (Exo.) em relação à Mata Atlântica, cultivada (C), não-cultivada (NC) e hábitos de crescimento (Hab): herbáceo (H), arbustivo (ARB), arbóreo (AV), trepadeira (T) e epífita (E). Categorias de uso: alimentar (A), medicinal (M), ornamental (Or) e outras (O).....**67**
- Quadro 2.** Tipos de animais de criação presentes nos terreiros.....**76**

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1.** Local/Bairro, tamanho do terreno, tempo de ocupação e número de moradores dos 13 Núcleos Familiares.....**54**
- Tabela 2.** Número e tamanho dos quintais presentes nos 5 Núcleos Familiares.**55**
- Tabela 3.** Perfil dos filhos dos colaboradores da pesquisa que já não moram mais em Praia Grande (PG).....**57**
- Tabela 4.** Informações sobre os colaboradores da pesquisa dos 13 Núcleos Familiares.....**59**

LISTA DE FIGURAS

Mapa 1. Localização da área de estudo- Praia Grande.....	22
Figura 1. Famílias botânicas mais representativas em relação ao número de plantas.....	75
Figura 2. Altar confeccionado para a Romaria.....	130
Figura 3. Festa do Divino: o caminho percorrido pelos fiéis.....	131
Figura 4. Núcleo Central de Praia Grande: escola, igreja e posto de saúde.....	132
Figura 5. Campinho de futebol: uma forma de lazer e divertimento.....	133
Figura 6. Um dos meios de transporte da comunidade: a boa e velha canoa.....	134
Figura 7. As roças.....	135
Figura 8. Os terreiros de Praia Grande.....	136
Figura 9. Os quintais de Praia Grande.....	137
Figura 10. Moenda para tirar o caldo da cana-de-açúcar.....	138
Figura 11. Farinha de mandioca: uma especialidade de Praia Grande.....	139
Figura 12. Os varais multicores.....	140
Figura 13. Os animais de criação.....	141

1. RESUMO

O presente estudo objetivou caracterizar os terreiros, espaços que se localizam ao redor das casas, da comunidade remanescente de quilombos de Praia Grande, Iporanga, SP, realizando um levantamento etnobotânico das espécies vegetais, seus usos e sua importância social, cultural e econômica. Esta caracterização promoveu a reflexão e a discussão sobre o papel que estes espaços desempenham na vida da comunidade. A coleta de dados foi realizada em oito viagens para a comunidade no período de março de 2003 a dezembro de 2003, com duração média de dez dias. A metodologia utilizada consistiu em observações participante, entrevistas estruturadas (na forma de questionários) e não-estruturadas, registradas por meio de gravações (em fita cassete) e de anotações em caderneta de campo. Os depoimentos foram realizados com 12 mulheres e 1 homem, numa faixa etária variando de 41 a 80 anos. Para a coleta de material botânico das espécies úteis e anotação sobre seu(s) uso(s) foram realizados passeios livres pelos terreiros com os moradores. Buscou-se o conhecimento que a comunidade possuía em relação à história do uso das plantas presentes nos terreiros. O material botânico coletado foi identificado e herborizado. O mesmo será depositado no Herbário da Unesp/ Departamento de Botânica – IB/ Botucatu, SP. Foram descritas 260 plantas, representadas por 73 famílias botânicas, sendo que 202 plantas identificadas até o nível de espécie, 42 até o gênero e 16 não puderam ser identificadas. A maior parte das espécies encontradas são cultivadas, exóticas

(ocorrência fora da Mata Atlântica) e com hábito de crescimento herbáceo. A categoria de uso mais encontrada foi a alimentar (40,21 %), seguida pela medicinal (29,18 %) e pela ornamental (22,78 %). A categoria relacionada a outros usos, tais como madeira para lenha, planta para fazer sabão entre outras, foi pouco significativa no presente estudo (7,83 %). Os terreiros da comunidade de Praia Grande são riquíssimos em espécies botânicas representando um grande potencial para futuros trabalhos relacionados com manejo e desenvolvimento sustentável dos recursos vegetais.

Palavras-chave: Terreiros, etnobotânica, remanescentes de quilombos, Mata Atlântica, Vale do Ribeira, Iporanga, SP, Brasil.

AN ETHNOBOTANICAL VIEW ABOUT THE USE OF “TERREIROS” VEGETAL RESOURCES IN A TRADITIONAL COMMUNITY OF REMAINING OF “QUILOMBOS”, AT RIBEIRA VALLEY, SÃO PAULO STATE.

Botucatu 2004, 141 f.

Dissertação (Mestrado em Agronomia / Horticultura)

Faculdade de Ciências Agronômicas, Universidade Estadual Paulista

Author: MAÍRA CESAR VASCONCELLOS

Adviser: LIN CHAU MING

2. SUMMARY

The objective of this study was to characterize the homegardens – “terreiros”, of a “Quilombo” remaining community in Praia Grande, São Paulo. A ethnobotanical survey was done verifying the use of the vegetal species, and their social, cultural and economical importance. This characterization promoted the reflection and discussion about the homegardens role in community life. The survey was done during eight visits to the community, from March to December, 2003, for ten days each visit. The methodology was the participant observation, structured interviews (questionnaires) and non-structured interviews registered by tape recorder and in field note book. The interviews were done with 12 women and 1 man, and their age ranging from 41 to 80 years old. The botanical collection and the traditional use register were done by free excursions on the homegardens together with the residents. It was demanding the community knowledge about the use stories of homegardens plants. The botanical material was identified and herborized. It will be deposited at the UNESP Herbarium/Department of Botany –IB/Botucatu, São Paulo. 260 plants were described, represented by 73 botanical families, 202 species, 42 genus, and 16 species non identified. The majority of species are cultivate, exotic (out of the Atlantic Forest) and herbaceous. The principal plant use was alimentary (40,21 %), besides medicinal (29,18 %) and ornamental (22,78 %). Other uses like firewood, and soap plants were little significantives in this study (7,83 %). The Praia Grande homegardens are very rich in botanical species which represent a great potential for future works related with the vegetal resources sustainable management.

Keywords: homegardens, ethnobotanical, “quilombos” remaining, Atlantic Forest, Ribeira Valley, Iporanga, São Paulo, Brazil.

3. INTRODUÇÃO

O Brasil, considerado o país de maior biodiversidade do mundo, apresenta, dentre as 250.000 espécies vegetais estimadas para o mundo, 60.000 espécies nativas, sendo que pouco desta flora se conhece (STEENBOCK, 2000). Vale ressaltar que, com a exploração indiscriminada da flora brasileira, muitas espécies estão em perigo de extinção.

Modelos de uso sustentável de recursos naturais têm sido oferecidos por populações tradicionais, através do acúmulo de informações e da conservação de saberes que lhes são próprios (ALBUQUERQUE, 1999). Em vista disso, os estudos sobre comunidades tradicionais são de extrema importância. O mesmo autor afirma que muitas pesquisas científicas apontam que as culturas indígenas de regiões tropicais utilizam os seus recursos naturais com ótimo aproveitamento.

Dentro dessa rede de conhecimento as comunidades quilombolas estão inseridas. Segundo Anjos (2000), essas comunidades estão em risco tanto historicamente quanto culturalmente, pois ao longo da história oficial brasileira, estas populações vêm sendo negligenciadas por parte dos órgãos oficiais.

As tradições e costumes dessas comunidades estão se perdendo ao longo do tempo, tornando-se necessários mais trabalhos de pesquisas nestes locais, trazendo à

tona para a sociedade a importância que os remanescentes de quilombos têm na construção e no reconhecimento de uma identidade étnica brasileira mais sólida e mais justa.

No Brasil, os remanescentes de antigos quilombos, “mocambos”, “comunidades negras rurais”, “quilombos contemporâneos”, “comunidades quilombola” ou “terras de preto” referem-se a um mesmo patrimônio territorial e cultural inestimável e em grande parte desconhecido pelo Estado, pelas autoridades e pelos órgãos oficiais. Muitas destas comunidades mantêm ainda tradições que seus antepassados trouxeram da África, como a agricultura, a medicina, a religião, a mineração, as técnicas de arquitetura e construção, o artesanato, os dialetos, a culinária, a relação comunitária de uso da terra, dentre outras formas de expressão cultural e tecnológica. (ANJOS, 2000, p.10).

O reconhecimento étnico e territorial das comunidades remanescentes de quilombos do Estado de São Paulo vem sendo realizado pelo Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP, juntamente com a Fundação Cultural Palmares, Brasília, DF, Ministério da Cultura e outras. Segundo ITESP (2002), até o ano de 2002 foram identificadas 31 comunidades e dentre estas 14 já foram reconhecidas. O município de Iporanga possui cinco comunidades já reconhecidas, sendo uma com trabalhos em andamento e três com indicações de estudos (COSTA, 2002).

A Comunidade Remanescente de Quilombos de Praia Grande, localizada no município de Iporanga, SP, foi escolhida para o desenvolvimento da pesquisa em virtude da grande diversidade vegetal, cultural, social e histórica, e da inexistência de trabalhos nesse bairro. A população ocupa a região há mais de um século e realiza um grande papel na utilização, preservação e conservação dos recursos naturais. Essa localidade foi reconhecida como um local de remanescente de antigos quilombos, mas ainda não recebeu o título da terra, fazendo-se urgente a regularização fundiária do território da mesma.

Escolheu-se trabalhar com os terreiros dessa população por serem estes espaços polivalentes, com múltiplas funções, envolvendo desde aspectos ambientais (conservação e cultivo de espécies vegetais; criação de animais entre outros) até aspectos sociais (locais para conversar, fazer festas, etc). Esses locais são a expressão da intervenção do ser humano no ambiente e entender toda essa dinâmica do homem em relação ao seu entorno é essencial.

O que vem primeiro à mente, muitas vezes, quando se pensa na palavra terreiro, é o seu aspecto físico, ou seja, o espaço e sua delimitação. O significado e os valores desses lugares vão além dos muros e barreiras... Vão além dos jardins! Esse universo plural chamado terreiro possui uma dimensão muito ampla e menos concreta que dá forma e se forma o tempo todo: sentidos, diversidade, vida... Os terreiros mostram a vida das pessoas: seus desejos, suas formas de encarar e ver o mundo, suas lembranças, suas angústias... Através desta leitura, o presente trabalho tentou traduzir e sentir (o êmico e o ético) o que esses espaços, conhecidos também como quintais, significam para a Comunidade de Praia Grande. Urge, portanto, reconhecer e considerar o importante papel que o conhecimento tradicional desempenha na conservação dos recursos naturais e dos valores culturais.

Sendo assim, o presente estudo objetivou caracterizar os terreiros, espaços que se localizam ao redor das casas, da comunidade remanescente de quilombos de Praia Grande, Iporanga, SP, realizando um levantamento etnobotânico das espécies vegetais, seus usos e sua importância social, cultural e econômica. Esta caracterização promoveu a reflexão e a discussão sobre o papel que esses espaços desempenham na vida da comunidade.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Quilombos: lutas e significados

“Uma luz que decifra o código de ser brasileiro, pois sabe onde está cada pedaço dos ancestrais: alimentando a terra, mas também na face bronzada, queimada vermelha ou na pele cor da noite, no cabelo, no jeito de andar, de dançar do povo brasileiro” (TERENA, 2002).

A história brasileira registra apenas dois movimentos sociais que se ampliaram em todo território nacional e que se tornaram permanentes: o Movimento pela Independência do Brasil (1822) e o Movimento Quilombola, que teve início no século XVII com Palmares e vai até as últimas décadas do século XIX com a Abolição da Escravatura em 1888. Registra-se o Movimento Quilombola como o mais longo fato histórico, com duração de 258 anos (1630, Palmares – 1888, Abolição) (BAIOCCHI, 1999).

Mesmo passados 112 anos da sanção da Lei Áurea pelo regime imperial, a história e o sistema oficial brasileiro têm se referido ao povo negro escravizado e aos quilombos sempre no passado, como se esses não fizessem mais parte da vida do país. Mesmo não sendo ainda assumida devidamente pelo Estado, a situação precária dos descendentes de quilombos no Brasil é uma das questões estruturais da sociedade brasileira, uma vez que, além da

falta de visibilidade territorial e social, essa questão é agravada pelo absoluto esquecimento verificado na história oficial. (ANJOS, 2000, p.33).

Quilombo, sabe-se através de registros da historiografia brasileira, é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos, e quer dizer acampamento guerreiro na floresta (acampamento em quimbundo). A conotação de quilombo, sempre ligada a um processo guerreiro - Quilombo de Palmares, Ambrósios, entre outros -, reflete a ideologia da época que classificava o escravo que fugia como “elemento provocador” e “criminoso”, “um perigo para o país”, “um atentado contra o reino português” (BAIOCCHI, 1999).

As “comunidades quilombolas” não são apenas aquelas constituídas de remanescentes de escravos fugidos. São consideradas também como quilombos

toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA apud ANDRADE et al., 1997, p.7).

A luta do negro contra a discriminação racial se inicia com a resistência contra a escravidão. O quilombo é território livre, terra sagrada. A discriminação racial, explícita ou velada, não acabou com a abolição da escravatura. Os quilombolas tiveram suas comunidades afastadas até há pouco do centro das discussões, mas suas organizações vão se multiplicando e fortalecendo em todo o país. Gradualmente sua força se faz ouvir novamente e a questão da titulação das áreas ocupadas pelos remanescentes dos quilombos reacende o debate (ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000).

As comunidades de quilombos caracterizam-se, como outras comunidades tradicionais, pelo forte vínculo com o meio ambiente que ocupam - verificando geralmente a preservação dos ecossistemas naturais – e as famílias sobrevivem da agricultura e do extrativismo florestal. Estas comunidades vêm sendo gravemente ameaçadas, nos últimos quinze anos, pela política e legislação ambiental, que restringem de forma drástica as principais formas de aproveitamento dos recursos naturais utilizados, as quais garantiriam sua sobrevivência e conservação da Mata Atlântica por várias gerações (ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000).

4.2 O Vale do Ribeira: uma caracterização do espaço

O Vale do Ribeira ocupa 10% do território paulista, e há nessa região os maiores remanescentes de Floresta Atlântica do Estado de São Paulo – aproximadamente 60% de sua área são recobertos por vegetação natural protegidos por legislação que estabelece diversos graus de restrição de uso; 20% do território do Vale do Ribeira são constituídos por parques, estações ecológicas e outras áreas de proteção ambiental (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 1995).

Hoje, os remanescentes dessa floresta atingem pouco mais de 90.000km² e no território paulista restam apenas 7%, representados por 17.314km² dessa cobertura vegetal original, enquanto que em 1500 essa vegetação cobria 1.085.544km², ou seja, 12% do território nacional (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 1995).

As nascentes do Rio Ribeira de Iguape estão localizadas no Estado do Paraná, no município de Cerro Azul e a maior parte dos seus 520 quilômetros de comprimento está situada dentro do Estado de São Paulo. Sua largura varia entre 100 e 120 metros, estreitando-se em gargantas de 40 a 50 metros, onde são formadas as corredeiras pedregosas (QUEIROZ apud ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000).

O município de Iporanga está localizado no centro da maior área de remanescentes da Mata Atlântica, no Médio Vale do Ribeira, na transição entre a planície formada pelo Rio Ribeira do Iguape e o Planalto Central, o que torna o relevo bastante acidentado. Os declives acentuados associados à grande precipitação promovem a lavagem do solo, tornando-o ácido. O relevo, com altitude média de 800 a 900m, está associado à Serra do Mar (BORN, 2000).

A área total do município é de 121.000ha, sendo que 85% do PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira), aproximadamente 50% de PEI (Parque Estadual Intervales) e 9.215ha do PEJ (Parque Estadual de Jacupiranga) fazem parte do município, ou seja, cerca de 85% do município encontra-se dentro de áreas com maior ou menor restrição ambiental (SODRZEIESKI,1998).

4.3 A história da ocupação territorial do Vale do Ribeira

A história da formação das comunidades negras que participaram de maneira marginal dos grandes ciclos econômicos, mas articulada com os ocupantes brancos na região, se confunde com a história da ocupação do Vale do Ribeira de Iguape. Durante o período escravagista brasileiro a presença das comunidades negras na região permitiu a configuração de territorialidades tradicionalmente constituídas que foram se redefinindo ao longo do tempo, consolidando-se como os inúmeros bairros rurais habitados predominantemente por negros do Vale do Ribeira de Iguape.

A ocupação humana no Vale do Ribeira de Iguape remonta ao período pré-colombiano - área de povoamento bastante antigo e que já contava com a presença de colonos europeus em meados do século XVI. Boa parte de seus habitantes encontra-se dispersa pela área rural dos municípios, vilas e povoados mais ou menos próximos ao litoral. A vida econômica do Vale do Ribeira permaneceu estagnada ao longo de muitas décadas e somente a partir de 1970 é que passou a apresentar um certo dinamismo econômico em razão da abertura de estradas de rodagem, da expansão da rede de comunicação e de abastecimento, tudo isso devido a investimentos oficiais depois que a região passou por um surto guerrilheiro liderado pelo capitão Lamarca (ANDRADE et al., 1997).

Durante essa fase, a região esteve ocupada com agricultura voltada para a produção de alimentos destinados ao contingente da mineração. Estabeleceram-se relações de aliança e troca, desde o início da colonização, entre a população indígena local e os europeus presentes nessa região da capitania.

As condições geográficas do Vale do Ribeira propiciaram importante zona de refúgio para os índios perseguidos pelo bandeirantismo escravagista: a região do Rio Pardo, protegida pela presença de uma cadeia de serras e pelo grande número de perigosas cachoeiras, tornava difícil o acesso de colonizadores e aventureiros que se estabeleceram como mineradoras ao longo do Rio Ribeira; a região do Rio Turvo abrigou indígenas em fuga, oriundos de Cananéia e Ilha do Cardoso, que chegavam pelo Rio das Minas, atravessando o sertão do Faxinal. A presença indígena na região imprimiu dinâmica peculiar na formação dos contingentes populacionais do Vale do Ribeira, deixando legado cultural e tecnológico que foi apropriado e redefinido pelas populações negras e ribeirinhas em São Paulo: as técnicas de pesca, a

agricultura itinerante e a própria toponímia regional. (ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000).

As atividades da Casa de Fundação de Iguape se encerraram em 1763, findando também o período mais expressivo da mineração de lavagem, que durou quase duzentos anos. Apesar da diminuição da atividade mineradora, em algumas localidades, ela teve continuidade até meados do século XIX (ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000). A decadência do ciclo da mineração no Vale se deu em virtude da mineração em Minas Gerais, cuja rentabilidade motivou a arregimentação da mão-de-obra de outras regiões.

O contingente de mão-de-obra escrava foi aplicado apenas marginalmente na atividade agrícola, enquanto a mineração preponderou como atividade econômica principal. Com o descenso da mineração, a atividade agrícola adquiriu maior estabilidade. A maior concentração de escravos estava em Iguape, mas negros oriundos principalmente de Guiné, Angola e Moçambique foram levados para outras localidades Ribeira acima (ANDRADE; ANDRADE; PEREIRA, 2000).

As atividades agrícolas regionais, durante o século XIX, estavam voltadas para o atendimento do mercado externo. O arroz era o principal produto escoado pelo Porto de Iguape dos produtos comercializados junto aos portos do Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá, destinando-se ao abastecimento de outras províncias.

Após 1700, o sucesso comercial dessa cultura impulsionou a construção naval, a construção de pequenos portos em vários outros municípios da região do Vale do Ribeira, que começaram a produzir e fornecer arroz e outras culturas, como milho, feijão, mandioca, bem como cana-de-açúcar, que era a matéria-prima da aguardente e da rapadura (BORN, 2000).

A abolição da escravatura está relacionada com a decadência do ciclo do arroz, pois não havia mão-de-obra disponível para trabalhar nos arrozais. Isso diminuiu a sua competitividade em face da economia do café.

A produção de banana em moldes mercantis se deu na década de 20 do século XX e a cultura do chá foi alimentada pelos imigrantes japoneses. Nas últimas décadas, os arrozais tradicionais cederam lugar à bananicultura, nas áreas planas ribeirinhas, e, naquelas de influência japonesa, boa parte das colinas foram ocupadas pela teicultura (FRANÇA apud LEPSCH, 1990).

Os japoneses que migraram para o Brasil vieram para trabalhar na cultura do arroz (BORN, 2000). O trabalho desses imigrantes, no início do século XX, foi muito importante, pois reacendeu a economia da região em função da necessidade de aumentar a produção para alimentar o contingente humano que crescia cada vez mais, devido à urbanização e ao início do processo de industrialização que ocorria na capital paulista, às sombras das riquezas capitais geradas pelo café (LEPSCH et al., 1990).

Iporanga é elevada à condição de Freguesia em 1832 – em 1873 torna-se município -, mas sua relevância comercial foi abalada com a construção da ferrovia serra acima – Apiaí/Itapeva – através da qual os produtos eram transportados até Paranapanema. O transporte fluvial ficou inviável e caro e Iporanga, então, sofre com a difícil situação econômica que fez com que a produção agrícola local fosse adquirindo características de subsistência.

Após a década de 70, as melhorias na infra-estrutura regional estimularam o investimento de "forasteiros" na região, provocando conflitos pela posse de terra com seus antigos ocupantes, os posseiros. Essa ocupação mais recente abriu perspectivas para o cultivo do cacau e da seringueira e para a bubalinocultura. Aos posseiros, economicamente impotentes e excluídos das regalias da política agrícola para a região, restaram as atividades de subsistência, como única opção no processo produtivo, e os subempregos, incluído o extrativismo da floresta (LEPSCH et al., 1990).

O Vale do Ribeira possui hoje cerca de vinte ou mais comunidades remanescentes de quilombos. Muitas delas vêm sendo freqüentemente atingidas ou ameaçadas pela grilagem de terras e por projetos de construção de barragens hidrelétricas (ANDRADE et al., 1997).

Segundo Born (2000) os bairros rurais da região do Vale do Ribeira são quase sempre excluídos de programas de assistência e desenvolvimento do governo do Estado. A população rural enfrenta problemas sérios como a ausência de saneamento básico, precariedade em sistemas de transporte e deficiência no abastecimento e nos serviços públicos.

4.4 A importância dos saberes das comunidades tradicionais

“A etnobiologia é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes. Neste sentido, a etnobiologia relaciona-se com a ecologia humana, mas enfatiza as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo” (POSEY, 1987).

A definição de etnobotânica foi formalmente apresentada pelo americano J. W. Harshberger em 1895, que entendia a etnobotânica como o uso de plantas por aborígenes, implicando em complexidade e diversidade nas pesquisas. Segundo Albuquerque (2002), a partir de meados do século XX a etnobotânica passou a ser compreendida “como o estudo das inter-relações entre povos primitivos e plantas, acrescentando-se um componente cultural, a sua interpretação pelo engajamento cada vez maior de Antropólogos “.

Trocando em miúdos, a etnobotânica estuda a interação entre o mundo vegetal e comunidades humanas. Esses estudos, além de combinarem conhecimentos tradicionais e modernos, são de grande importância na manutenção da cultura de um determinado povo e local.

De acordo com Born (2000), há vários conceitos para etnobotânica, faltando, muitas vezes, consenso e clareza nas abordagens e na metodologia que podem ser utilizadas pelos pesquisadores dessa área.

Apesar de todas as dificuldades metodológicas encontradas, a etnobotânica teve um grande avanço e se desenvolveu consideravelmente nos últimos 20 anos, sendo reconhecida atualmente como uma disciplina científica (ALEXIADES, 1996).

Um aspecto interessante da etnobotânica é a sua dimensão interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, porque consegue se ligar e se associar com os mais diferentes campos da ciência, dentre os quais pode-se citar a medicina, a sociologia, a antropologia, a linguística... Segundo Born apud Born (2000), o maior desafio dessa pluralidade de saberes está na relação entre os profissionais. É preciso cooperação e “abertura” dos diversos pesquisadores para entender e aceitar outras áreas.

O Brasil é um dos países com maior diversidade cultural, além de apresentar uma das maiores taxas de diversidade biológica do planeta e, segundo Diegues e

Arruda (2001), o conhecimento tradicional é o conjunto de saberes e saber-fazer, transmitido oralmente, em relação ao mundo natural e sobrenatural, de geração em geração.

Medeiros (2003) discute em seu trabalho que o conhecimento local estimula a comunidade em relação à necessidade de preservar seus valores, possibilitando também que essas informações preciosas sejam trazidas para o âmbito científico, havendo, assim, uma ponte entre essas duas vertentes: conhecimento popular e o conhecimento científico.

De acordo com Diegues (1988), os ecossistemas naturais são fonte tradicional de alimentos para comunidades tradicionais em países de Terceiro Mundo. Tem sido observado também nesses países um desenraizamento da harmonia com a natureza dessas comunidades, pois ao se verem incapazes de encontrar alternativas econômicas, essas populações são recrutadas por grupos econômicos interessados na extração de recursos vegetais dos parques e passam também, elas, à predação. Por tradição essas comunidades usavam os recursos naturais, mas atualmente, nas áreas de proteção ambiental, os mesmos são “protegidos” pela polícia florestal, representada pelo Estado, que aparece para autuar e prender aqueles que transgridem as leis ambientais vigentes.

Esse sistema é quase sempre negligenciado pelo Governo, que não avalia os impactos dos parques ambientais sobre o modo de vida dos moradores locais, que são, muitas vezes, responsáveis pela preservação das áreas naturais (DIEGUES, 1993).

O homem participa da riqueza da natureza, nomeando-a, classificando-a e domesticando-a, fazendo parte da teia da etnodiversidade, onde a biodiversidade pertence tanto ao domínio natural quanto ao cultural, porém será a cultura (o conhecimento) que permitirá às comunidades tradicionais entendê-la, representá-la, manuseá-la, retirar suas espécies e colocar outras, enriquecendo-a, com frequência, fortalecendo o lugar, um território enquanto *locus*, onde se produzem as relações sociais e simbólicas (DIEGUES; ARRUDA, 2001).

As estratégias para a conservação dos ecossistemas naturais precisam estar alicerçadas e embasadas no conhecimento das relações entre as comunidades humanas e seu meio-ambiente, que tradicionalmente utilizam esses recursos de forma sustentável há séculos (DIEGUES, 1988).

Segundo Santilli (2002), há uma grande necessidade de se conferir aos conhecimentos, inovações e práticas tradicionais dessas comunidades, uma proteção legal específica, pois as mesmas ainda não têm seus direitos assegurados. A autora afirma também que a proteção intelectual das comunidades tradicionais já está prevista em diversos diplomas legislativos. No entanto, ainda são pouco precisas as iniciativas visando reconhecer e proteger os direitos das comunidades tradicionais associados à biodiversidade, assim como a regulamentação de mecanismos de compensação e de retorno intelectual.

4.5 A importância dos espaços “terreiros”

Esses preciosos espaços sociais, culturais, econômicos e ambientais recebem diversas denominações no Brasil, dependendo da comunidade e da região onde estão inseridos, tais como: terreiros, arvoredos, quintais, hortas, etc. Segundo Prado (2002), os quintais, assim como os roçados e as capoeiras, são habitats com diferentes microambientes caracterizados pela ação antrópica.

Tanto nas cidades como na zona rural esse “universo quintal” está presente: um espaço bem democrático. Cada lugar desse possui uma composição e função próprias (espécies vegetais presentes, os animais para criação, as benfeitorias...) e isso varia de acordo com as características e desejos de cada morador. Costuma-se dizer que os quintais refletem a alma das pessoas: suas formas de ver e sentir o mundo...

Segundo Saragoussi, Martel e Ribeiro (1988), o termo quintal, no Brasil, refere-se ao espaço do terreno situado ao redor da casa e na maioria das vezes é definido como sendo a porção de terra perto da casa, de fácil acesso e cômodo, na qual se mantêm ou se cultivam diversas espécies que fornecem parte dos alimentos consumidos pela família, assim como outros produtos como plantas medicinais e lenha. Afirmam também que os quintais agroflorestais, quando possuem tamanho suficiente e são constituídos por um

grande número de espécies perenes, podem oferecer grande parte dos alimentos consumidos pelo núcleo familiar.

Os quintais são de fundamental importância para as comunidades tradicionais e também representam uma valiosa fonte para a sobrevivência e para a manutenção das populações nas áreas de ocupação mais recente (CASTRO, 1995).

Por não produzirem mercadorias e tendo somente valor de uso para os seus proprietários, estes sistemas, dos mais antigos praticados no mundo tropical, são normalmente negligenciados pelos dirigentes políticos, administradores, planejadores e pelos técnicos (agrônomos, florestais e extensionistas rurais). (CASTRO, 1995).

Outros olhares sobre os quintais e terreiros, portanto, permitem-nos identificar a sua importância social, econômica e biológica:

- *quintais como áreas de produção* - a grande diversidade presente nos quintais assegura uma produção variada de alimentos e outros produtos úteis: espécies agrícolas, ornamentais, frutíferas, arbóreas, hortícolas de valor nutricional e medicinal, formam um conjunto vegetal riquíssimo. Encontram-se com frequência nesses espaços também animais chamados de criação (galinhas, patos, porcos, perus, etc.) e, algumas vezes, especialmente na Amazônia, também os animais domesticados (paca, capivara e porco do mato). Num quintal de 0,4 ha., em restinga alta de várzea, na Ilha do Cumbu, na Amazônia, por exemplo, foram levantadas 68 espécies, e dentre elas 55 tinham sido plantadas pelos moradores (DUBOIS, 1996).

- *quintais como espaços para complementar a renda familiar e enriquecer a dieta alimentar* – em algumas regiões do país esses espaços são utilizados para a obtenção de alimentos ricos em proteínas, vitaminas e sais minerais (DUBOIS, 1996), gerando um significativo impacto sobre a renda. Os alimentos ricos em carboidratos (milho, arroz, feijão e mandioca) são provenientes das roças. Essa riqueza de nutrientes dificilmente seria consumida caso não fosse produzida na comunidade.

- *quintais como campo de experimentação e aclimação* de espécies - Muitas espécies introduzidas e cultivadas são obtidas de vizinhos, nas matas, capoeiras e florestas, iniciando-se desta maneira um processo de domesticação das plantas (DUBOIS, 1996). Os quintais funcionam, em muitos casos, como "faixas de retenção da erosão genética", uma vez que se

realiza neles a conservação de variedades deslocadas nas lavouras pelas variedades comerciais híbridas. São também experimentadas nesses espaços e reproduzidas técnicas como propagação vegetativa, produção de adubo orgânico, poda e enxertia.

Os quintais podem atuar também como espaços educativos, despertando os moradores para a importância da preservação e da conservação de espécies vegetais nativas da região em que estão inseridos.

Embora pouco estudado, o quintal é extremamente comum nas áreas urbanas brasileiras, não se restringindo somente às áreas rurais. Ele é importante na manutenção e na formação do microclima e é uma fonte de complemento nutricional e farmacêutico (plantas medicinais) para famílias mais pobres (CASTRO, 1995).

É comum associar esse espaço às mulheres, que desempenham um papel doméstico, e, portanto, secundário do ponto de vista do conjunto das atividades produtivas.

Existem no Brasil hoje inúmeras experiências que integram os sistemas de produção agrícola às características dos ecossistemas de forma mais apropriada e mais sustentável. Estas estão mudando a condição de regiões antes consideradas decadentes e marginais, dando espaço para novas perspectivas de uso e manejo da biodiversidade. Pode-se citar neste contexto a Amazônia (identidade agro-extrativista das populações tradicionais), o Nordeste Paraense (“agricultura de pomar”), o Espírito Santo (consórcios agroflorestais do café), entre outras regiões (DUBOIS, 1996).

A trajetória de muitas dessas experiências teve como ponto de partida o universo dos quintais, pois nesses espaços muitos projetos começaram a ser implantados. No entanto, vale ressaltar a necessidade de se criar e consolidar políticas governamentais que assegurem a conservação da biodiversidade e das comunidades tradicionais, através de projetos mais sólidos e mais coerentes.

Por conseguinte são levantadas algumas questões: por que não desenvolver programas de valorização (enriquecimento e manejo) dos quintais, tanto urbanos como os rurais? Por que não propor e viabilizar projetos que valorizem os núcleos familiares no exercício dessas atividades com a finalidade de gerar renda, de enriquecer a dieta familiar, de conservar os recursos genéticos? Há muita coisa para se pensar sobre esses multiespaços socioeconômicos e culturais, pois somente com o desenvolvimento de políticas públicas

sustentáveis conseguir-se-á melhorar a qualidade de vida de grande parte da população brasileira rural e urbana.

5. MATERIAL E MÉTODOS

“Um aprendizado acadêmico, não baseado na prática, é como um cadáver embalsamado, talvez para ser visto, mas que não inspira nem nobilita nada” (Gandhi).

5.1 Praia Grande: a área de estudo

O Município de Iporanga está localizado no Médio Ribeira, possuindo uma área territorial de 1160km com uma população de 4.564 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2003). A agricultura é a principal atividade econômica do município, destacando-se a produção de banana e em menor escala de feijão, arroz e milho (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, 2002).

A região possui uma das maiores concentrações de cavernas do Brasil e está localizada no centro da maior área de remanescentes da Mata Atlântica, no Médio Vale do Ribeira, na transição entre a planície formada pelo Rio Ribeira do Iguape e o Planalto Central, o que torna o relevo bastante acidentado. Os principais grupos de solos são: os

litossolos, podzolizados e hidromorfos. A precipitação média anual está entre 1400 e 1700mm (1100-1400mm em anos secos) e com o mês mais seco entre 30-60mm de chuva (TOREZAN, 1995).

A área total do município é de 121.000ha composta por diversas unidades de conservação, sendo que 85% do PETAR (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - implantação em 1958), aproximadamente 50% de PEI (Parque Estadual Intervales) e 9.215ha do PEJ (Parque Estadual de Jacupiranga - implantação em 1969) fazem parte do município. Cerca de 85% do município encontra-se dentro de áreas com maior ou menor restrição ambiental (SODRZEIESKI, 1998).

Iporanga possui 25 bairros rurais, nos quais estão distribuídas 14 comunidades tradicionais quilombolas (SODRZEIESKI, 1998), e é um dos municípios que têm a maior quantidade dessas Comunidades já identificadas, entre elas a de Praia Grande. A história dessa região está ligada ao ciclo do ouro paulista (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, 2002). A ocupação por essas comunidades remonta 200 a 400 anos, o que estabeleceu um elevado grau de integração destas com a natureza e esse equilíbrio só foi quebrado a partir da década de 50, com a exploração da madeira, a produção de carvão, a pecuária extensiva e a extração de palmito, caracterizando-se esta última como uma das principais atividades econômicas do município nas décadas de 60 e 70. O extrativismo e a agropecuária continuam sendo hoje as atividades que mais geram renda para as famílias (SODRZEIESKI, 1998).

Em 1888, com a libertação dos escravos, houve um declínio da mão-de-obra na região de Iporanga. Sendo grande parte da população local composta por escravos, eles procuraram se instalar em lugares já ocupados por populações negras que fugiram durante a escravidão, dando origem à formação de diversos povoados: Nhunguara, Bombas, São Pedro, Poço Grande e Praia Grande (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, 2002).

Anjos (2000) realizou um estudo onde configurou espacialmente – distribuição geográfica - os territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos do Brasil e observou que, na Região Sul, apenas os Estados do Rio Grande do Sul (9 comunidades), Paraná (1 comunidade) e Santa Catarina (5 comunidades) apresentaram registros dessas populações. Na região Sudeste verificaram-se ocorrências dessas comunidades

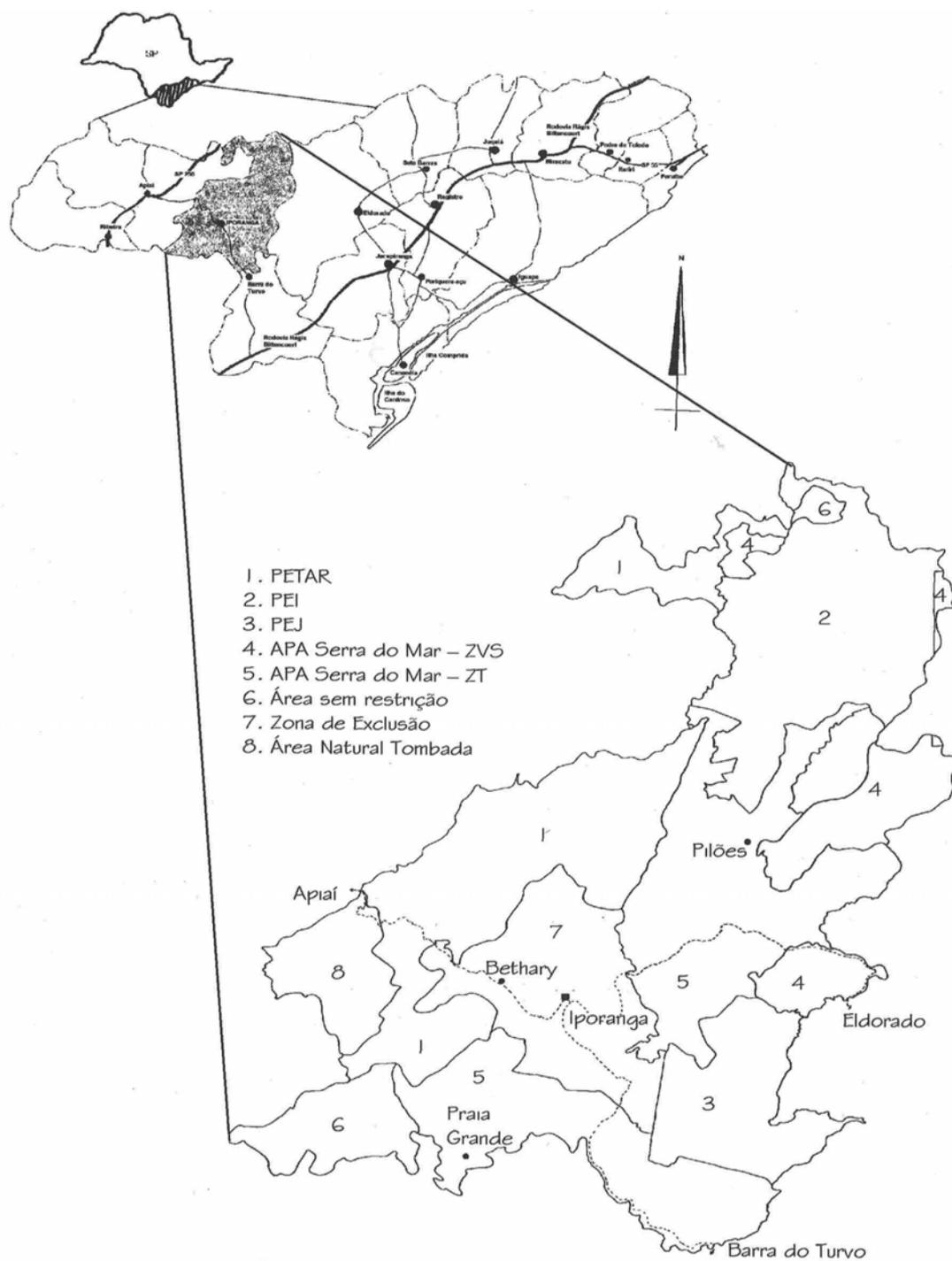
em São Paulo (43), Minas Gerais (28), Espírito Santo (11) e Rio de Janeiro (6). Na região Centro-Oeste, 7 comunidades em Goiás, 6 no Mato Grosso e 5 no Mato Grosso do Sul. A região Nordeste registrou 250 remanescentes na Bahia, 163 no Maranhão, 23 em Sergipe, 16 em Pernambuco e em Alagoas, 14 no Rio Grande do Norte, 11 na Paraíba e 7 no Ceará e no Piauí. Foram encontrados, na Região Norte, 196 registros no Pará e 12 no Amapá. No panorama geral a Região Nordeste apresenta 511 remanescentes, o maior número de registros oficiais encontrado. Em seguida vem a Região Norte, com 212 comunidades, e logo depois a Região Sudeste com 88. A Região Centro-Oeste com 17 e a Sul com 15 registros.

Segundo Mattar (2003), existem no Brasil hoje 1.264 comunidades quilombolas inventariadas pelo órgão governamental ligado ao Ministério da Cultura, a Fundação Cultural Palmares, que tem como uma de suas funções reconhecer áreas de antigos quilombos. Apenas 42 dessas comunidades são reconhecidas (através de um laudo antropológico) como remanescentes de quilombos. Esse reconhecimento oficial via Fundação Palmares é o caminho para titulação do território dos remanescentes. Somente 38 comunidades se encontram nessa situação, de acordo com dados mais recentes.

A mesma autora aborda algumas características que definem os territórios de quilombos: uso coletivo da terra; pessoas da raça negra são predominantes, mas podem existir indivíduos de outras raças (o principal fator de entrada é o casamento); a religião predominante é o catolicismo, apesar de forte influência de religiões africanas, tais como a Umbanda.

O território ocupado historicamente por Praia Grande (**Mapa 1**) localiza-se a sudoeste da cidade de Iporanga, subindo o Rio Ribeira de Iguape. Esse bairro a Nordeste limita-se com o Bairro do Funil, ao Norte com o bairro Descalvado, a Noroeste com o bairro Cotia, a Oeste com o bairro Barra do Rio Pardo, a Sudeste com o Rio Pardo no estado do Paraná, ao Sul com o bairro João Surá (PR) e a leste com o bairro Marrecas (PR) (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, 2002).

É uma região de difícil acesso devido ao relevo acidentado formado por montanhas, sendo que a maior parte do território está circundada pelo Rio Ribeira de Iguape e Rio Pardo.



Mapa 1. Localização da área de estudo – Praia Grande (adaptado de Silva Almeida, M. F. ; Amorozo, M. C. M., 2002).

A organização territorial dos remanescentes de antigos quilombos no Brasil apresenta algumas características geográficas comuns. Uma delas é a forma de distribuição das construções, que ocorre de maneira esparsa no território sem uma organização geométrica definida. Outro aspecto espacial relevante é o sítio geográfico dos antigos quilombos, geralmente estratégico, ocupando regiões de topografia acidentada (chapadas e serras) e/ou vales florestados e férteis com sistemas de vigilância nas áreas mais altas (ANJOS, 2000).

Praia Grande possui um agrupamento central onde há uma Igreja dedicada a Nossa Senhora de Aparecida, uma quadra de futebol, um Posto de Saúde (encontra-se desativado) e duas Escolas Municipais (da pré-escola até a 7^a série do ensino fundamental) **(Apêndice 1)**.

Para se chegar de Iporanga ao bairro de Praia Grande é preciso fazer um percurso fluvial de barco ou canoa, via Rio Ribeira de Iguape, de cerca de 30km segundo seus moradores. Há também a possibilidade de se fazer esse percurso “por terra” (expressão usada pelos moradores), ou seja, a pé: atravessa-se o núcleo de Praia Grande, de canoa ou barco e de lá se segue até Iporanga. O percurso da caminhada é de aproximadamente 20km e a sua duração varia de 3 a 5 horas, dependendo das condições físicas de cada morador.

5.2 Os terreiros estudados

A pesquisa foi realizada em 13 núcleos familiares da Comunidade de Praia Grande, onde os próprios moradores foram indicando pessoas que pertenciam à área dos Remanescentes de Quilombos. Não houve restrições em relação aos colaboradores da pesquisa quanto a sexo, idade e nem ao tempo de residência no local. O morador somente teria que residir na área da Comunidade de Remanescentes de Quilombos. Havia em cada núcleo familiar um colaborador da pesquisa, cujo conhecimento individual foi fundamental para a obtenção e avaliação dos resultados encontrados neste trabalho.

5.3 Metodologia

A coleta da informação, principalmente a qualidade, depende da sensibilidade do coletor em detectar o depositário do conhecimento e da biologia da espécie a ser coletada. Trata-se de delicado processo de respeito ao conhecimento empírico, empatia do coletor com o informante, habilidade pessoal em procurar a informação desejada e receptividade a informações inusitadas. Ainda que o conhecimento não seja novo, pode ser visto sob uma nova narrativa. O conhecimento empírico da cultura popular pode levar a perspectivas e informações que passam despercebidas pelos estudos científicos. (VALLE, 2002, p.149).

Segundo Lakatos e Marconi (1991), o observador participante enfrenta grandes dificuldades para manter a objetividade, pelo fato de exercer influência no grupo, ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais, pelo choque do quadro de referência entre observador e observado.

Observações relativas ao tema do trabalho foram realizadas numa abordagem qualitativa e quantitativa através de pesquisas de campo, com o objetivo de se conseguir informações e conhecimentos acerca do *problema* (O que representa e quais são as funções dos terreiros na vida das pessoas da comunidade de Praia Grande?) e da *hipótese* (Estes espaços sociais, culturais, econômicos e ambientais desempenham funções importantes na vida da comunidade.).

As observações foram feitas de maneira participante, ou seja, elas consistiram na participação real do pesquisador na comunidade, havendo uma grande proximidade entre o grupo a ser observado e o observador (VASCONCELLOS, 2002).

As técnicas de pesquisa de campo envolveram também histórias de vida. Elas foram realizadas de maneira informal, à medida que as pessoas envolvidas na pesquisa foram sendo visitadas, e com o intuito de deixá-las o mais à vontade possível. Segundo Viertler (2002) a técnica representada pela *história de vida* é obtida pelo processo de memória e reflexão crítica de um ser humano acerca de suas vivências, tidas em condições sociais específicas. Através dessa técnica, quanto mais é permitido ao informante falar, mais o pesquisador se depara com a visão e a concepção que o indivíduo tem de mundo. Vale

ressaltar que essa técnica fornece dados ênicos que devem ser processados pelo pesquisador com cuidado para poderem ser relatados em termos de conceitos e concepções científicas.

5.3.1 Perfis verticais, área dos terreiros e croquis

Foram realizadas medições de todas as áreas visitadas onde foram feitos os croquis das mesmas. A medição dos terreiros e quintais foi feita através de uma trena e os limites dos mesmos foram definidos por seus moradores. Os croquis ou plantas baixas (**Apêndice 2**) das áreas foram delineados em papel milimetrado em escala de 1:400 (1 centímetro = 4 metros) e depois transpassados para papel vegetal. Os moradores, de cada núcleo familiar estudado, foram convidados a fazer um desenho de como enxergavam a área em que moravam. No **Apêndice 3** estão alguns desses desenhos. Segundo Lok apud Garrote (2002), os croquis dos quintais possibilitam a visualização e a localização de diferentes áreas de manejo e cultivos presentes na infra-estrutura do local.

De acordo com Nabhan e Tuxill (2001), há várias formas de estimular as comunidades tradicionais a perceberem o meio em que vivem através de desenhos, teatro, música, entre outras atividades participativas. Essas técnicas são muito interessantes, pois é uma forma de valorização e estímulo. Os autores relatam uma experiência que ocorreu numa comunidade tradicional de Uganda, onde um grupo de teatro profissional junto com pesquisadores fizeram com que membros da população demonstrassem a sua cultura local através de danças, músicas e encenações. Vale lembrar que, para que essas técnicas sejam postas em prática, é preciso ter um contato bem sólido com a comunidade, ou seja, uma relação de amizade bem definida.

Os perfis verticais (**Apêndice 2**) foram feitos em alguns terreiros através de medições das plantas. Segundo Garrote (2002), os perfis verticais possibilitam a identificação de diferentes estratos e caracterizam as zonas de manejo dos quintais.

5.3.2 Levantamento etnobotânico

O levantamento etnobotânico foi realizado através do conhecimento tradicional da comunidade de Praia Grande. Segundo Martin apud Fonseca-Kruel (2002), o conhecimento tradicional ou popular está relacionado ao saber que as populações locais possuem sobre o ambiente. O conhecimento científico é a informação derivada da pesquisa.

A obtenção das informações sobre as espécies úteis, presentes em cada terreiro, foi realizada através de perguntas abertas, diretas e/ou fechadas, feitas durante as verificações *in loco* (para cada espécie vegetal citada por cada colaborador da pesquisa).

Procederam-se também a coleta, identificação e herborização de material botânico (no máximo dois de cada espécie). As espécies coletadas foram identificadas e serão depositadas no Herbário da Unesp/Departamento de Botânica - IB/ Botucatu, SP.

Vale ressaltar que a identificação do material botânico foi realizada por mim, pelo Prof. Dr. Lin Chau Ming e pela Prof^a. Dra. Sarita Leonel - Faculdade de Ciências Agrônomicas – UNESP. Literaturas como Bailey (1949), Barroso et al. (1978), Lorenzi (2002; 2000; 1996; 1991), Lorenzi et al. (2003; 2002) e Stalcup (2000) também auxiliaram no processo de identificação botânica.

Para cada espécie vegetal indicada como útil foi feito um registro contendo nome popular, nome científico, família botânica, localização da casa, hábito, parte utilizada, categorias de uso (alimentar, medicinal, ornamental e outras), nome do colaborador da pesquisa e número do espécime botânico.

5.4 Repartição de benefícios

O retorno dos benefícios pode ser feito de várias maneiras e, a partir de conversas com a população, decidiu-se elaborar um livro. A partir de março de 2004 será feito em conjunto com a comunidade e com os professores de Praia Grande um livro com ilustrações e informações das plantas (categorias de uso, receitas caseiras, entre outras) que

são mais utilizadas pela comunidade de Praia Grande, a fim de estimular a percepção que os moradores têm em relação a esses preciosos espaços sociais, culturais e ambientais chamados terreiros.

Uma reunião também foi realizada no dia 14 de dezembro de 2003 junto com a Comunidade de Praia Grande, na Escola, a fim de se saber o que as pessoas gostariam de estar aprendendo no ano de 2004 e foram levantados os seguintes temas: Manejo de Palmito; psicultura; manejo de pomar (quintais, terreiros e roças) – árvores frutíferas; criação de gado de leite e de bezerros. Em parceria com a UNESP e com a Paróquia de Iporanga, estaremos promovendo esses cursos para a comunidade.

Há também outros projetos para serem realizados como: alfabetização para os adultos de Praia Grande e cursinho pré-vestibular para os remanescentes de quilombos do Vale do Ribeira.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1. O que é Quilombo? A visão de quem mora lá

“Nagô é o rei da terra. Seu canto se espalhou no ar.
O samba quer manter de pé o povo negro pronto pra lutar.
Quem segue a voz nagô não erra. Foi Zumbi quem mandou falar.
Pra ser feliz, ainda não dá enquanto um negro, um só negro, um só chorar.”
Pedro Amorim/ Paulo César Pinheiro

Desde o século XVI o negro vem lutando para se libertar do sistema escravista que o transformou numa reles mercadoria. Até hoje, mesmo depois de mais de um século da abolição da escravatura, luta para vencer as mais diversas formas de discriminação. Segundo Munanga (2002), “a abolição, por sua vez, reconheceu formalmente a cidadania do negro, mas no plano factual e material, deixou-o novamente no plano inferior da pirâmide social, pois não tomou as medidas necessárias e não implementou políticas públicas capazes de realizar sua plena cidadania e inclusão na sociedade global”.

As comunidades tradicionais do Vale do Ribeira, como os Remanescentes de Quilombos, vêm sofrendo ao longo dos anos ameaças de construções de barragens. Há 12 anos a Comunidade Remanescente de Quilombos de Praia Grande vem se organizando através do MOAB, Movimento dos Ameaçados por Barragens, a fim de fortalecer a população na luta contra as hidrelétricas. Com esse engajamento as comunidades quilombolas se uniram para regularizar as suas terras, acionando o governo para que ele cumpra o que diz o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias,

Constituição Federal de 05 de outubro de 1988: “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.” No **Apêndice 4** deste trabalho também estão presentes a Legislação Federal e Estadual (no caso, a do estado de São Paulo) que dizem respeito aos territórios quilombolas.

Sem sombra de dúvidas o artigo 68 é um grande avanço no reconhecimento dos direitos das comunidades quilombolas, embora o processo de titulação territorial esteja demorando a acontecer. A Sociedade Brasileira de Direito Público (2002) afirma que, infelizmente, a constitucionalização desses direitos não significa a sua imediata efetivação. Mais de uma década se passou sem que a maioria das comunidades conquistasse o seu direito constitucional à propriedade coletiva desses territórios.

O depoimento a seguir reflete o que é morar numa comunidade remanescente de quilombos, que significa, na visão da moradora, trabalhar em conjunto. Contudo, algumas pessoas da comunidade de Praia Grande insistem em promover a desunião e a discórdia, segundo relatos de moradores. Mas como em toda sociedade há desentendimentos e brigas, o grupo vem superando isso através de incansáveis esforços para a busca do bem viver, visto que em Praia Grande é uma minoria que não tem, digamos assim, um “espírito coletivo”. “Morar num Quilombo tem que sê pessoa unida. Se não é unida não faz nada. Se a gente qué alguma coisa tem que sê tudo unido, é um sempre ajudando o outro!” (NFM, 53, f).*

Uma sociedade civil sem fins lucrativos, a Associação dos Remanescentes de Quilombo de Praia Grande foi fundada no dia 03 de maio de 1995 com o intuito de acelerar a regularização territorial dessa comunidade.

De acordo com a presidente da Associação, hoje há 22 sócios que contribuem mensalmente com a quantia de R\$ 3,00, valor este estipulado através de reuniões realizadas pelos moradores, que é destinado ao pagamento do Imposto da Área à Receita Federal.

*Os nomes dos colaboradores da pesquisa não são informados, como forma de proteger sua privacidade. Foram utilizadas as siglas NF (Núcleo Familiar), mais uma letra simbolizando a casa e, em alguns casos, quando há mais de uma pessoa na casa participando dos depoimentos, é acrescentado um número. A idade e o gênero vêm em seguida.

Segundo o estatuto, podem fazer parte da Associação pessoas que residam em Praia Grande e que sejam maiores de 16 anos. Para ser sócio é necessário comprovação de 10 anos de residência fixa no bairro e ser descendente de Quilombos ou ter contraído matrimônio com algum dos remanescentes.

Atualmente a Associação de moradores vem sofrendo com alguns sócios inadimplentes que às vezes deixam de pagar as taxas durante anos, prejudicando o andamento de regularização das terras.

O não-pagamento da Associação, em alguns casos, deve-se ao fato das pessoas não acreditarem no processo de titulação de terras, achando-o muito lento e demorado. Outras vezes é pelo fato de não terem dinheiro para a contribuição mensal, visto que alguns sócios não possuem uma renda fixa. “Muito difícil é a união! Se você é unido você organiza, se você não é unido... Pa tê direito na terra tem que pagá. Tudo nós pagamo. Por que 2, 3 paga e outro não?” (NFH1, 53, f). “Eu acho que falta mais união.” (NFC1, 43, f).

De acordo com relatos da comunidade ainda há muitas dúvidas em relação ao que significa fazer parte de uma Comunidade Remanescente de Quilombos. Há pessoas que não entendem toda essa dinâmica de regularização das terras e que estão insatisfeitas com esse processo. Outras, por sua vez, acreditam que a união entre as pessoas de Praia Grande é a melhor solução para seguir nessa luta com mais força e coragem.

Eu acho que o Quilombo que a pessoa diz que deve de respeitar uma coisa do outro, né? Agora ninguém pode entrá na coisa do outro em qualquer parte... Isso aí já é uma coisa boa, né? É uma coisa boa! Eu até nem sei explicá pa você, sabe? Não sei memo. (NFI, 56, f).

Não sei o que é, mas pa mim tá muito bom. Esse que tão falando pa mim tá muito bom. Eu não entendo, mas pa mim tá muito bom! (NFJ, 73, f).

O próximo depoimento comove quem está lendo pela força das palavras empregadas e pela riqueza de detalhes. A colaboradora da pesquisa disse ter muito orgulho da trajetória de luta dos seus descendentes.

Quilombo é uma área, né? Igual essa nossa aqui, é Terra de Quilombo. Quilombo, tudo nós somo Quilombola. Esse Quilombo já vem da África, da turma dos escravo de antigamente. Então esse já vem dos escravo, já

começou, como diz o dizer, dos negro, né, do povo que era muito judiado demais. A turma fala que diz que essas pessoa que foro, que moraram aqui primeiro, então era as pessoa que sairo fugido, né, por causa de judiação demais que judiava muito deles, né? Eles era negro muito judiado, daí eles sofria muito lá, né? Aí eles pegaro e fugiram, disse que pra cá, né? Eles fugiram de canoa pra, assim que os mais véio, né, conta pra gente. Diz que eles vieram fugido pra cá po modo de saí de lá, do sofrimento deles, porque eles sofria muito lá. Então diz que o patrão deles, que era o branco que fala, né, diz que pegava, diz que amarrava eles, deixava amarrado, judiavam muito dele. O meu pai conta, diz que os mais véio dele chegava a contá que diz que amarravam eles, daí que despejava água quente no pé deles! Eles sofria pra caramba! Aí então pelo sofrimento deles diz que o patrão dele, diz que vendia eles, que trocava eles por dinheiro. Diz que vendia eles igual que nós pegamo um porco nosso hoje e vendemo pa uma pessoa ou uma galinha, tanto faz, peguemo e vendemo pa uma pessoa. Diz que o chefe deles que vendia, diz que o patrão deles que vendia eles por dinheiro, né, e trocava por dinheiro. Aí por eles ser muito sofrido demais, diz que eles batiam muito neles, aí eles pegaram e fugiram. Foram fugindo... Aí eles subia Ribeira acima de canoa, daí Deus o livre que aparecesse um branco lá do outro lado! Diz que eles ficava morrendo de medo! Medo depois se eles tivesse atrás deles. Diz que eles sentiam muito medo por causa que eles era muito judiado demais. Eles tinham muito medo! (NFE1, 47, f).

Nos próximos relatos, NFN2 demonstra a sua insatisfação com o processo de regularização de terras, que limita, segundo ele, o espaço territorial dos núcleos familiares. Ele também fica indignado porque, mesmo passados 12 anos de luta, ainda há um grande descaso por parte dos órgãos públicos em relação às condições de vida da comunidade, que vive de forma marginal.

Já tô até desacorchoando do Quilombo. Doze ano que tá tocando esse Quilombo e até agora não aparece nada aí! (NFN2, 78, m).
Antigamente era mais mió, né? Naquele tempo não tinha as terra, tudo não tinha, ninguém era dono de terra, as terra era tudo Estado. Morava onde queria, trabaiaava onde queria. Agora tô com medo. Agora não é assim. Mudô isso aí. Isso aí mudô tudo! (NFN2, 78, m).

Outros, por sua vez, não entendem o que significa *quilombo*, mostrando o grau de isolamento em que vive essa comunidade, que tem um precário acesso à informação.

Sabe que por enquanto eu não tô entendendo direito! Eu não entendo... Eu não entendo! Eu acho por causa da Nação, né? Diz que a Nação dos

Quilombo é por causa que vem dos, como é que é? Dos... [Parou um tempo para pensar.] Vem da história dos negro, né? É ou não é? Então por causa disso que a gente acha que é. Vem da história dos negro! (NFM, 53, f).
 Isso eu nem sei, minha filha do céu. O quê que é esse tal de Quilombo? Nem eu sei. A turma tão falando, diz que é os negro, né? Quando os negro vinha da África e vinham tudo, né? (NFF, 68, f).

Já NFB associa a palavra quilombo às pessoas que vêm de fora da comunidade (Órgãos Públicos e Instituições Religiosas) para tentar auxiliar no andamento do processo de titulação da terra. Nesse relato a moradora faz menção aos “tomadores de terra”, que dentro da visão da comunidade são os fazendeiros. Há a presença de alguns deles na região e, segundo os próprios moradores, essas pessoas possuem o título das terras que ocupam. A Lei prevê que as pessoas que não sejam descendentes de antigos quilombos e estejam ocupando a área dos remanescentes serão indenizadas para poder sair dessas terras, mas para que isso ocorra de fato é preciso que as comunidades tradicionais estejam tituladas.

Quilombo é fazê esse negócio, essa gente de fora que tá fazendo isso. Eu também nem compreendo bem o que é isso, só sei que é gente de fora. IS [refere-se a uma freira que vem dando assistência jurídica à comunidade há mais de 12 anos] que tá fazendo isso aí... Essa coisa de Quilombo da terra, sabe? Eu paguei um pouco e depois eu parei. Os Quilombo, só eles que compreende. Eu não compreendo bem isso aí. Diz que isso é bom, porque lá pa baixo aquele negócio tá tomando terra. Por causa desses tomador de terra que é bom, né? Os grande toma a terra e deixa os pequeno na mão. Os fazendeiro que tem terra não gostam muito, né? Daí a terra deles também tem que tá no meio. O Quilombo vem tudo de fora. Não vem daqui não. Tudo de fora. A história do Quilombo de fora. Isso daí não é dos antigo, não deve de sê. (NFB, 80, f).

Mesmo com todas as controvérsias existentes ainda há esperança, segundo os moradores. As pessoas de Praia Grande lutam a cada dia pela sobrevivência, enfrentando grandes obstáculos, e mesmo assim não perdem a fé em Deus de que um dia suas vidas venham a melhorar.

Eu me sinto Quilombo porque meu sangue é negro! Eu sinto orgulho porque vim através de uma nação negra! (NFH1, 53, m).
 Eu sou Quilombo porque nós tamo no nosso lugar. Nós tamo aqui, já nascimo aqui e se criamo pa cá mesmo! (NFJ, 73, m).

Não basta saber os conceitos sobre quilombos na “ponta da língua”. O que importa de fato é fortalecer a auto-estima de uma gente que vive no abismo social da marginalização. O povo da comunidade de Praia Grande se sente verdadeiramente quilombo, se orgulhando de suas origens e tradições, mesmo apesar de todas as dificuldades encontradas na região em que moram.

Urge, no entanto, que as comunidades remanescentes de quilombos do Brasil tenham seus direitos assegurados e garantidos, como descreve a lei.

6.2 Crenças e tradições religiosas

“Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá...” Gilberto Gil.

Todos os núcleos familiares entrevistados declararam ser católicos. Todos os domingos há cultos na Igreja do bairro consagrada a Nossa Senhora de Aparecida e pelo menos uma vez ao mês o padre de Iporanga vai até a comunidade para realizar a missa.

O que Deus marcá pa mim eu tenho que passá. O que Deus marcá a gente tem que passá. Não tem ninguém pa sofrê pa gente, né? Entrego tudo na mão de Deus. Agora, Graças a Deus, já tô conformada com tudo. (NFI, 56, f).
O Pai do Céu é bondoso comigo. Ele sempre me guarda e me olha por mim. Eu não se esqueço Dele hora nenhum. Ele não se esquece de nós nem um segundo. (NFA1, 41, f).

A Igreja foi construída há 22 anos, é toda de cimento e recoberta com telhas. Antigamente, como relata a população, os cultos e missas eram realizados em uma capelinha, que estava situada no mesmo bairro da atual construção (Bairro Praia Grande), feita de “téipa” (pau-a-pique), mas que com o tempo foi caindo, até ser destruída.

A maior parte da comunidade não realiza trabalhos na roça, “os mais pesados”, nos “dias santos”, como nos dias de São João Batista (04 de junho), de Santo Antônio (13 de junho), de São Pedro (29 de junho) e de Bom Jesus de Iguape (05, 06 e 07 de agosto), por exemplo. O domingo também é considerado santo. Durante esses dias, as pessoas não podem fazer trabalhos como capina, colheita, entre outros.

Isso veio dos passado dos véio da gente. Tem gente que abusa e travaia. Diz que um pessoal foi caçá no dia de São Paulo e diz que dia de São Paulo não pode caçá, né, aí diz que a turma falou: Ah! Isso é só burrage! Aí um matô o outro lá no mato e não caçaram nada, porque não era dia de caça. (NFC1, 43, f).

Tem dia santo que a gente travaia na roça e já dá pobrema na lavoura, sabe? A gente acredita naquilo e faz. O dia santo a gente faz serviço só em casa. Se a gente abusá e trabaiá não faz bem! Quem tem precisão, ele pedem perdão a Deus e vão pa roça. (NFC1, 43, f).

Há muitas festas religiosas na comunidade e dentre estas se podem citar as Romarias para São Gonçalo do Amarante, a Devoção a São Sebastião e a Festa para o Divino Espírito Santo.

6.2.1 A Romaria

É grande a devoção da comunidade pelo santo português São Gonçalo. Ele é padroeiro dos violeiros, protetor contra as enchentes, protetor contra as enfermidades e ainda é um santo casamenteiro.

No Brasil, o primeiro culto a São Gonçalo do Amarante coincide com a época da chegada dos portugueses. O Santo faleceu em 1262 e só foi canonizado em 1561. Naquela época ele não havia sido beatificado, e o rei de Portugal, D. João III, um devoto, foi um dos primeiros a se empenhar para que São Gonçalo conseguisse tal reconhecimento, em Roma.

Dizem algumas histórias e lendas que São Gonçalo dançava a noite toda com pregos nos pés para pagar suas dívidas, e através dos versos das músicas ensinava a religião. Dizem também que gostava de tocar viola e que era muito alegre. “São Gonçalo não quer missa [...] Só quer rabeca e viola.” (Expressão muito usada pelos devotos de Praia Grande.)

Diz que São Gonçalo, que as turma fazem promessa nas horas difícil e eles alcança milagre. São Gonçalo é uma pessoa querida de Deus! Ele não era brasileiro. Ele viveu a vida mais dura do mundo! Ele teve que dançá, como falam nas origem, de prego nos pé assim. Ele tem uma origem assim. Ele foi

muito castigado! Naqueles tempo antigo quem falava de Deus era sempre castigado. (NFA2, 43, m).

Encontram-se, com uma certa frequência, pessoas que fazem promessas para São Gonçalo na Comunidade de Praia Grande que, quando são atendidas, oferecem ao santo uma Romaria onde dançam e dão de comer aos que estão em sua casa, como um ato de profunda devoção e de agradecimento pelas dádivas recebidas.

O negócio da Romaria não é uma diversão assim como se fosse um baile. É uma concentração de espírito pra uma oração, porque tudo que é cantado na Romaria é uma oração. Tanto pedindo pros devotos como pedindo pros dono da casa, pedindo pros romeiros, né? A Romaria e a Cantoria do Divino é uma coisa espirada. Você chega no altar pra cantar! (NFA2, 43, m, contramestre de Romaria).

As pessoas que têm a sua promessa atendida por São Gonçalo precisam fazer a Romaria e, como a comunidade sempre diz, “precisa pagá”. Não há um prazo para que os fiéis cumpram as promessas e há alguns que levam anos para realizar a Romaria, após terem obtido as graças enviadas por São Gonçalo. Caso a pessoa que fez a promessa morra, dizem que o seu espírito aparece para uma pessoa viva, um familiar ou não, e esta ficará encarregada de fazer a festa.

Tem um que faz o pedido, mas dentro daquele ano ele não pode, ele não teve aquela força de fazê a Romaria. Tem gente que não cumpre a promessa e acontece que quando ele morre deixa pa outro. Quando ele morre ele vem dá pa outra pessoa fazê. Aquilo fica incomodando ele [refere-se à pessoa que está viva] até que faz. Enquanto ele não consegue aquela promessa ele fica desimparado [refere-se à pessoa que já morreu], não tem colocação. Tem gente que faz o pedido e com prazo de três mês tá cumprido. (NFM, 53, f).

A Romaria é guiada por um mestre e por um contramestre que tocam viola e/ou violão. Em seguida vem um “batedor de caixa” (que toca tambor ou algo parecido) e duas cantadeiras, no mínimo, que irão acompanhar a música fazendo a 2ª voz.

Antes de ocorrer a tão esperada Romaria é confeccionado, com flores e bandeirinhas coloridas, um altar no local onde ocorrerá a dança, geralmente no local mais amplo da casa do fiel.

Há toda uma dinâmica para ocorrer a Dança para São Gonçalo. Formam-se duas filas paralelas, uma de homens e outra de mulheres (sem limite de pessoas, mas com o mesmo número de gente de um lado e de outro), uma guiada pelo mestre e outra pelo contramestre e aos poucos cada um vai conduzindo a sua fila até formar ciclos sucessivos. No meio da música há o que eles chamam de “despontação”, que ocorre quando as pessoas que estão dançando beijam a imagem de São Gonçalo como um ato de devoção e respeito.

Adiante se encontra uma das músicas cantadas pelos fiéis de São Gonçalo nas Romarias realizadas em Praia Grande:

Esse é o primeiro verso
 Esse é o primeiro verso
 Que nesse mistério eu canto
 Que nesse mistério eu canto

Ao chegar nos pés do altar
 Ao chegar nos pés do altar
 Fazendo sinal da cruz
 Fazendo sinal da cruz

Vamos, vamos, minha gente
 Vamos, vamos, minha gente
 São Gonçalo está mandando
 São Gonçalo está mandando
 Abençoa-nos, ó São Gonçalo
 Abençoa-nos, ó São Gonçalo
 Dos grandes aos pequenininhos
 Dos grandes aos pequenininhos

São Gonçalo no altar
 São Gonçalo no altar
 Vai lançar Santa benção
 Vai lançar Santa benção

Ensinai aos seus devotos
 Ensinai aos seus devotos
 Quando é hora de voltar
 Quando é hora de voltar

No altar de São Gonçalo
 No altar de São Gonçalo
 Está Virgem Aparecida
 Está Virgem Aparecida

Abençoa os seus devotos
Abençoa os seus devotos
Ó Padroeira do Brasil
Ó Padroeira do Brasil

Como todos já voltaram
Como todos já voltaram
Agora eu volto sozinho
Agora eu volto sozinho

Volta ele, São Gonçalo
Volta ele, São Gonçalo
Pra ser meu companheirinho
Pra ser meu companheirinho
São Gonçalo é que nos manda
São Gonçalo é que nos manda
Pra fazer despontação
Pra fazer despontação

[neste momento faz-se a despontação]

São Gonçalo está mandando
São Gonçalo está mandando
Parar tudo e marcar o passo
Parar tudo e marcar o passo

São Gonçalo foi no céu
São Gonçalo foi no céu
Pra buscar os cálices bentos
Pra buscar os cálices bentos

Trouxe a óstia consagrada
Trouxe a óstia consagrada
Que é pra fazer o casamento
Que é pra fazer o casamento

Perdoa-nos, ó São Gonçalo
Perdoa-nos, ó São Gonçalo
Pelos erros que fazemos
Pelos erros que fazemos

São Gonçalo se despede
São Gonçalo se despede
Dos devotos nessa hora
Dos devotos nessa hora

Se despede dos devotos
Se despede dos devotos
E vai pro Reino da Glória

E vai pro Reino da Glória

No altar está a mensagem
No altar está a mensagem
Pra gritar: Viva São Gonçalo!
Pra gritar: Viva São Gonçalo!

Segundo NFA2, contramestre de Praia Grande, a música acima citada foi de sua autoria. Ele afirma que as letras das melodias aparecem em sua mente na hora da Romaria e que são “pura inspiração”.

Há várias denominações para esse culto festivo, dependendo de região para região. Em alguns lugares do Estado de São Paulo chama-se “Dança de São Gonçalo”; no Rio de Janeiro, “Festa de São Gonçalo”; e no Paraná, “Sarabanda de São Gonçalo”.

As Romarias são muito aguardadas durante o ano, não havendo uma época específica para que ocorram. Elas possuem um grande vínculo com as tradições antigas, “dos mais velhos”, e funcionam como verdadeiros espaços para a socialização. “Romaria de São Gonçalo é muito antiga. Quando eu me entendi por gente já fazia século da Romaria. Meu Deus do Céu! Eu acho que é uma devoção muito boa. É devoção.” (NFA2, 43, m).

6.2.2 São Sebastião

A Festa de São Sebastião ocorre praticamente em todo o Brasil e muitas cidades o têm como padroeiro. O santo nasceu no final do século III em Narvonne, França, e sempre se mostrou forte e piedoso na fé.

São Sebastião é considerado o santo protetor dos desamparados. No período do dia 11 ao dia 19 de janeiro é-lhe dedicada uma novena e no dia 20 é realizada uma grande Festa. NFF relembra como eram as rezas antigamente e afirma que hoje as pessoas estão muito desanimadas e já não celebram o Dia de São Sebastião como nos tempos passados.

As pessoa de fora que vem fazê a reza traz café, traz mistura de café e dá o café. Elas é os mordômi. Cada dia, desde o dia 11 até o dia 20 tinha reza. Um dia era uma pessoa, outro dia outra. Fazia novena, né? Tinha dia que tinha dois mordômi, outro já era três mordômi. Agora dia 19 ajuntava bastante gente pa fazê, daí era festa mesmo e naqueles dia da novena o pessoal vinha pa dormi e já fazia baile, já dançava um bailinho. Vinha dois, três mordômi já fazia o bailinho. O dono da casa que era meu tio tinha uma sanfona boa, né, e nós já fazia um baile, tinha uma meninada, uma rapaziadinha. Nós véio também entrava naquele tempo. Era os véio que era os mais assanhado pa baile e já fazia o baile. Aí quando era dia 19 já fazia festa. Aí aquele que era festeiro trazia carne, arroz, feijão bastante e aqueles que era mordômi trazia bastante bolo, apressada, biju... Mordômi era tudo de fora. Tô contando pa você do tempo que tinhas essas reza aí. (NFF, 68, m).

De acordo com o depoimento de NFF o termo “mordômi” vem da palavra *mordomo*, que significa servir, ser anfitrião. O “mordômi” para a Comunidade de Praia é aquela pessoa que não reside lá e que terá a função, durante os dias de devoção a São Sebastião, de fazer as rezas, dar os “comes e bebes” e promover os bailes para os devotos.

6.2.3 O Divino Espírito Santo

A devoção ao Espírito Santo é uma manifestação belíssima religiosa muito antiga, introduzida no Brasil pelos colonizadores portugueses no período que decorre do século XVI ao XVIII.

Essa Festa acontece em vários estados brasileiros, tais como São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Goiás. Cada lugar emprega à festa características culturais regionais próprias.

A chegada do Divino Espírito acontece sempre no final de junho e vai até aproximadamente 18 de julho. Durante esse tempo uma equipe fixa de pessoas percorre todas as casas da redondeza, incluindo também comunidades do Estado do Paraná, como a de João Surá.

Eles visitam todas as casas com cantorias, geralmente a pé, com uma bandeira simbolizando o Divino Espírito Santo. Em cada casa, um ou mais moradores (não há

limite para contribuir) apresentam a sua oferta através de prendas (porcos, galinhas, arroz, entre outros) ou de dinheiro. Tudo o que foi arrecadado é levado para a Paróquia de Iporanga.

Os moradores de Praia Grande acreditam fervorosamente no Divino Espírito Santo e sentem uma forte emoção quando relatam a Festa.

É uma coisa muito especial. Muito linda, porque os devoto do Divino sempre recebe o Divino com fogos, né? Fogos... Argum recebe, depois que termina a cantoria, com oração. Depois argum recebe com comício. Argum recebe com lágrima, porque são coisa dos nosso antepassado que já partiram e que hoje a criançada não tão sabendo adaptá, entendeu como é que é o esquema? É uma coisa que pa nós o Divino, Ele que em Jerusalém foi Ele que fortaleceu os apóstolo quando Ele sentia medo de Judeus, né? Ele traz uma força quando Ele chega em cada casa, em cada pessoa... Senhor do Céu! As vez a gente até nem consegue cantá direito porque é muita lágrima que a gente não consegue entendê o porquê de tanta lágrima. Mas só que é uma devoção muito pesada. O Divino chegar na casa da gente é uma esperança de uma, sei lá, eu não sei explicá bem direito, uma coisa muito séria do Divino. (NFA2, 43, m - toca violão na Festa para o Divino).

A música a seguir é cantada no momento em que o Divino Espírito Santo, simbolizado em uma bandeira vermelha pela imagem de uma pomba, chega na casa dos fiéis. Vale ressaltar que o compositor dessas músicas é NFA2, que se mostrou até agora um mestre com essas belas e profundas letras. Se deste papel pudessem sair as melodias e “toadas”, o leitor poderia se emocionar ainda mais, mas como isso não é possível, somente a letra está disponível.

O Divino veio voando
E se sentou em suas mãos
Para lhe dar a sua benção
Lhe cobrir de proteção
Ôh! E pra derramar as suas bênçãos

Ao entrar porta pra dentro
Pra derramar a sua luz
O Divino Espírito Santo
Nós aqui, você conduz
Ôh! Divino Espírito Santo!
Ôh... Ôh... Ôh...

Divino Espírito Santo
Veio aqui me visitar
Mas também pede um auxílio

Pro seu dia festejar
 Oh! Mas também pede um auxílio
 Ôh! Mas pro seu dia festejar
 Ôh... Ôh... Ôh...

A próxima música simboliza a saída do Divino Espírito Santo da casa do fiel.

Ao trazer a sua oferta
 A porta do Céu se abriu
 Ao trazer a sua oferta
 A porta do Céu se abriu
 A porta do Céu se abriu

Apresentar a sua oferta
 Os anjos cantaram: Viva!
 Apresentar a sua oferta
 Os anjos cantaram: Viva!
 Os anjos cantaram: Viva!

O Divino Espírito Santo
 E a Santíssima Trindade
 Divino Espírito Santo
 E a Santíssima Trindade
 E a Santíssima Trindade

O Divino Espírito Santo
 Bate a asa pra voar
 Divino Espírito Santo
 Bate a asa pra voar
 Bate asa pra voar

A Festa para o Divino Espírito Santo é uma tradição muito antiga que deve e merece ser preservada, pois mostra toda a generosidade e beleza desse povo tão especial.

6.3 O que são e o que representam os terreiros e quintais para a Comunidade de Praia Grande

Como tarefa inicial deste trabalho procurou-se entender como a comunidade denominava e caracterizava o espaço ao redor de suas casas e a sua importância. Observou-se que os colaboradores da pesquisa chamavam de *terreiro* todo espaço em volta da casa destinado ao cultivo de plantas, à criação de animais, aos contatos sociais, entre outras atividades. Denominavam *quintal* todo espaço cercado, geralmente com madeira, para o cultivo de condimentos e “verduras”. Segundo eles, a delimitação dos quintais serve para impedir que os animais dos terreiros (galinhas, porcos, perus e cabras) destruam a plantação.

Segue abaixo o relato de todos os colaboradores da pesquisa sobre as funções e a importância dos terreiros e dos quintais:

O terreiro serve pa eu barrê, queimo o lixo, maio feijão... Tem as pranta no terreiro. Eu gosto do meu terreiro, só que eu não gosto muito quando tá chovendo, quando tá chovendo é ruim, mas se faz o sol aí é gostoso. Fica muito pântano demais a criação, né? Fica muito aqueles lama, que ruim aquela lama e se não tivé chovendo então aí fica gostoso. Você pode barrê bem limpinho, não fica com sujeira de nada. (NFA1, 41, f).

O depoimento de NFA1 mostra que o terreiro serve para secar o feijão e, além disso, nota-se um aspecto estético ligado à limpeza desse lugar para que se torne mais agradável. Além dessas funções, o relato abaixo aborda ainda a importância da sombra de uma árvore em dias quentes.

Pa gente pará nele. Essas prantina café... Laranja tem um pouco. Café, tem o café e tem as criação nossa, porco, galinha... Galinha tem mais! Eu gosto do terreiro bem limpinho. Tem que carpi, não deixá sujá, barrê, fica limpinho, mas eu nada disso posso fazê. Eu sou encomendada do médico, pior do que criança ainda! Quando o sór tá quente, com o calor isso aqui é um fresco [refere-se à árvore que se encontra na frente de sua casa: o cedreiro]. Um fresco que a gente tem. Quando tá bem quente eu fico de baixo da árvi ali tomando fresca. É gostoso! (NFB, 80, f).

O enfoque do relato de NFC1 está na sua insatisfação de ter animais de criação no terreiro, pelo fato dos mesmos sujarem muito o local. Ela também fala dos

sonhos de seu marido de plantar rosas, que atuariam na paisagem de forma ornamental, alegrando o ambiente. As árvores também são mencionadas como abrigos para se refrescar do calor, além de exalarem odores agradáveis, perfumando o terreiro.

Se tivé bem limpinho, agora não tá nada! [risos] É o lugar que a gente barre, deixa bem limpinho. É o lugar que serve pa gente maiá feijão, né? Mas só que agora o nosso terreiro tá virando um mato só. Essa grama abençoada, nosso terreiro era tudo bem limpinho e a gente não tinha criação, mas depois que NFC2 comprou, ai meu Deus! É cabritada, é porco, não vence o terreiro pará limpo. O terreiro é pa maiá feijão e pa tratá das galinha que a gente debuia um milho e joga. O NFC2 falou: agora que eu vou fazê a minha casa [irá construir uma nova casa no mesmo terreno para a família], vou cercá tudo pa prantá rosa! O sonho dele é de prantá rosa, mas no meio da criação não vai nada! Ele adora rosa! Prantá fror em volta da casa, mas aqui no meio do pasto não dá pa fazê nada: o bicho estraga tudo! Essa árvi é só pa bonita! Essa aqui NFC2 prantô! Esse pinho deu bastante na beira do Rio, esses pezinho de pranta deu bastante depois da enchente. Todo mundo foi prantando porque acharam bonito. Esse tamanco agora é só fror! Daqui a um dia é só perfume. Um perfume gostoso à tarde assim. Quando dá aqueles ventão forte essas árvi, é que elas se bate um pouco e o vento chega mais fraco na casa, mas se não for assim arranca tudo, ainda mais nessa casa que é véia. Rebate o vento, é muito! É gostoso as árvi! Quando tá aquele calorão assim a gente sai por baixo das árvi e fica à vontade e no relento não tem jeito ficá porque a casa esquenta muito. As árvi é muito importante! Sem as árvi não é muito bom de vivê. Tem vez que vai um ano que ninguém barre o terreiro, tá terrive o terreiro! Agora quintal, esse ano não pude fazê quintal, tem na roça memo. Agora pa esse ano que vai nascê, se Deus quisé e eu tivé com saúde, vou fazê um Quintal perto de casa. (NFC1, 43, f).

NFC1 fala também que há trabalhos desempenhados nos terreiros como o simples ato de varrer. Bom, mas varrer terrenos considerados grandes não é nada fácil...

O quintal é de ano pa ano. Sempre tem que mudá as terra que ela vai enfraquecendo, a gente não tem adubo, não tem nada e é só o adubo da terra, então esse que é o pobrema, a gente tem que tá sempre mudando. Aí o ano passado não deu pa nós fazê. Eu pranto verdura no quintal. Alface... Pepino não! Pepino é só na roça. O atentado rasta muito, né? Pimentão, couve, cheiro verde, né? Repoio... Teve um tempo que nós prantemo aqui perto dessa casa, menina do céu, não aguentemo usá muito aquele repoio e também vizinho também, foi muito. Ai que judiação! Se você vendê não vendia! (NFC1, 43, f).

Os quintais também são importantes espaços para o enriquecimento da dieta familiar e estão presentes dentro dos terreiros ou fora deles, nas roças. Eles fornecem nutrientes através das verduras, condimentos e plantas medicinais, por exemplo.

Serve pa muita coisa. O terreiro serve pa criação, pa maiá feijão, a árvi serve pa descansá na sombra com sol quente, é assim! Serve pa muita coisa! Serve pa muita coisa! Vou rodeá de café o terreiro que tem umas muda lá no arto e já fez pa gente prantá. É só chegá a Crescente, né? Então já tem uns pé aí e é pa prantá memo. (NFD1, 80, f).

Os terreiros são locais que estão em constante transformação, pois seus donos sempre estão pensando em plantar e tirar alguma coisa. NFD1 irá plantar café em breve no seu terreiro com as mudas que ele mesmo produziu. “Quintal é madeira cercada assim. Corta nos tamanho que queira e faz arrodado assim. No cercado pranta verdura e tudo o que quisé. Quando tem criação pode cercá, quando não tem não carece.” (NFD2, 46, m).

O depoimento abaixo é muito interessante, pois em alguns núcleos familiares, quando se perguntava qual era o nome que se dava ao entorno da casa, o morador respondia acanhadamente que se chamava terreiro e logo em seguida já justificava esse nome dizendo que não era certo chamar assim. “A gente chama de terreiro, mas não é terreiro, é quintal, né?” (NFE1, 47, f, acanhada por chamar terreiro, pois é comum as pessoas associarem terreiro à macumba).

O desejo de se fazer um quintal perto da casa também foi freqüentemente observado, mas a criação desse espaço implica um certo trabalho.

Já era pa mim tê feito um quintalzinho, até porque eu gosto de cheiro verde aqui na porta de casa, né, é bom, né? Dá trabaio pa gente cuidá, fazê que dá mais trabaio. Eu tenho que fazê um quintalzinho. Regula que tem, porque já tem umas prantinhas ali. (NFE1, 47, f).

Outra função interessante é a de manter o terreiro limpo para proteger as pessoas contra animais peçonhentos.

A gente tem o terreiro porque a gente conserva limpo por modo de cobra, por modo de bicho não aqui pa dentro, né? Porque se tivé sujo assim daí vem

bicho, vem cobra, é mais fácil de vim cobra po terreiro, né? Até pa dentro, então a gente conserva assim. É o lugar que a gente tem as criaçãozinha de galinha, né, em vorta da casa. Tem as prantas... Eu gosto do meu bananar, do meu cafezar, gosto do meu laranjá, gosto do meu limãoó, gosto de tudo as coisa. Uva também! Tem um pé de uva ali, só que não deu nada esse ano. Tem manga, tudo eu gosto deles. (NFE1, 47, f).

NFF relata que o terreiro tem um caráter social importante, funcionando como espaços para a socialização – campos para conversas, reuniões... Ela cita também os chamados varais, que estão localizados nos próprios terreiros e são feitos de “arame enfarpado” para impedir que as roupas caiam no chão.

O terreiro é pa varrer, pa gente andá, né? Tando bem limpinho, né? O terreiro é como... Um terreiro bem limpo pa gente andá, pa gente tê espaço, né, pa conversá, pa criação da gente andá, né, então é isso que a gente chama de terreiro, né. Serve pa tudo as coisa, né. Conversá a respeito da gente, quando vem uma gente, né, a gente conversando fora assim, né, terreiro pa estendê roupa, né. Muita coisa que serve, né? As planta serve pa tudo as coisa, né? Como diz o caso, quando tá maduro, o limão pa fazê remédio. Criançada não deixa cá uma no chão quase. Eles come tudo [Gargalhadas!]. Tenho amor pelas minha planta do terreiro. Eu brigo com as criança. O limoeiro ali as criança não deixa pará limão. Eles vêm aí e pega limão e eu brigo com eles. Catam limão e jogam na teia. Não deixa pará limão ali de jeito nenhum, pode oiá ali por baixo do limoeiro. Não tem nada de limão, porque ele cata tudo limãozinho pequeno, cata tudo pa brincar com as criança da escola. (NFF, 68, f).

Para NFG o terreiro atua como um lugar onde as crianças possam se divertir e brincar “à vontade”. Ela contou, certa vez, que quando era criança costumava confeccionar petecas, com palha de milho, para brincar no terreiro com seus irmãos. Hoje, NFG fica feliz em ver seus filhos e netos “fazendo arte” perto da sua casa, sob a “sua mira”, pois assim se podem evitar certos acidentes, visto que seus netos são muito pequenos ainda.

Serve pa criança brincá, né? Tem fror... Eu gosto do meu terreiro. De noite eu gosto de ficar assim, de noite quando tá bem quente eu sento naquele coisa que eu prantei, naquele pezinho de fror lá! Ontem mesmo eu fiquei lá no terreiro descansando. É gostoso a gente ficar assim de noite, ficar sentado. Nossa! Adoro prantá, pena que agora eu não tenho tempo pa nada! Eu tenho vontade de prantá mais coisa no terreiro. Nasceu uns pezinho de onze hora na beira do meu terreiro e eu prantei lá no pneu. O sol judiô um pouco das onze hora e agora tá bonitinha. Eu gosto de fror. Fica bonito na beira do terreiro. (NFG, 46, f).

Novamente observa-se uma pessoa justificando a palavra *terreiro*. Nota-se também que, independentemente das associações que outras pessoas fazem com *macumba* e *saravá*, há uma forte ligação da comunidade com a palavra *terreiro*, que segundo eles já vem dos “antigos”.

Bom, é no costume antigo, né, porque aqui se fala assim terreiro e eles dizem que terreiro é reconhecido como terreiro de umbanda, de saravá, sei lá, né! Eles falam tanta coisa que eu já nem entendo! Mas aqui é o nome que todo mundo anterior já chamavam terreiro, né? Quando você tem o espaço em volta de sua casa grande então se chamava de terreiro e até hoje nós acostumamos ainda, eu falo quintal às vezes, mas é meio difícil porque não adianta dizer que é um quintal e o outro diz: Ah! É terreiro! Então tem que ficar o costume antigo mesmo. (NFH1, 53, f).

Descansar e contemplar a natureza são coisas que NFH1 faz em seu terreiro e ainda dá uma aula de sabedoria quando ressalta a importância que a árvore tem para o meio ambiente.

Bom, eu acho que esse espaço, se você cultivava ele limpo você tá se defendendo de um escorpião, você tá enxergando bicho, você tá se defendendo de uma cobra, muita vez se você tiver com esse espaço muito pequeno em volta da casa, às vezes pode entrar uma cobra dentro de casa e você não sabe cobra foi que entrou. Então você tendo espaço cultivado em volta da sua casa você sabe, você tá vendo o que tá acontecendo, né? E as plantas também é, por exemplo assim, essa madeira para nós é um ar mais puro que traz para nós, né? Um oxigênio que você tem e se corta isso [refere-se às árvores] para nós parece que é um pedacinho de vida que se corta porque para quem não entende, né, para quem não entende uma árvore não tem tanto valor como tem! Você quer ver o valor de uma árvore quando você tá bem enalorado você entra debaixo de uma árvore e você vê o valor que tem uma árvore, né? Acho gostoso, às vezes eu tô com calor e entro debaixo de uma sombra. O terreiro tem muita importância e as árvores que tem em volta do terreiro. As flores, né? As flores parece que você olha nas flores você tá distraído alguma coisa. Você tá olhando aquela flor bonita, então sei lá! Eu para mim é gostoso! Tem um pé de ameixa que meu menino plantou e já tá começando a dar. Já é uma fruta para a gente comer, né? Tem um pé de conde, nós trata a tã, não serve até aqui para nós, às vezes não comemos, mas tem os passarinhos que se alimentam dela. Tem muita coisa. (NFH1, 53, f).

Há também as trocas de sementes e mudas entre os terreiros. Quando alguém gosta de uma determinada planta que se encontra na casa de fulano, já vai logo pedindo “uma sementinha, um galhinho...”. Através desse processo, os moradores empreendem a manipulação das espécies vegetais que ficam próximas à casa de acordo com o tipo de função que exercem, por exemplo, de enfeite, alimento, remédio, etc.

Aquela madeira que tá com fror [refere-se à árvore, chamada por eles de Natalzinho, que está no terreiro] foi ele [refere-se ao marido] que prantô e aquela madeira ali ele transmitiu semente lá pa Cumpádi NFE2 prantá aquela lá da frente da Igreja. Foi ele que deu semente pa Cumpádi NFE2 prantá! Daí Cumádi NFI achou ali um pezinho também ali que nasceu e prantô na casa dela. (NFH1, 53, f, falando da troca de mudas e sementes).

Os terreiros e quintais são “espaços bem generosos”, onde sempre cabe mais alguma coisa: “a criação” mora no terreiro, “as verdurinhas” moram nos quintais... “Tem lugar pra mais um pato, uma cabrinha e uma arvinha?” Esses lugares são iguais aos corações das mães... Sempre cabe mais um!

Eu chamo assim terreiro, mas a turma fala que terreiro é terreiro de saravá, então pode chamar quintal, mas não tem nada a vê, né, porque todo mundo fala: Ah! Eu tô limpando o terreiro! Eu nunca falo quintal! O que eu tenho de quintal é tudo com cerca, com madeirinha. Isso pa mim é quintal, mas terreiro... O quintal é mais paradinho porque posso prantá verdurinha e o terreiro fica pas galinha assim pastá mais forgado, né? E as prantinha que eu pranto também, né! O terreiro serve pa mim, já digo, eu gosto do terreiro pa mim prantá uns pezinho de fror. É que eu não tenho fror no terreiro porque não vai dá assim, mas eu pranto mas não vai dá assim. Por causa disso eu gosto do terreiro. Às vez, quando dá um terreiro que não dá peda serve até pa gente maiá um feijão, não precisa pôr assim a lona pa forrá a gente pôe, a gente pôe o feijão em cima da terra mesmo. Tem que tá limpinho, sem peda, sem nada, mas quando tá com peda assim não tem jeito. Aí tem que forrá. No meu terreiro eu maio feijão, mas carece forrá. Dá pa fazê muita coisa no terreiro. Sabe, não tá sobrando tempo nem pa mim limpá meu quintal! Dá trabaio. Não tá sobrando hora pa mim limpá o terreiro também. Tem que carpi com a enxada, limpá aquela pedeira e arrastá. Toda hora tem que carpi. (NFI, 56, f).

Como diz a canção popular, “flor minha flor, flor vem cá...”, as flores exercem um poder de atração irresistível e são elementos fascinantes que encantam com suas cores vivas e formas variadas. NFI tem toda razão quando fala com tanto amor das flores.

Eu tenho uma coisa com fror, Senhor do Céu, mas eu gosto! Eu gosto tanto de fror, sabe, que por causa disso lá em casa não vai a rosa. Pranto, pranto, pranto e não vai, não vai. Eu gosto de fror, mas eu gosto! Eu acho que quando for pa mim morrê eu quero bem numa época das frores. Eu gosto tanto de fror! Chegava no terreiro, de primeiro eu oiava assim, de modo que as galinha, e era aquela parecia de fror e o que as criança falava pa mim: Ave Maria! O cemitério mudou aqui [risos]. Qué isso, tia? Mema coisa que cemitério! Ai, é que eu gosto! Deixa o meu cemitério desse jeito! Mas eu gosto tanto de fror! E as galinha lá de casa não deixa ir dá cima, mas eu gosto tanto de fror. Gosto memo! Tem cada fror bonita, Senhor do Céu! Eu teimo com rosa lá em casa, mas formiga não dá tempo e aí quando tá formado vem a formiga, trata tudo. Eu ponho farinha com sal, diz que é muito bom, coloco, mas não adianta, não mata nada. É triste! (NFI, 56, f).

Se você pensou que o cultivo de grandes culturas estava restrito às roças, se enganou. NFJ é um exemplo disso, pois sempre usa o seu terreiro para cultivar milho, feijão, arroz... Segundo ela, fica mais fácil cuidar da lavoura por estar mais próxima da sua residência. Mas, para conseguir isso, é preciso tirar os animais de criação do local para que não destruam a plantação.

Terreiro serve pa mim maiá feijão, serve pa mim pa tudo as coisa. Criação lá eu não posso criá por modo de prantaçãozinha na beira do terreiro, né? [Planta milho no terreiro.] Minhas criação vem pa minha irmã. Esse ano eu prantei feijão lá, prantei rama. Agora tem rama e mio. Também gosto de fror! (NFJ, 73, f).

É lindo e poético o relato de NFL. Tudo no seu terreiro tem um significado marcante: os banquinhos debaixo das amoreiras, a conversa e o canto dos passarinhos, os momentos de contemplação e descontração... Certa vez, ao passear com NFL por um corredor de árvores bem antigas e frondosas, presentes em seu terreiro, as lágrimas começaram a deslizar de seus olhos assim que começou a contar a história da sua vida através das plantas que estavam lá. Naquele momento todas as plantas pareciam estar olhando com muita atenção e respeito para aquele senhor de cabelinhos brancos que falava das árvores que cultivou como quem fala de um filho. Esse dia foi mágico e a emoção tomava conta do ambiente.

É uma alegria pa mim, porque tenho o terreiro, lá a criação, debuio um milho lá pa criação comê, né, então eles amontoa ali e eu fico lá oiando. É uma alegria memo! O terreiro serve pa mim maiá um feijão, serve pa mim secá um arroz, pa tudo isso serve! Eu estendo uma lona grande lá e ali eu forro ali. Aquele banquinho [refere-se aos bancos que ele próprio construiu em baixo das suas amoreiras] é pa eu sentá com os amigo, ficá lá contando caso. Pa conversá lá, trocá idéia! Eu gosto também das minha pranta do terreiro. Gosto! Tem abacate, laranja que é pouca também, tem abacate, tem banana, tem jaca, tem esse coisa limão, né? Esses amoreira aí, que prantei também, então passarinho come bem, essas guaiava aí eu perco hora de vê, interessante os passarinho aí comendo, pa mim vê eles. É piriquito, piriba... E fico aí oiando e eles agarram naquela conversa, eles gostam de sentá ali comendo guaiava. Eu gosto de vê e as criançada quer ir batê e eu digo, não mexa nos bichinho e digo você não tá com fome você não vai se batê? Eles tão se batendo porque tão com fome. Eu gosto do bichinho lá! Tem um passarinho que chega cedo no pé árvi e começa a cantá. Você fica escutando... A gente esquece da besteira que tá na cabeça, né? Fico aqui só eu e Deus! Chega o bichinho, canta, pega uma futinha e come, pula num lugar... É divertido ficá lá oiando, né? Eles gostam das guaiava, das amora e do bacate. (NFL, 79, m).

O passado também é lembrado e está presente o tempo todo na vegetação do terreiro. NFM1 conta a história da sua família tendo sempre como ponto de referência as plantas, um elo muito forte entre o passado e o presente.

É coisa boa porque tudo a gente aproveita, né? O que dá isso tudo a gente aproveita. É o café, é a laranja, é a uva, duas uva, né?! [Refere-se às parreiras que tem.] Única que não dá direito é a manga, só! Mas tudo é coisa boa, né? Eu gosto! Essas pranta que tem em volta a maioria fui eu que prantei. Esse pé de uva é da idade de NFM2 [refere-se à filha], tá com 20 ano. A pranta mais véia, que a pranta do tempo do meu pai, tá com uns 105 poucos ano. Eu moro há 14 ano nessa casa, mas já tinha outra pra lá que já tinha caída, sabe? Tem uma que as criança queimaram [Segundo NFM1, só havia pedaços dessa casa e as crianças, no meio das brincadeiras, terminaram de destruí-la.] e tem outra que ela caiu e nós fizemo essa aqui. Tem mais de cem ano que já tem aqui. Tem pranta que meu pai prantô. Aquele pé de manga ali não é meu pai que prantô. Ele já comprou dos morador que era daqui, eles comprô uns pé de pranta. Comprô um capão de cana, um capão de café e laranja. Aí os pé mais véio foram morrendo e os mais novo foram se formando. Que os pé de manga que tem aqui já é filho daquela gente. A manga antiga faz 7 ano que ela não dá fruto mais. As veze que ela deu eu tava grávida de NFM3 e não deu mais. Tem pranta bem antiga. Pranta que o meu pai prantô já não tá tendo mais. Única coisa que era do meu pai era um pé de jabuticaba, mas quebrou com o vento. O resto das pranta que tem aqui foi tudo eu que prantei. O pé de jaca ali foi meu irmão. Essa é pranta dele. Eu conheço tudo o que prantei. Tudo o que eu tenho eu gosto deles. (NFM1, 53, f).

O cenário da trajetória de vida das pessoas, muitas vezes, é o terreiro. Lá estão presentes os mais diferentes sentimentos e sensações – linhas que juntam e costuram vidas.

Puis é isso que eu ia falá pa você! A gente fala quintal, fala terreiro. O terreiro representa minha alegria aqui, viu! Esse terreiro aqui meu que tá no redor da minha casa, já digo pa você, que representa pa mim uma grande alegria! Tudo amor que a gente tem, a gente tem 55 ano de casado, eu tenho amor naqui. Nesse lugar aqui, sabe? Com tudo a pobreza da gente, a gente não passa a farta de nada. Nós nunca passêmo farta aqui nesse lugar de nada! Criê tudo nosso fio aqui. Eu tenho o meu bacateira. Tudo eu com meu véio que prantô. Tudo é nosso! Aqui você qué comê uma verdura cê tem, qué comê um feijão cê tem, qué comê um arroz cê tem. (NFN1, 71, f).

De acordo com esses depoimentos observa-se que a história e a importância dos terreiros e quintais estão intimamente ligadas às experiências de vida das pessoas. Esses relatos são essenciais para a compreensão e a análise da dimensão desses lugares tão ricos, com funcionalidades bem diversificadas.

Realmente este universo “terreiros quintais” é fabuloso e comovente, mostrando-nos de uma forma tão simples e sensível o que pensam essas pessoas tão especiais. Costuma-se dizer que esses espaços mostram a alma das pessoas. E mostram mesmo...

6.4 Aspectos socioeconômicos

6.4.1 Coleta de dados

O período de coleta de dados se estendeu de março a dezembro de 2003, quando foram realizadas 8 viagens a campo com duração média de 8 dias. Vale ressaltar que a pesquisadora durante todo esse tempo permanecia na comunidade, devido às dificuldades de condução até a cidade mais próxima (Iporanga, SP), ficando sempre

hospedada na casa de uma moradora. Esse fato foi muito importante, porque em pouco tempo se estabeleceu um forte vínculo de amizade entre a comunidade e a pesquisadora.

O primeiro mês do trabalho de campo foi destinado ao processo de integração social (pesquisadora/comunidade) e ao conhecimento de todos os núcleos familiares estudados da comunidade de Praia Grande. Durante essa fase foi discutido com eles o projeto (objetivos; a que se destinava; metodologia), e depois os mesmos foram convidados a participar do trabalho. Vale ressaltar que os critérios utilizados para a escolha dos domicílios foram: que os núcleos familiares fizessem parte da Comunidade Remanescente de Quilombos de Praia Grande; e que as pessoas entrevistadas fossem as responsáveis pelo cuidado e manutenção dos terreiros.

As mesmas foram indicadas pelos moradores da área à medida que as viagens a campo se faziam. Todos os 13 núcleos familiares visitados aceitaram fazer parte da pesquisa. Um outro núcleo familiar foi indicado pelos moradores, mas não foi possível realizar a pesquisa lá porque o seu morador (o único da residência) também residia em Iporanga, ficando difícil achá-lo na comunidade. Foram feitas várias tentativas, mas nas viagens de campo o morador nunca era encontrado.

Os aspectos qualitativos, contextuais e históricos dos núcleos familiares e da área onde moram foram obtidos a partir de observações participantes, entrevistas estruturadas (na forma de questionários) ou não-estruturadas, registradas por meio de gravações e de anotações em caderneta de campo (**Apêndice 5**).

A partir do segundo mês foram realizadas pesquisas socioeconômicas. Estas foram gravadas e anotadas em caderneta de campo. Observações diretas e participantes se deram junto aos moradores - bem como passeios livres pelos terreiros com os mesmos, para coleta de material botânico das espécies úteis e anotação de informações sobre seu(s) uso(s). Prioritariamente, buscou-se o conhecimento que a comunidade possuía em relação à história do uso das plantas presentes nos terreiros.

Os depoimentos foram realizados com 12 mulheres e com 1 homem, numa faixa etária variando de 41 a 80 anos.

6.4.2 Caracterização socioeconômica

Os núcleos familiares estudados estão divididos em 6 bairros, denominados pelos seus moradores: Funil (3 casas), Baxio Comprido (1 casa), Praia Grande (3 casas), Berta (3 casas), Martinho (1 casa) e Rio Pardo (2 casas) (**Apêndice 1**).

Não há saneamento básico, nem energia elétrica, mas há um sistema de captação de luz solar através de uma placa que permite que uma ou duas lâmpadas funcionem no decorrer do dia. Das 13 famílias visitadas, apenas 4 casas não possuíam esse sistema e seus moradores alegaram não aderir ao mesmo devido ao alto custo da placa. Segundo eles a prefeitura de Iporanga teria cobrado uma taxa de R\$ 20,00/mês, durante um ano, para que pudessem ter acesso à iluminação. Mesmo com essa fonte alternativa de iluminação, todos os colaboradores da pesquisa disseram utilizar ainda lampiões e velas, pelo fato de a luz das lâmpadas não clarear a casa inteira.

Um morador relata, a seguir, porque não aderiu a essa iluminação alternativa.

Aquilo ia custando mais ou menos que a querosene. Caro demais! Tavam cobrando 15... Aí falaram pa mim e disse: eu não quero nada. Eu gasto de querosene 4 litro aí por mês e 4 litro às vez não dá 10 real por mês e eu fico aí com a luz que só alumeia um pedaço só e eu não posso mudá pa parte nenhum! Gastá 15 real? Ah, não! (NFL, 79, m).

Apesar de não existir energia elétrica, em todas as casas estudadas a forma de obterem notícias é através do rádio, funcionando à pilha ou através da energia solar. Em apenas uma casa foi encontrada uma televisão à bateria. Segundo a moradora da casa, é preciso ter uma antena parabólica para se ter uma boa imagem e a mesma se encontra no terreiro da casa.

A água consumida pelos moradores vem de nascentes localizadas geralmente no topo dos morros, mas eles contam que durante muitos anos, por mais de décadas, utilizaram a água do Rio Ribeira de Iguape e dizem terem sofrido muito nessa época porque a água era bastante “barrenta e suja”, dificultando a lavagem de roupas, a higiene pessoal, o preparo de alimentos, entre outros afazeres. Somente há uns 20 anos os moradores

conseguiram canos, cedidos pela prefeitura de Iporanga, para captação de água das nascentes. “A gente tomava água da nascente só quando o Rio tava cheio. A gente ia buscá água lá do córrego. Era lá embaixo. A gente ia buscá lá. Mas quando o Rio tava baixo, só tinha água da Ribeira memo. Lavava roupa na Ribeira tuda a vida. Ai, que tempo difícil!” (NFF, 68, f).

O lixo de todos os domicílios é geralmente queimado e/ou enterrado de acordo com o material que é jogado fora (latas, por exemplo, são enterradas, papéis são queimados, plásticos são enterrados ou queimados), visto que não há um programa de coleta de lixo na comunidade devido à distância a que se encontra do município de Iporanga, a cidade mais próxima.

Algumas pessoas da comunidade (homens, crianças e jovens) encontram uma forma de lazer no jogo de futebol realizado todos os domingos no campinho, situado no Bairro Praia Grande (**Apêndice 1**). Nesses amistosos as pessoas aproveitam também para conversar e “trocar idéias”, visto que durante a semana há trabalho pesado nas roças, impedindo que os moradores se encontrem. Vale ressaltar que muitos da comunidade, principalmente os mais jovens, reclamam por não terem outras opções de lazer no bairro. Há algumas festas tradicionais que ocorrem ao longo do ano, mas são esporádicas.

Dentro da população estudada, 5 núcleos familiares disseram ser proprietários do terreno em que moram, 5 residem em terreno cedido por familiares e/ou amigos e 3 dizem ser posseiros.

O tempo médio de ocupação do terreno é de 28,31 anos, tendo 55 anos o mais antigo domicílio estudado e o mais recente 6 anos (Tabela 1). O número de anos de ocupação da área não quer dizer que as pessoas estejam morando em Praia Grande continuamente dentro dessa faixa de tempo, pois muitos colaboradores afirmam terem mudado de terreno em alguns momentos.

Dos 13 Núcleos Familiares estudados, 11 possuem casas de pau-a-pique e 2 de madeira. Segundo os moradores, a construção da casa de madeira é cara, mas vale a pena pelo fato de “não juntar sujeira e barro”. Já para conservar por mais tempo a construção de pau a pique, é preciso “barrear” (passa-se barro misturado com água nas paredes) a casa todo ano, para que não fiquem frestas e buracos nas paredes. Essas casas, segundo relatos, podem durar mais de trinta anos se forem bem cuidadas. A história da arquitetura local possui

um forte vínculo com o passado, porque segundo os moradores “os antigos” já utilizavam essas formas de construções e isso foi passando de geração para geração.

O tamanho desses terrenos varia, apresentando em média uma área de 2.024,92m², medindo o maior 4.998m² e o menor 1.050m² (Tabela 1). Eichemberg (2003), em um estudo realizado com quintais, classificou o tamanho desses espaços da seguinte forma: acima de 1000m², quintais grandes; de 600 a 999m², quintais médios; e até 599m², quintais pequenos. Observa-se neste trabalho que todos os terrenos categorizam-se como grandes.

A média de residentes por domicílio é de 4,54, sendo que em quatro casas havia somente 1 morador. O número maior de habitantes foi encontrado no NFM, registrando 11 moradores.

Tabela 1. Local/Bairro, tamanho do terreno, tempo de ocupação e número de moradores dos 13 Núcleos Familiares.

Local/Bairro	Núcleo Familiar	Tamanho do terreno (m ²)	Tempo de ocupação (anos)	Nº de pessoas por casa
Funil	NFA	1.085	06	5
	NFB	1.833	30	5
	NFC	4.988	22	9
Baxio Comprido	NFD	1.380	30	3
Praia Grande	NFE	2.160	27	4
	NFF	1.457	23	1
	NFG	1.050	25	9
Berta	NFH	1.976	33	7
	NFI	1.075	08	1
	NFJ	2.442	06	1
Martinho	NFL	2.703	50	1
Rio Pardo	NFM	2.145	53	11
	NFN	2.030	55	2
	Média	2.024,92	28,31	Total: 59

Um fato interessante é que os colaboradores da pesquisa caracterizaram os espaços em volta da casa, destinados para o cultivo de plantas, como terreiros e quintais. De acordo com os depoimentos, o terreiro é toda a área localizada em volta da casa, enquanto o quintal é um espaço limitado, geralmente cercado, contido no terreiro. Muitos alegaram não ter mais quintais devido à falta de tempo para a construção desses espaços, mas gostariam de tê-los novamente. Vale ressaltar que esses quintais também

poderiam estar presentes nas roças, mas como este trabalho tinha por objetivo tratar do entorno das casas, o levantamento das espécies vegetais nesses locais não foi realizado.

Através da pesquisa só foram encontrados os chamados quintais em apenas 5 núcleos familiares, onde, todavia, poderia ser encontrado mais de um quintal. O tamanho dos mesmos varia de 9m^2 a 135m^2 (Tabela 2).

Tabela 2. Número e tamanho dos quintais presentes nos 5 Núcleos Familiares.

Núcleo Familiar	Nº de Quintais	Tamanho do Quintal 1	Tamanho do Quintal 2	Tamanho do Quintal 3	Tamanho Total
NFE	3	$3\text{m} \times 2\text{m} = 6\text{m}^2$	$1\text{m} \times 1\text{m} = 1\text{m}^2$	$2\text{m} \times 2\text{m} = 2\text{m}^2$	11m^2
NFF	1	$3\text{m} \times 3\text{m} = 9\text{m}^2$	-----	-----	9m^2
NFI	2	$10\text{m} \times 9\text{m} = 90\text{m}^2$	$6\text{m} \times 5\text{m} = 30\text{m}^2$	-----	120m^2
NFJ	1	$5\text{m} \times 5\text{m} = 25\text{m}^2$	-----	-----	25m^2
NFN	2	$9\text{m} \times 10\text{m} = 90\text{m}^2$	$10\text{m} \times 4,5 = 45\text{m}^2$	-----	135m^2
Total: 9		Média			$33,4\text{m}^2$

(-----) = Não há quintal

O fato de não terem sido encontrados quintais nos terreiros dos outros 8 Núcleos Familiares não implica que esses espaços não sejam importantes para a comunidade, pois, como foi abordado acima, os mesmos podem estar presentes também nas roças (locais afastados das casas onde se costumam plantar as chamadas grandes culturas, tais como arroz, feijão, milho e mandioca). Além disso, de acordo com as entrevistas feitas, 4 famílias (NFA, NFC, NFG e NFM) têm quintais nas roças, além daquelas 5. Outra observação importante é que dos 5 núcleos descritos na Tabela 2, dois (NFE e NFF) possuem quintais na roça.

As famílias (NFB, NFD, NFH e NFL) que não têm quintais nem nos terreiros nem nas roças disseram ter vontade de construir esses espaços no futuro, porque “sempre é bom comer uma verdurinha fresquinha”. Vale ressaltar que todos esses núcleos já tiveram esses espaços tanto nos terreiros como nas roças, podendo-se então constatar que esses lugares estão em constante transformação.

Um aspecto interessante para ser abordado é o fato das pessoas não permanecerem em Praia Grande devido às condições que o lugar oferece: trabalho na roça; dificuldades de condução, entre outras (Tabela 3).

O relato a seguir mostra a insatisfação de uma adolescente em relação ao modo de vida na comunidade, que busca no futuro realizar seus sonhos numa cidade grande.

Eu tenho vontade de sair daqui. Eu acho o lugar muito difícil. Eu tenho vontade de arrumar um emprego, trabalhar, ganhar dinheiro e comprar as coisas que eu quero. Trabalhar em roça é um serviço muito pesado e eu não gosto muito. Tenho vontade de ter uma casa, uma casa bem ajeitada, sei lá. Uma casa boa. Eu tenho vontade de morar em Sorocaba porque acho que a única cidade mais sossegada. Eu não conheço lá e minha prima mora lá. Eu tenho vontade de ser enfermeira ou médica, porque o tio disse que enfermeira e médica ganha muito bem. (NFH2, 13, f).

NFH3, por sua vez, faz uma análise crítica dessa situação e diz que tem um irmão que mora em São Bernardo do Campo, SP, que está querendo voltar para a comunidade porque está desempregado. “Os que foram tão querendo voltar. A gente que tá aqui tá querendo sair.” (NFH3, 19, m).

Essa linha de sonhos e a perspectiva de se tentar a vida num outro lugar refletem o declínio da população de Praia Grande ano após ano.

Tabela 3. Perfil dos filhos dos colaboradores da pesquisa que já não moram mais em Praia Grande (PG).

Núcleo Familiar	Nº de filhos	Nº Filhos que saíram de PG	Saída de PG (idade)	Idade atual	Local de Residência
NFA	4	1	19	20	Tatuí-SP
			14	50	São Paulo-SP
NFB	7	3	20	48	São Paulo-SP
			14	45	Rocha-PR
			19	21	Barra do Turvo-SP
NFC	10	3	17	18	Sete Barras-SP
			14	16	Descalvado-SP
			19	52	Itapeva-SP
NFD	6	2	20	40	São Paulo-SP
			20	26	Iporanga-SP
NFE	5	3	18	23	Tatuí-SP
			19	20	Poço Grande-PR
			----	----	----
NFH	10	5	18	32	São Bernardo do Campo-SP
			16	26	São Bernardo do Campo-SP
			22	24	São Bernardo do Campo-SP
			18	22	São Bernardo do Campo-SP
			13	20	Iporanga-SP
			18	58	Sorocaba-SP
NFJ	5	5	25	56	Iporanga-SP
			18	52	Sorocaba-SP
			17	38	São Paulo-SP
			20	33	Sorocaba-SP
			20	29	Escorrência-SP
NFM	7	3	21	26	Iporanga-SP
			18	25	João Sura-PR
			17	54	Sorocaba-SP
			16	52	Sorocaba-SP
NFN	10	10	16	50	Sorocaba-SP
			18	48	Sorocaba-SP
			14	46	Curitiba-PR
			16	43	Curitiba-PR
			13	41	Curitiba-PR
			27	39	Mamona-PR
			18	36	Sorocaba-SP
			24	27	Sorocaba-SP
Total:	69	35	Média: 18,17		

Vale lembrar que NFF, NFI e NFJ não possuem filhos e por isso não estão presentes na tabela 3.

Os resultados vistos na tabela acima mostram que 50,7% dos filhos dos colaboradores da pesquisa já foram embora da comunidade e a média de idade de saída do local é de 18,7 anos.

NFE fala dos seus filhos que foram embora e afirma que os mais novos não permanecem em Praia Grande porque não têm uma fonte de renda fixa que possibilite uma estabilidade no decorrer do mês. Por isso buscam morar nas cidades, nas quais irão ter a oportunidade (ou não) de trabalhar para obterem uma renda mensal.

Os dois foram embora porque aqui a gente mora num lugar tão difícil. Eles prantava feijão e quase não dava nada. Aí a vontade deles era vendê, trabaiá, assim, prantando as coisa assim pa vendê pa pegá dinheiro, pa ganhá dinheiro pa comprá as coisa, porque sabe como a rapaziada como é que são. Eles quer andá bem arrumado, então como não dava nada eles procuraram ir embora pa arrumá um emprego pa tê dinheiro pa comprar as coisa que eles queria. (NFE, 47, f).

Muitas questões vêm à mente para a reflexão quando observamos essa mudança das pessoas do campo para a cidade: Será que as tradições antigas estão se perdendo? É importante manter a comunidade no seu local de origem? O que e como fazer para que a população permaneça no campo?

Tabela 4. Informações sobre os colaboradores da pesquisa dos 13 Núcleos Familiares

Núcleo familiar	Idade	Sexo	Escolaridade	Morou fora de PG? Quanto tempo e onde?	Tempo de residência em Praia Grande
NFA1	41	f	1ª série do 1º grau completa	10 anos em Botucatu-SP	31 anos
NFB	80	f	analfabeta	-----	80 anos
NFC	43	f	4ª série completa do 1º grau	-----	22 anos
NFD1	80	f	analfabeta	-----	80 anos
NFE	47	f	analfabeta	-----	27 anos
NFF	68	f	analfabeta	Morou 15 anos em São Paulo	53 anos
NFG	46	f	1ª série completa do 1º grau	Morou um ano em Itapetininga, SP	45 anos
NFH1	53	f	1ª série completa do 1º grau	-----	45 anos
NFI	56	f	analfabeta	-----	48 anos
NFJ	73	f	analfabeta	-----	55 anos
NFL	79	m	analfabeto	-----	57 anos
NFM	53	f	analfabeta	-----	53 anos
NFM1	71	f	analfabeta	-----	55 anos
Médias	60,76				50 anos

(-----) – Nunca morou fora da Comunidade de Praia Grande.

A tabela 4 mostrou um dado muito preocupante, a saber, que cerca de 70% dos colaboradores da pesquisa são analfabetos, sem contar com os outros membros da casa, que muitas vezes também se encontravam nessa situação. Isso nos revela o retrato da marginalização e do esquecimento em que vive essa comunidade.

Muitos dizem não ter estudado porque seus pais exigiam que trabalhassem na roça o tempo todo.

Foi perguntado aos 13 colaboradores se eles (os analfabetos) gostariam de estudar ou se, os que já estudaram, gostariam de voltar a aprender mais um pouco. E todos, sem exceção, têm como sonho ainda descobrir e desvendar o mundo das letras e da leitura.

Por que não desenvolvermos projetos, junto com a Unesp, de alfabetização para adultos? Por que não motivar as crianças que freqüentam a Escola de Praia Grande a serem agentes multiplicadores, ensinando seus familiares e amigos? Há muita coisa

para se pensar e para se fazer. O tempo urge e medidas urgentes precisam ser tomadas para que não fiquemos sempre nos nossos mundinhos da pesquisa, enclausurados em redomas do nosso próprio eu, sem pensar no que ocorre nos entornos dos trabalhos que desenvolvemos.

Justamente por esse grande número de analfabetos, o principal meio de transmissão do conhecimento é a língua falada, um traço marcante e fascinante do modo de vida dessa sociedade. O saber é basicamente transmitido de geração para geração oralmente e na prática diária do fazer e observar. Devido à pouca ou nenhuma escolaridade formal, não desenvolveram um código de linguagem escrita. A única escola que essas pessoas frequentaram e frequentam até hoje se chama VIDA.

Segundo Junqueira (2002, p. 60) a tradição oral possui características significativas como o desenvolvimento da atenção e da observação, tanto das pessoas como da natureza. “É um aprendizado gradual que exige o aprimoramento dos sentidos, do saber ouvir, enxergar, sentir. Observa-se muito e pergunta-se pouco.”

Esse elo que une o velho e o novo, presentes nas histórias contadas e nas lembranças, é muito importante para a conservação da identidade cultural desse povo. Nessa perpetuação de saberes, os aprendizes se transformam em mestres e os mestres em aprendizes.

Abaixo estão reunidos alguns depoimentos comoventes de pessoas que ainda têm a esperança de que um dia irão fazer parte do universo das letras e dos livros.

O sonho de aprender: portas para a construção do saber

Eu tenho tanta vontade! Menina do Céu! É tão ruim a gente pegá e ficá sem estudá porque comprica muito, né? Cê qué assiná alguma coisa, baráia, qué fazê uma carta, você fica ali querendo mandá uma carta pa uma pessoa cê não pode porque você erra. Eu confundo as letra, sabe? Se eu vou colocá *n*, eu ponho *r* no... Isso que confundo as letra, porque eu não aprendi aquelas letra que tudo mundo aprende... Eu não sei! Você tem que sabê as letra compretinha do abecedaro todinho, né? E pa mim já...Tenho vontade! Tinha vontade e tenho até hoje de estudá! Ainda não sei ainda, porque aqui é difícil! Mas se eu chegasse a saí daqui um dia, eu... Se um dia ainda, porque é bom a gente estudá, né? Muita coisa que a gente confunde ali, até dinheiro que a gente pega ali e você não conta e confunde pa gente depois. Eu não sei contá dinheiro bastante. Dinheiro bastante, duzentos pa lá eu não sei. Então já confunde. Você tem que sabê bem a leitura pa não compricá. (NFA1, 41, f).

Segundo relatos de moradores, a primeira professora a lecionar em Praia Grande chegou, no ano de 1967, à comunidade por intermédio dos projetos sociais realizados pelas Madres de Eldorado, SP. Deu aula durante um ano em uma casa improvisada e a partir daí chegaram outros professores, mas, no entanto, era difícil para as pessoas estudarem naquela época porque não havia incentivo, principalmente por parte dos pais. Os filhos tinham que ficar, muitas vezes, exclusivamente na roça, de onde tiravam o sustento da família.

Os que estudam hoje são motivos de orgulho para seus pais, que sempre dizem que não querem que os filhos fiquem sem saber ler e escrever direito como eles.

A coisa mais beleza que senti na minha vida era isso! Eu não tenho inveja de nada, nada, nada dessa vida, mas o estudá, isso não é sorte é farta de carpricho do pai com a mãe. Quando o pai com a mãe são caprichoso o fio aprende, põe na escola, estuda, estuda e força ele, mas o pai com a mãe: vamo trabaiá! Vamo na roça! Vamo carpi isso e aquilo ali! Tá certo ajudá um pouquinho! Igual meus fio, eu não amarrei meus fio, mas tem que estudá! Tem que estudá porque eu não quero que vocês saiam burro do modo eu! Memo o nome de vocês, alguma coisa tem que aprendê! Ensinaaram conta, Graças a Deus, tudo eles aprenderam um pouquinho. Todo ele, não tem um que não aprendeu. Meu pai e minha mãe não deixavam de jeito nenhum! Meu padrinho falô po meu pai: ói, me dá NFL pa mim estudá ele e o resto é por minha conta. Meu pai não quis me dá esse recurso de vida. Se ele me desse esse recurso de vida eu talvez não tava nesse mato! Eu podia tê minha casa boa, né? Podia tê uma vida mais confortável, né? Mas tô trabaiando até hoje [risos]. Decerto Deus quis assim e a gente não pode recramá, porque tem muito deles que estuda, estuda e só aprende roubando, né? Mas a gente não ia pensá um coisa dessa se a gente estudasse, como a gente não usa isso aí, não roba, Graças a Deus, a gente teve com a vida tranqüila, uma boa amizade que Deus dá pa gente. A gente é caipira e não sabe falá bem falado, mas afinal de conta a gente o que pode fazê a gente faz, né? Então é isso aí! A coisa mais linda que eu sentia na minha vida se eu estudasse, ô, era pa mim a coisa mais beleza, mas tá bom! (NFL, 79, m).

Percebe-se nas palavras destes colaboradores a vontade de estudar, e embora já se “sintam velhos e cansados” ainda há esperança de um dia esse sonho se realizar.

Eu risco male má. Eu tenho vontade de estudá, mas não tive essa sorte de estudo. Vontade eu tenho de estudar. Eu sou ruim de vista, mas se entrasse uma escola eu ia. Eu ia memo! Sou ruim de vista, mas eu ia pela vontade que eu tenho! Ai, meu Deus do Céu, por que eu brigo com as criança [refere-se aos seus sobrinhos] cando vê que não qué ir pa escola? Brigo memo! Brigo

memo! Ô cês criança, se nós tivesse uma vida assim, perder dia de aula! Eu brigo com eles memo, brigo memo! Nós não tivemos essa chance, não tivemos! (NFI, 56, f).

A Escola de Praia Grande é Municipal e hoje há seis professores lecionando desde a pré-escola até a 7ª série do ensino fundamental. O turno escolar é matutino e os alunos lancham e almoçam no local.

Atualmente há 41 alunos freqüentando a escola, sendo que 06 são moradores da Comunidade de João Surá, PR. Estes, por sua vez, para estudar precisam fazer um percurso de duas horas meia, a pé, até Praia Grande. Os 35 alunos restantes pertencem à comunidade de Praia Grande.

Neste ano entrará na formação escolar mais uma série: a 8ª. De acordo com os professores não há perspectiva de inclusão do 2º grau, o que dificulta a continuação dos estudos dos alunos, visto que para prosseguirem na escola terão que se deslocar para Iporanga. Fica a torcida para que no próximo ano sejam oferecidas aulas para as séries mais avançadas.

6.5 Os lados de Praia Grande

“Da janela o mundo até parece meu quintal.
Viajar no fundo, é ver que é igual o drama
que mora em cada um de nós.”
Milton Nascimento e Fernando Brant.

Praia Grande tem lados bons e lados ruins, como relata a comunidade. As maiores dificuldades enfrentadas pela população dizem respeito ao meio de transporte. Só há um barco disponível, que leva os professores de Iporanga até Praia Grande, todos os dias durante o período letivo, e serve também para transportar os moradores em caso de problemas relacionados à saúde. Muitos também reclamam que não há médicos na comunidade e que o postinho de saúde ali presente não está funcionando.

O lado difícil pa mim que eu acho é quando a gente tá doente não tem jeito de saí. Tem o posto de saúde, mas não tem médico, não vem nem uma enfermeira dá uma oiada em nós. Tem posto de saúde! Se fica uma pessoa doente aí vai pegá uma diprona no posto pa tomá não tem. Não tem. Aqui o

que sobrevive é com os chazinho do mato memo. Difícil é a condução, né? Esse negócio de barco que é embolado, né? Ninguém sabe como é que é! (NFI, 56, f).

O lado bom de Praia Grande mais relatado pelos moradores é a tranqüilidade do local, onde as pessoas vivem um dia de cada vez. NFG não pretende se mudar de Praia e se orgulha de morar na comunidade, apesar de todas as dificuldades encontradas. “Eu adoro morar aqui. Só depois de morta que eu saio daqui.” (NFG, 46, f).

Assim como todos os lados da vida, há coisas boas e ruins, mas pode-se dizer que Praia Grande é um lugar mágico com pessoas encantadoras que, apesar das lutas diárias pela sobrevivência, respeitam e amam o lugar onde moram.

6.6 O trabalho nas roças

Os moradores de Praia Grande são agricultores familiares produzindo alimentos basicamente para seu autoconsumo. Os excedentes da produção são trocados entre vizinhos e/ou vendidos para a própria comunidade e/ou para a cidade de Iporanga, SP. Muitos dizem ser difícil transportar os produtos para Iporanga, porque não há estradas, há um só barco na comunidade e a gasolina é escassa.

Dentro do universo de pessoas estudadas, 7 possuem como maior fonte de renda a aposentadoria. Uma pessoa possui pensão do marido e uma recebe a renda da filha, que foi aposentada por problemas mentais. Os outros 4 Núcleos Familiares têm como ocupação principal a agricultura.

O sistema de agricultura de Praia Grande é itinerante ou de coivara, aquele em que as pessoas vão mudando o local de plantio das roças para que a terra não fique “desgastada” e para que haja uma boa produtividade.

Nas roças são plantados basicamente: feijão (variedades: rosinha; carioquinha/carioca; preto; roxo mineiro; bolinha; caqui; pardinho/mulatinho; zóio de pomba/do divino), arroz (90 dias; miritinga; duradão), milho (lastec/lasteca; roxo), mandioca (rama vassourinha; rama manteiga; rama paraguaya) e cana-de-açúcar (1914; sem dúvida; java; paulista; preá; preta; vinho); que são as fontes nutricionais da maioria da população.

Observa-se que cada família possui a(s) sua(s) roça(s) independente de outras famílias. Em poucos casos as famílias se juntam para dividir o trabalho e a produção. Assim como falam em puxirões ou mutirões e nas reunidas como um auxílio de mão-de-obra nas roças, falam também que não é mais comum realizar essas atividades.

Mutirão ou puxirão a gente faz ele e faz o baile. Não tem que pagá o dia. Faz o alimento, a bóia pas pessoa ali, café, comida, trata das pessoa. Quando é de noite dá o baile. Hoje é muito difícil tê. Antes era de 8 em 8 dia. Às vez nos marcava num sábado, outro já marcava outro sábado. Era alegria e hoje acabou tudo isso aí porque não tem gente no lugar! As pessoa tão saindo tudo, desanimando por causa do emprego, né? Reunida é mais fácil de acontecê porque é só trocá o dia. Não tem que pagá o dia. Eu trabaio na sua roça hoje e você na minha outro dia. (NFM, 53, f).

Os chamados mutirões e puxirões acontecem quando se reúne um número grande de pessoas para ajudar em algum serviço específico: construir uma casa, plantar uma determinada cultura na roça, entre outros. Cabe à pessoa que tenha organizado isso fornecer alimentos para os ajudantes durante o dia inteiro e durante a noite no baile. De acordo com os moradores sempre há um baile nessas ocasiões.

Os membros da comunidade falam que para realizar os puxirões gasta-se dinheiro com a alimentação das pessoas. E se, por um acaso, a sua plantação não “for para frente, aí que você fica no prejuízo de vez”, pois se arranjam esses eventos justamente para acelerar e dinamizar o serviço, seja ele qual for.

Já as reunidas funcionam com base na relação de troca, ou seja, se você vai ajudar fulano na roça hoje, um outro dia fulano terá que ajudá-lo. Elas ocorrem com mais frequência porque não exige gasto de dinheiro.

Essas atividades, tantos os puxirões como as reunidas, têm uma importância muito grande na comunidade, pois integram as pessoas, auxiliando no fortalecimento e na união dos grupos sociais.

6.7 As plantas dos terreiros e dos quintais da Comunidade de Praia Grande

De acordo com o quadro 1, nos 13 terreiros estudados foram encontradas 260 plantas, representadas por 73 famílias botânicas. Vale ressaltar que nesse total de plantas estão incluídas as etnovariedades, ou seja, as mesmas plantas identificadas até o nível de espécie ou de gênero somente. Por exemplo, *Persea americana* Mill. - abacate, abacate comum, abacate manteiga e abacate preto - foram contadas como plantas diferentes porque possuem variedades diferentes, embora sejam da mesma espécie. De acordo com as pessoas entrevistadas, um abacate se difere do outro porque um “tem uma fruta roxa”, “outro é pequeno”, “um é maior”, por essas e outras características. Há outros exemplos presentes no quadro 1 como *Morus nigra* L. (3 etnovariedades), *Musa* sp (12 etnovariedades), *Coffea arabica* L. (3 etnovariedades), *Sacharum officinarum* L. (8 etnovariedades), *Dioscorea* sp (4 etnovariedades) e *Carica papaya* L. (6 etnovariedades).

Considerando as etnovariedades como uma espécie, verificou-se a presença de 193 plantas identificadas até o nível de espécie, 21 até o gênero e 16 não puderam ser identificadas. Na pesquisa realizada por Brito (1996) em 13 quintais, em Aripuanã, MT, foram levantadas 228 espécies presentes em 72 famílias botânicas, dentre estas uma grande quantidade de espécies ornamentais foi encontrada, destacando-se também a importância de plantas alimentícias arbóreas. Já Eichemberg (2003), pesquisando 17 quintais de Rio Claro, SP, encontrou 410 espécies, distribuídas em 97 famílias botânicas, das quais as plantas ornamentais foram encontradas com mais frequência, embora espécies medicinais e alimentares também tenham ocorrido em número representativo. Vale lembrar que esses dois estudos foram realizados em áreas urbanas.

Nenhum trabalho realizado em quintais e terreiros em comunidades quilombolas foi encontrado, verificando-se, contudo, a grande necessidade de estudos nesses lugares. Há ainda poucos trabalhos sobre quintais em comunidades tradicionais rurais, o que impossibilita uma comparação precisa com o presente estudo. Uma pesquisa realizada por

Garrote (2002) nos quintais da Comunidade Tradicional do Saco do Mamanguá, Paraty, RJ, observou a presença de 201 espécies vegetais encontradas em 19 grupos domésticos.

Essas pesquisas mostram que nos quintais urbanos foi encontrado um número maior de espécies vegetais em relação aos quintais rurais, contrariando o que muitas vezes se pensa (que nas comunidades rurais serão observadas mais espécies). Isso tudo é muito relativo, porque o número de plantas vistas tanto em quintais urbanos como nos rurais depende de uma série de fatores, tais como valores sociais, culturais, econômicos e ambientais.

As plantas encontradas nos terreiros estudados foram agrupadas em quatro categorias de usos: alimentar, ornamental, medicinal e outros. Para algumas espécies foi citada mais de uma categoria de uso.

Observou-se que a categoria mais encontrada foi a alimentar (40,21%), seguida pela medicinal (29,18%) e pela ornamental (22,78%). A categoria relacionada a outros usos, tais como madeira para lenha, planta para fazer sabão, entre outros, foi pouco significativa no presente estudo (7,83%).

Os terreiros da comunidade de Praia Grande são riquíssimos em espécies botânicas, representando um grande potencial para futuros trabalhos relacionados ao manejo e desenvolvimento sustentável dos recursos vegetais.

Quadro 1. Listagem das plantas encontradas nos 13 núcleos familiares de Praia Grande: nome popular, nome científico, família botânica, nativa (Nat.) ou exótica (Exo.) em relação à Mata Atlântica, cultivada (C), não-cultivada (NC) e hábitos de crescimento (Hab): herbáceo (H), arbustivo (ARB), arbóreo (AV), trepadeira (T) e epífita (E). Categorias de uso: alimentar (A), medicinal (M), ornamental (Or) e outras (O).

Nome popular	Nome científico	Família Botânica	Nat	Exo	C	NC	Hab	Categorias de uso
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae		X	X		AV	A\ M
Abacate comum	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae		X	X		AV	A\ M
Abacate manteiga	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae		X	X		AV	A\ M
Abacate preto	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae		X	X		AV	A\ M
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Bromeliaceae	X		X		H	A
Abóbora	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Cucurbitaceae		X	X		H	A
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae		X	X		ARB	A
Açucena/ Sussena	<i>Hippeastrum reginae</i> (L.) Herb.	Amaryllidaceae		X	X		H	Or
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae		X	X		ARB	M
Alevante	<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Briq.	Lamiaceae		X	X		H	M
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae		X	X		H	A\ M
Alfavaca/ Hortelã pimenta	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae		X	X		H	A
Alfavaca/ Alfavaca calmante/ Alfavaca doce/ Hortelã pimenta	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Lamiaceae	X		X		H	M
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae		X	X		ARB	O
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae		X	X		H	A\ M
Ameixa	<i>Prunus domestica</i>	Rosaceae		X	X		AV	A
Amendoim	<i>Arachis hypogea</i> L.	Fabaceae	X		X		H	A
Amora/ Amorzinho/ Amora miúda	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae		X	X		AV	A
Amora/Amora de cipó	<i>Rubus rosifolius</i> Sm.	Rosaceae	X			X	H	A
Amora grande	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae		X	X		AV	A
Amora preta	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae		X	X		ARB	A
Ampicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O. Kuntze	Amaranthaceae	X			X	H	M
Anador	<i>Justicia</i> sp	Acanthaceae		X	X		H	M
Antúrio	<i>Anthurium</i> sp	Araceae		X	X		H	Or
Araçá	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	Myrtaceae	X		X		AV	A
Arroz	<i>Oryza sativa</i> l.	Poaceae		X	X		H	A
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae		X	X		H	M
Aruta	<i>Marantha arundinacea</i> L.	Marantaceae		X	X		H	A
Arvelã	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae		X	X		H	O
Assa-peixe	<i>Vernonia</i> sp	Asteraceae	X			X	H	M
Ata/ Conde	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae		X	X		AV	A
Atinha	<i>Annona</i> sp	Annonaceae	X			X	AV	A
Banana Caturra/ Banana Caturrão	<i>Musa</i> sp	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana da Terra	<i>Musa</i> sp	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Índia	<i>Musa</i> sp	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Maçã	<i>Musa</i> sp	Musaceae		X	X		ARB	A

Banana Maranhão	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Nanica	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Pêra/ Banana Perinha	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Rabo de Mico	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Saltaviaca	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana São Tomé	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Vinho	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Banana Zinca	<i>Musa sp</i>	Musaceae		X	X		ARB	A
Batata de bonina/ Bonina	<i>Mirabilis jalapa L.</i>	Nyctaginaceae		X	X		H	A
Beijo/ Suspiro	<i>Celosia argentea L.</i>	Amaranthaceae		X	X		H	Or
Bem-me-quer	<i>Lantana camara L.</i>	Verbenaceae	X			X	H	Or
Bem-me-quer da braba/ Veneno	<i>Asclepias curassavica L.</i>	Asclepiadaceae	X			X	H	M
Bico-de-pato	<i>Machaerium sp</i>	Fabaceae	X			X	AV	O
Boa-Noite/ Sangue de Boi	<i>Iresine herbstii Hook.</i>	Amaranthaceae		X	X		ARB	Or
Boldo/ Goldo	<i>Plectranthus barbatus Andrews</i>	Lamiaceae		X	X		H	M
Bom para o coração	<i>Tithonia diversifolia (Hemsl.) A. Gray</i>	Asteraceae		X	X		ARB	M
Bordega/ João- gomes	<i>Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn.</i>	Portulacaceae	X			X	H	A\O
Bordega/ Taporava	<i>Commelina erecta L.</i>	Commelinaceae	X		X		H	Or
Brinco-de- princesa/ Flor de moça/ Jangada vermelha/ Laço comprido	<i>Hibiscus rosa-sinensis L.</i>	Malvaceae		X	X		ARB	Or
Brinquinho	<i>Malvaviscus arboreus Cav.</i>	Malvaceae		X	X		ARB	Or
Buxa	<i>Luffa cylindrica (L.) Roem.</i>	Cucurbitaceae		X	X		T	O
Caeté (1)	<i>Canna x generalis L. H. Bailey</i>	Cannaceae	X		X		H	Or
Caeté/ Caeté do vermelho/ Comigo-ninguém- pode	<i>Canna cf limbata Roscoe</i>	Cannaceae	X		X		H	Or
Caetezão	<i>Alpinia zerumbet (Pers.) B.L.</i>	Zingiberaceae		X	X		ARB	M\Or
Café/ Café Burbon/ Café Borbán/ Café caseiro	<i>Coffea arabica L.</i>	Rubiaceae		X	X		ARB	A\M
Café/ Café caseiro/ Café caturra	<i>Coffea arabica L.</i>	Rubiaceae		X	X		ARB	A\M
Café caturra	<i>Coffea arabica L.</i>	Rubiaceae		X	X		ARB	A\M
Café de Gozu/ Fedegoso	<i>Senna occidentalis (L.) Link</i>	Fabaceae	X			X	H	A\M
Calção de velho	<i>Buddleja brasiliensis Jacq.</i>	Loganiaceae	X			X	H	O
Calipo	<i>Eucalyptus sp</i>	Myrtaceae		X	X		AV	M
Calipo do pequeno/ Pinho	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Camarinha/ Camarinheira	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Cana-caiana	<i>Sacharum officinarum L.</i>	Poaceae		X	X		H	A
Cana cristalina	<i>Sacharum officinarum L.</i>	Poaceae		X	X		H	A

Cana Java	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Cana pau	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Cana paulista	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Cana preá	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Cana preta	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Cana vinho	<i>Sacharum officinarum</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Capiá	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae		X	X		H	M O
Capiagaçu/ Capiaguaçu	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Mull. Arg.	Euphorbiaceae	X			X	AV	M Or
Capim cidró/ Capim cidó/ Capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Poaceae		X	X		H	M
Capinzinho	<i>Ophiopogon japonicus</i> (L.f.) Ker Gawl.	Liliaceae		X	X		H	O
Caquerinha	<i>Senna multijuga</i> (Rich.)H.S.Irwin & Barneby	Caesalpiniaceae	X			X	AV	Or
Cará de espinho	<i>Dioscorea</i> sp	Dioscoreaceae		X	X		H	A
Cará mandioca	<i>Dioscorea</i> sp	Dioscoreaceae		X	X		H	A
Cará mole	<i>Dioscorea</i> sp	Dioscoreaceae		X	X		H	A
Cará roxo	<i>Dioscorea</i> sp	Dioscoreaceae		X	X		H	A
Cará/ Acará	<i>Dioscorea alata</i>	Dioscoreaceae		X	X		T	A
Caraguatá	<i>Vriesia</i> sp	Bromeliaceae	X			X	E	Or
Carrapicho/ Tamanco/ Tamanqueiro (1)	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Caruru-de-espinho	<i>Amaranthus spinosus</i> L.	Amaranthaceae	X			X	H	A
Castanha	<i>Pachira aquatica</i>	Bombacaceae		X	X		ARB	A
Cebola/ Cebola de cabeça	<i>Allium cepa</i> L.	Liliaceae		X	X		H	A
Cebolinha/ Cebola de todo ano	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Liliaceae		X	X		H	A
Cedrinho	<i>Jacaranda</i> sp	Bignoniaceae	X			X	AV	M
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i>	Meliaceae	X		X		AV	M Or
Cenoura	<i>Dacus carota</i> L.	Apiaceae		X	X		H	A
Cida	<i>Citrus medica</i> L.	Rutaceae		X	X		ARB	A
Cidrozinho	<i>Aloysia gratissima</i> (Gil et Hook)Fronc.	Verbenaceae		X	X		ARB	M
Ciuná/ Suinã	<i>Erythrina</i> sp	Fabaceae		X	X		ARB	Or O
Coentro/ Cuentro/ Quentão	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Apiaceae		X	X		H	A
Coloral	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae		X	X		ARB	A
Comigo-ninguém- pode (1)	<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	Araceae		X	X		H	Or
Copo-de-leite	<i>Eucharis grandiflora</i> Planch. & Linden	Amaryllidaceae		X	X		H	Or
Coqueiro/ Jerová/ Jorová/ Juruvá	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman	Arecaceae	X			X	AV	A Or
Cordão-de-frade/ Língua-de-vaca	<i>Leonotis nepetaefolia</i> (L.) R. Br.	Lamiaceae	X			X	H	M
Coroa de rei	<i>Scadoxus multiflorus</i> (Martyn) Raf.	Amaryllidaceae		X	X		H	Or
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae		X	X		H	A
Cravo	<i>Tagetes erecta</i> L.	Asteraceae		X	X		H	Or
Cravo/ Cravo de estudante	<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Asteraceae		X	X		H	Or
Curatombo/ Cipó para amarrar cama	<i>Alternanthera</i> sp	Amaranthaceae	X			X	T	M O
Chuchu	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Cucurbitaceae		X	X		T	A
Dama-da-noite	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker-	Liliaceae		X	X		ARB	Or O

Guacupari	<i>Rheedia</i> sp	Clusiaceae	X		X		AV	A
Guanxuma	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Guanxuma branca	<i>Hibiscus syriacus</i> L.	Malvaceae		X	X		ARB	Or
Guanxuma rainha/ Vassoura rainha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Scrophulariaceae		X		X	H	O
Guanxuma/ Vassoura/ Vassoura guanxuma	<i>Malvastrum coromandelianum</i> (L.) Garcke	Malvaceae	X			X	H	O
Guararema	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Phytolaccaceae	X			X	AV	Or
Guarô	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Guiné/ Guineu	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae		X	X		H	O
Hortelã	<i>Mentha x villosa</i> Huds	Lamiaceae		X	X		H	M
Hortência	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.)Ser.	Saxifragaceae		X	X		H	Or
Imbaúba/ Imbaúva	<i>Cecropia</i> sp	Cecropiaceae	X			X	AV	M\Or
Imbé	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endlicher	Araceae	X		X		H	Or
Insenso/ Insenso caseiro	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae		X		X	H	M
Jabuticaba/ Jabuticava	<i>Myciaria cf cauliflora</i> (Mart.) O. Berg	Myrtaceae	X		X		AV	A\M
Jabutitana	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb.	Iridaceae		X		X	H	M
Jaca	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.	Moraceae		X	X		AV	A
Jacareiro	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	Mimosaceae	X			X	AV	Or
Jaguarandi	<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	X			X	ARB	A
Jaguarandi de cobra	<i>Piper</i> sp	Piperaceae	X			X	ARB	Or
Jambo	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Myrtaceae		X	X		AV	A\M
Jangada (1)	<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	Malvaceae		X	X		ARB	Or
Jangada (2)	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Malvaceae		X	X		ARB	Or
Joá/ Juá	<i>Solanum ciliatum</i> Lam.	Solanaceae	X			X	H	M
Joveva	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	X		X		ARB	M
Laranja-azeda	<i>Citrus aurantium</i> L.	Rutaceae		X	X		ARB	A
Laranja braba	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Laranja branca/ laranja doce/ laranja-lima	<i>Citrus sinensis</i> Osbeck	Rutaceae		X	X		ARB	A
Laranja mexirica/ Mexirica	<i>Citrus deliciosa</i> Tenore	Rutaceae		X	X		ARB	A
Lima umbiguda	<i>Citrus limetta</i> Risso	Rutaceae		X	X		ARB	A\M
Limão bergamota	<i>Citrus bergamia</i> Risso et Poit	Rutaceae		X	X		ARB	A
Limão-galego	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae		X	X		ARB	A\M
Limão vinagre	<i>Citrus limonia</i> Osbeck	Rutaceae		X	X		ARB	A\M
Lírio/ Natalzinho	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Apocynaceae		X	X		H	Or
Losma/ Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae		X		X	H	M
Malva	<i>Malva cf sylvestris</i> L.	Malvaceae		X	X		H	M
Mamão amarelo	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A
Mamão fêmea	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A
Mamão-macho	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A
Mamão rosa	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A
Mamão roxo	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A\M
Mamãozinho	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae		X	X		ARB	A
Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae		X		X	ARB	A

Mamona de galinha/ Mamoninha	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae		X		X	ARB	Or/O
Mandioca/ Rama manteiga	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae		X	X		H	A
Mandioca/ Rama paraguay	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae		X	X		H	A
Mandioca/ Rama vassourinha	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae		X	X		H	A
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae		X	X		AV	A
Manga-rosa	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae		X	X		AV	A
Manguinha amarela	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae		X	X		AV	A
Manjerona	<i>Majorana hortensis</i>	Lamiaceae		X	X		H	A
Mapolhão	<i>Hedychium coronarium</i> J. Konig	Zingiberaceae		X	X		H	M
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Passifloraceae	X		X		T	A M
Maracujazinho da horta	<i>Mamordica charantia</i> L.	Cucurbitaceae		X		X	T	A
Margarida	<i>Isotoma longiflora</i> (L.) C. Presl	Campanulaceae		X	X		H	Or
Maricã	<i>Piptadenia</i> sp	Mimosaceae	X			X	AV	O
Mentrasito	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae		X		X	H	M
Mentrus	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	Brassicaceae	X			X	H	M
Milho/ Mio	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae		X	X		H	A
Milomem	<i>Aristolochia triangularis</i> Cham.	Aristolochiaceae	X			X	T	M
Mixirica	<i>Miconia</i> sp	Melastomataceae	X			X	ARB	A
Moranginho	<i>Fragaria vesca</i>	Rosaceae		X	X		H	A
Natal (1)	<i>Delonix regia</i> (Bojer ex Hook.) Raf.	Caesalpiniaceae		X	X		AV	Or
Natal (2)	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Solanaceae	X		X		ARB	Or
Nhapedaúva	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Nobreza	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Onze hora	<i>Portulaca oleraceae</i> L.	Portulacaceae		X	X		H	Or
Paina/ Paineira	<i>Chorisia speciosa</i>	Bombacaceae	X		X		AV	Or
Palmeira/ Palmito/ Palmito do mato	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Arecaceae	X		X		AV	A Or
Pariparova	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq.	Piperaceae	X			X	H	M
Pau-ferro	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Pé raminha/ Raminha	<i>Euphorbia heterophylla</i>	Euphorbiaceae	X			X	H	M
Perpeta branca	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Amaranthaceae	X		X		H	M
Perpeta vermelha	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Amaranthaceae	X		X		H	M
Perpetinha	<i>Ludwigia octovalvis</i> (Jacq.) P.H. Raven	Onagraceae	X			X	H	Or
Pêssego	<i>Prunus persica</i> Batsch	Rosaceae		X	X		ARB	A M
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	X			X	H	M
Pijuva	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Ulmaceae	X			X	AV	Or
Pimenta (1)	<i>Capsicum annuum</i> L.	Solanaceae		X	X		H	A
Pimenta (2)	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae		X	X		H	A
Pimenta foca	<i>Capsicum chinense</i> Jacq.	Solanaceae		X	X		H	A
Pimenta-malagueta	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Solanaceae		X	X		H	A
Piriquitinho vermelho	<i>Cordyline terminalis</i> (L.) Kunth	Liliaceae		X	X		H	Or
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	X		X		ARB	A M

Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae		X	X		H	M
Pokan	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Rutaceae		X	X		ARB	A
Pontalvívio	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae		X	X		H	M
Prega-prega	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	Fabaceae	X			X	H	M
Pupuia	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Quebra-pedra (1)	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Euphorbiaceae	X			X	H	M
Quebra-pedra (2)	<i>Chamaesyce prostrata</i> Ait.	Euphorbiaceae	X			X	H	M
Quina	<i>Solanum pseudo-quina</i> A.St.-Hil.	Solanaceae	X			X	AV	M
Repolho	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae		X	X		H	A
Retor	<i>Acalypha wilkesiana</i> Mull. Arg.	Euphorbiaceae		X	X		H	Or
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae		X	X		ARB	M
Rosa branca	<i>Rosa</i> sp	Rosaceae		X	X		H	M Or
Rosa guanxuma	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Rosa vermelha	<i>Rosa</i> sp	Rosaceae		X	X		H	Or
Rosinha	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosaceae		X	X		H	Or
Rueira	<i>Schinus terebintifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	X		X		AV	M
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. et Schl	Caprifoliaceae		X	X		ARB	M
Salsinha	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.)A. W.Hill	Apiaceae		X	X		H	A
Samambaia	n.i	---	---	---	---	---	---	---
Samambaia de cuscuz	<i>Polypodium</i> sp	Polypodiaceae	X			X	H	O
Samambaia de metro	<i>Polypodium</i> sp	Polypodiaceae	X		X		H	Or
Samambaia do chão	<i>Polypodium</i> sp	Polypodiaceae	X		X		H	Or
Samambaia do sapezal	<i>Pteridium aquilinum</i> (L.) Kuhn	Dennstaedtiaceae	X			X	H	Or
Samambaia preta	n.i	---	---	---	---	---	---	---
São Sebastião do mato	<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Nyctaginaceae	X			X	ARB	Or
Sem nome (1)	<i>Ruellia coerulea</i> Morong	Acanthaceae		X	X		H	Or
Sem nome (2)	<i>Calathea ornata</i> (Lindl.) Korn.	Marantaceae		X	X		H	Or
Sem nome (3)	<i>Allamanda polyantha</i> Mull.Arg.	Apocynaceae		X	X		ARB	Or
Sorda/ Sordinha	<i>Rhynchospora</i> sp	Cactaceae	X			X	E	M
Sussena	<i>Hippeastrum hybridum</i> Hort.	Amaryllidaceae		X	X		H	Or
Taiá roxo de enfeite	<i>Colocasia esculenta</i> var. <i>aquaticus</i> Hassk.	Araceae		X	X		H	Or
Taiazinha (1)	<i>Syngonium angustatum</i> Schott	Araceae	X		X		H	Or
Taiazinha (2)	<i>Caladium x hortulanum</i> Birdsey	Araceae		X	X		H	Or
Tamanco/ Tamanqueiro (2)	<i>Luehea cf divaricata</i> Mart.	Tiliaceae	X			X	AV	Or O
Tapixingui	<i>Croton floribundus</i> Spreng.	Euphorbiaceae	X			X	AV	Or
Tomatinho	<i>Lycopersicon pipinellifolium</i> Mill.	Solanaceae		X		X	H	A
Uva	<i>Vitis vinifera</i> L.	Vitaceae		X	X		T	A
Uva de Japão	<i>Hovenia dulcis</i> Thunb.	Rhamnaceae		X	X		AV	A

n.i- não identificada

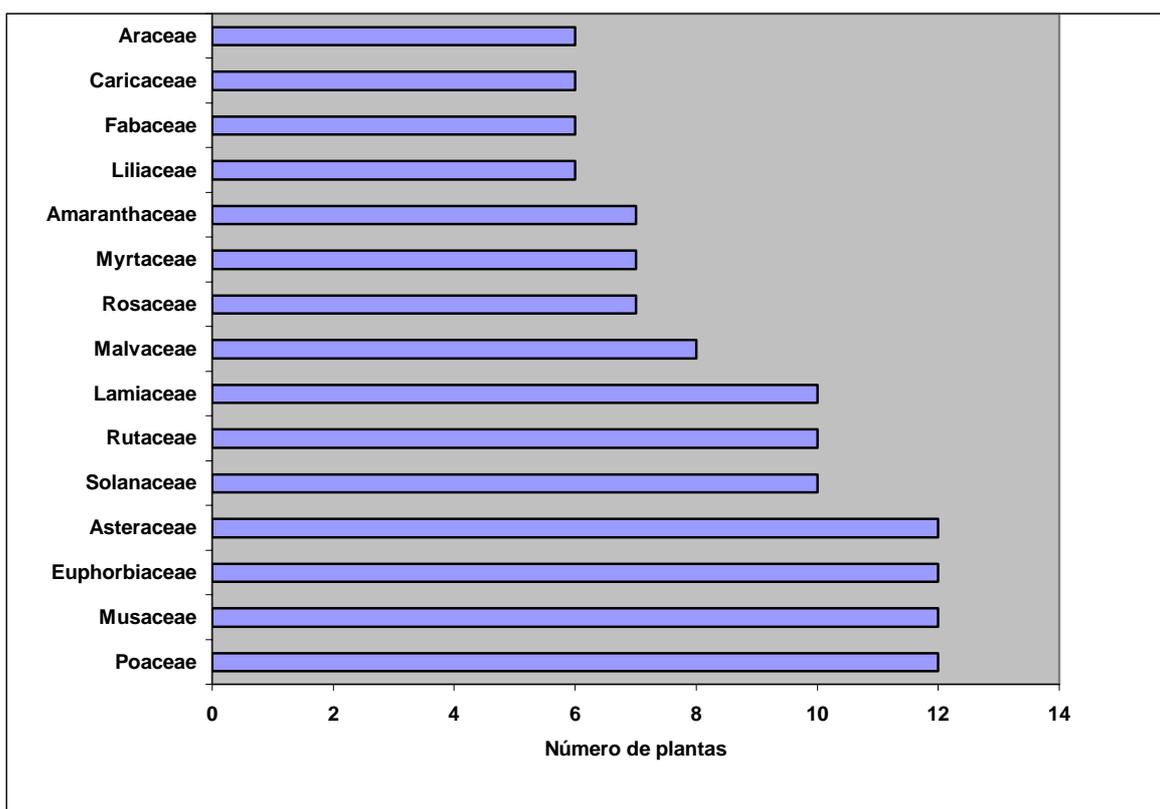
Das espécies totais, foram encontradas 165 (67,62%) que não fazem parte da Mata Atlântica, ou seja, a maioria das espécies são exóticas. As espécies nativas da região representaram um percentual de 32,38% (79 plantas). Pode-se afirmar que os terreiros são ambientes que sofrem constantes transformações através da ação antrópica. Os moradores da comunidade modificam e manipulam os recursos vegetais presentes nos terreiros de acordo com seus interesses e preferências.

Neste estudo, as plantas foram divididas em cultivadas e não-cultivadas. As cultivadas são aquelas que foram de alguma forma plantadas nos terreiros, independentemente das suas formas de propagação (sementes, bulbos, estacas, entre outras), que representam a maioria das plantas: 74,59 %. Já as não cultivadas (25,41%) são as espécies que não foram propagadas pelas pessoas dos núcleos familiares.

As espécies estão representadas por cinco hábitos de crescimento: 52,05 % correspondem aos indivíduos herbáceos, 27,05 % aos arbustivos, 16,80 % aos arbóreos, 2,87 % aos trepadores e 1,23 % às epífitas. Nota-se que as plantas herbáceas apresentam o maior percentual. A grande maioria dessas espécies estão presentes na categoria de uso medicinal. Os moradores dizem que plantas herbáceas são, em sua maioria, mais fáceis de manipular e cuidar.

Na figura 1 abaixo estão representadas as famílias botânicas que contêm um maior número de plantas. Nesse quesito, as famílias mais representativas encontradas nos terreiros são a Asteraceae (12), a Euphorbiaceae (12), a Musaceae (12) e a Poaceae (12).

Figura 1. Famílias botânicas mais representativas em relação ao número de plantas



Observa-se que os terreiros são espaços vinculados à mão-de-obra feminina. As mulheres, na maioria das vezes, além de trabalharem nas roças, participam também das tarefas realizadas nos terreiros, tais como: limpeza, capina, plantios, cuidados com animais de criação, etc. Elas desempenham um papel importantíssimo na manutenção dos recursos vegetais presentes nesses espaços, especialmente nas áreas dos terreiros destinadas ao cultivo de plantas medicinais e alimentícias.

A visualização espacial dos terreiros pode ser obtida pelos croquis presentes no Apêndice deste trabalho. Nota-se que a distribuição das espécies não obedece a uma forma definida. Elas estão espalhadas nos terreiros formando, muitas vezes, consórcios

entre fruteiras e árvores nativas que se encontram no estrato superior. Plantas medicinais e ornamentais são cultivadas próximas às casas, formando um estrato herbáceo.

6.8 Animais de criação nos terreiros

“Da vaca eu quero o leite. Do leite eu quero a papa.
Do coqueiro eu quero o coco. Da palmeira eu quero a palma.”
Samba de Coco tradicional.

Os animais de criação servem para enriquecer a dieta familiar e em apenas um núcleo familiar completam também o orçamento doméstico. O Núcleo Familiar C vende carne de cabrito, a R\$4,00 o quilo, para um mercado de Iporanga, SP. Segundo NFC1, é preciso “tirá o couro do cabrito, deixá bem limpinho, pô no saco e levá, porque pro mercado tem que tá bem limpinho”. Essa família também vende carne de porco, a R\$2,50 o quilo, “mata, péla, destripa e leva”. Vale ressaltar que essas vendas não acontecem frequentemente, pois para que esses animais estejam “no ponto” para o abate demora um pouco (alguns casos levam anos).

No quadro abaixo se vê um panorama dos tipos de animais de criação presentes no 13 Núcleos Familiares.

Quadro 2. Tipos de animais de criação presentes nos terreiros

	Cabras e Cabritos	Gado	Galinhas	Patos	Perus	Porcos
NFA			X			X
NFB			X			X
NFC	X	X	X	X		X
NFD			X			
NFE			X	X		
NFF			X			
NFG			X			
NFH			X			
NFI			X			
NFJ			X		X	X
NFL			X			
NFM			X			
NFN			X			
Total	1	1	13	2	1	4

Observa-se (Quadro 6) que as galinhas estão presentes em todos os núcleos familiares. Os moradores dizem que esses animais são mais fáceis de criar porque não é preciso lhes dar muita comida. Já aos porcos é preciso dar muito milho para sustentá-los, além deles “fazerem muita sujeira no terreiro” e deixarem o ambiente com “um cheiro ruim”.

Verifica-se também a presença de cabritos e gado em apenas um terreiro, porque esses animais são considerados caros e de difícil acesso para a compra pelos moradores. Muitos gostariam de tê-los principalmente por fornecerem leite, o que os ajudaria a enriquecer a dieta familiar, mas adiam esses planos por não terem dinheiro para comprá-los no momento.

Quanto aos patos (2 núcleos) e perus (1 núcleo), eles não são criados na maioria dos terreiros pelo fato do gosto de suas carnes não agradar os moradores: “pato é muito forte”, “o peru é uma carne esquisita”...

Abaixo se encontram os tipos de animais e suas respectivas funções na alimentação:

- a) Cabras e cabritos: carne e leite;
- b) gado: carne e leite;
- c) galinhas: carne e ovos;
- d) patos: carne e ovos;
- e) perus: carne;
- f) porcos: carne.

6.9 As receitas que vêm dos terreiros

“Marmelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmelo (...)” Gilberto Gil.

Aqui estão reunidas algumas deliciosas receitas com ingredientes vindos dos terreiros - memórias, tradições, lembranças...

- **Cabrito (receita passada por NFC1)**

Cortar o cabrito, “bem cortadinho”.

Esquentar no fogo “meia panelada” de óleo.

Adicionar na panela cheiro-verde socado com alho e as carnes de cabrito. Deixar fritar um pouco.

Depois “jogar” um pouco de água.

Tampar a panela para o conteúdo ferver.

- **Pato Frito (receita passada por NFE)**

Limpar e cortar o pato.

Temperar as carnes cortadas com manjerona, alho e sal, a gosto.

Depois é só fritar as carnes numa panela com óleo bem quente.

- **Biju (receita passada por NFJ)**

Massa crua (antes de ir ao forno) de farinha de mandioca.

Amendoim torrado e socado no pilão.

Óleo e sal a gosto.

Depois misturar tudo até formar uma massa.

Colocar a massa em folhas de bananeira e levá-la até a fornalha (similar a um forno de fogão convencional, mas feito de barro) para esquentar.

- **Pão de Mandioca (receita passada por NFE)**

3 xícaras de chá de mandioca cozida e amassada.

Meia xícara de chá de óleo.

2 xícaras de chá de água morna.

6 colheres de sopa de açúcar .

45 gramas de fermento biológico.

2 ovos.

1 colher de chá de sal.

Misturar todos os ingredientes e acrescentar farinha de trigo até “dar ponto”.

Levar a massa para assar na fornalha.

Taiada (receita passada por NFA1)

Cortar o gengibre em fatias bem finas.

Deixar secar as fatias de gengibre em cima do fogão a lenha durante 6 dias ou secá-las ao sol.

Socar o gengibre seco no pilão até virar pó.

Misturar o pó com farinha de mandioca e com o melado (da cana-de-açúcar).

Colocar este conteúdo em fôrmas de madeira (que servem também para se fazer rapadura).

Depois de uns 10 minutos tirar a taiada das fôrmas.

- **Cará Doce (receita passada por NFM)**

Cortar e cozinhar o cará (pode ser de qualquer variedade).

Colocar açúcar no cará, após o seu cozimento, até virar um melado.

Servir o cará acompanhado de café.

Vale lembrar que nesta mesma receita poder-se-á substituir o açúcar pelo sal – “Cará de sal”

- **Paçoca de semente de abóbora (receita passada por NFA1)**

Torrar sementes de abóbora e depois misturá-las com farinha de mandioca e rapadura.

Socar tudo no pilão.

Está pronta para servir.

- **Doce de abóbora (receita passada por NFH)**

Cortar e cozinhar a abóbora.

Misturar rapadura com a abóbora (depois de cozida) até derreter.

- **Oreia de Frade (receita passada por NFB)**

Misturar goma (da farinha de mandioca), ovos e sal a gosto.

Fazer bolinhos da massa e depois fritá-los numa panela com óleo bem quente.

Na Comunidade de Praia Grande há duas receitas tradicionais que são passadas de geração para geração: a farinha de mandioca e a rapadura.

a) Farinha de Mandioca

A farinha de mandioca é um dos alimentos mais consumidos pela comunidade, juntamente com o feijão e o arroz. Esse alimento é rico em nutrientes e, segundo a população, “dá força para trabalhar na roça”.

Dos 13 Núcleos Familiares estudados, 4 ainda fazem farinha de mandioca (NFA, NFC, NFH e NFI). A maior parte da produção é destinada à venda, tanto para as pessoas da própria comunidade quanto para algumas mercearias do município de Iporanga, SP.

Essa atividade requer mão-de-obra de praticamente toda a família, porque o processo de produção envolve muitas tarefas.

Abaixo, NFA1 ensina todos os passos para se produzir uma boa farinha de mandioca.

Primeiro arranca a mandioca [A colheita é realizada aproximadamente depois de um ano e meio após o plantio.], né? Aí depois tem que trazê nas costa, carregá, aí depois cê tem que rapá [tirar a casca da mandioca]. Depois de rapá você tem que lavá bem lavado, depois de lavá, alguma pele que fica [refere-se à casca] você tem que tirá. Depois tem que cevá [ralar a mandioca na roda: enquanto uma pessoa gira a roda, onde existe um ralador acoplado, a outra vai colocando a mandioca, uma a uma, para ser ralada]. Aí, depois de cevado você tem que ponhá na prensa [Serve para retirar toda a água em excesso da massa da mandioca antes de ir para o fogo. Dessa água que sai se forma a goma, uma espécie de massa que servirá também para fazerem bolos. Coloca-se a goma num pano branco e depois a mesma será lavada até ficar “bem branca”.], no saco [de plástico] ou se não no tipiti [uma cesta] pa corchá [para ser prensada]. Aqui na prensa toda hora você tem que tá puxando, porque a hora que parou de escorrê ali você já puxa. [Precisa regular a prensa sempre para tirar toda água em excesso.] Aí depois tem que tirá a massa da prensa, mói no forno que fica aquelas bola, aí você tem que abaná pa secá, pa deixá mucho [sovar a massa para deixá-la mais fina]. (NFA1, 41, f).

NFA1 comenta também que a farinha renderá mais se no momento em que a mandioca foi colhida já se começar o preparo para produção da mesma,

ou seja, não se deve deixar seu preparo para o dia seguinte. “Você arranca a mandioca hoje, você mede a farinha ela dá mais do que ocê pegá a mandioca e arrancá e deixá pa ocê fazê amanhã. Aquele total de farinha mingua [diminui] e não dá o memo tanto!” (NFA1, 41, f).

Dos quatro núcleos que fazem farinha, apenas NFA realiza essa atividade semanalmente. NFA1 diz que produzia muito mais farinha do que hoje, porque quando seu filho morava na comunidade (atualmente mora em Tatuí, SP) ele a ajudava, facilitando e dinamizando o trabalho. A renda principal desse núcleo provém da venda da farinha, que sai em média a R\$1,50 o quilo. Por semana NFA1 faz aproximadamente 15 quilos de farinha.

Eu fazia bastante farinha, só que hoje não tô fazendo. Eu fazia 12 lata de farinha por semana [1 lata equivale a 5 quilos]. Se eu pegasse por acaso 2^a, 3^a, 4^a, 5^a, 6^a e sábado! Sábado eu tava com 12 lata de farinha. Só que hoje não conseguimos saí de 3 lata de farinha. Ele dava uma força [refere-se ao seu filho que não mora mais na comunidade]. Enquanto um ia torrando, outro já ia virando a farinha no forno, outro já ia rapando pa ajudá, porque o rapá comprica muito. Mas assim como nós tamo não dá! (NFA1, 41, f).

Esse trabalho é árduo e merece ser valorizado. Os quatro núcleos que produzem farinha gostariam de vender seus produtos a um preço maior, mas alegam que assim não haverá compradores dentro do próprio lugar em que moram, assim como no município de Iporanga, SP. Alguns dizem também que São Paulo é uma cidade promissora para a venda desse produto, visto que no ano de 2002 expuseram (iniciativa do ITESP) a farinha numa feira tradicional da cidade, onde conseguiram vender toda a produção que levaram na época.

b) Rapadura

Apenas dois Núcleos Familiares realizam essa atividade: NFA e NFB.

Muitos alegam não fazer mais rapadura pelo fato de “dar muito trabalho” e, assim como a farinha de mandioca, de demandar mão-de-obra.

A seguir, NFA1 novamente mostra seus dotes culinários ensinando a tradicional receita de rapadura.

Você corta a cana hoje e pode fazê amanhã. De um dia pa outro não tem importância, mas aí se você deixá po outro dia aí não pode. Primeiro você corta a cana e mói no engenho. [Alguns chamam também de moenda. A foto está no Apêndice.] Depois você tem que passá num pano [para tirar as sujeiras que estavam no caldo de cana], aí depois que você passa num pano você tem que ponhá no forno. [Panela que vai para o fogão a lenha. Esta panela também serve para a farinha de mandioca.] Aí depois que tá no forno você tem que descumá [ir mexendo o caldo-de-cana e tirar a espuma que ficar], depois você tem que alimpá a beira do forno, que fica aquela espuma que você vai alimpá, aí ela suja tudinho por cima assim, então você tem que alimpá tudinho. Vai alimpando, alimpando aquele argueiro [espuma] por cima. Quanto mais você limpa mais bonita fica a rapadura. Aí depois que você tirou tudinho ele chega a ajuntá aquela rodela, fica tudo preto assim o forno. Aí você pega uma pá você vai alimpando a beira do forno inteirinha pa ficá bem limpinho, né? Aí a rapadura sai a coisa mais linda! Quanto mais você descuma aquela rapadura mais branquinha fica. Você escuma até ele subi [até a rapadura começar a subir]! Quando sobe não pode escumá mais. Toda hora você tem que tá abanando ali. Tem que erguê pa cima o melado com uma escumadeira pa cima. Você tem que tá levantando aquele melado. Aí nós desce o forno depois que tivé bão, que já tá o ponto, aí a gente desce o forno e aí bate [mexe o caldo] até engrossá. Depois que engrossô você coloca na fôrma [a mesma para se fazer taiada]. Na fôrma é rapidinho, não custa muito [não demora muito]. Esfriou você tira da fôrma. É rapidinho memo! Pa tirá você coloca a foia de banana aí você deixa a fôrma virado de boca pa baixo, cai tudo a rapadura. [É similar à retirada de gelo das fôrmas.] Ela vai esfriando e vai caindo. Cai tudo sem carecê tirá. (NFA1, 41, f).

A rapadura é feita por esses dois núcleos familiares em média duas vezes ao mês, e é vendida na própria comunidade e esporadicamente no município de Iporanga, SP. O “maço” (com duas rapaduras) custa R\$ 2,00.

7. Considerações finais

7.1 Uma reflexão sobre a valorização do conhecimento tradicional

Angustia-me muito ver trabalhos acadêmicos que trazem nos seus títulos a palavra *Etno* sem dar o devido valor às comunidades nas quais foram realizadas as pesquisas.

A comunidade vem sendo negligenciada no processo de numerosas pesquisas. Não há retornos efetivos para essas populações. É como se o pesquisador pegasse emprestado o bem mais precioso que a população tem, que é a sabedoria, e nunca mais o devolvesse. Isso tem me incomodado muito, pois o pesquisador (entenda-se qualquer pessoa que trabalhe com comunidades, independentemente de suas funções e atribuições) sempre transfere as responsabilidades, dizendo que o governo deveria tomar medidas para proteger as comunidades tradicionais, que devemos criar políticas públicas, etc, etc. Tudo bem, fazem sentido essas colocações e devemos lutar por elas, mas urge olharmos para nós próprios e ver que há formas mais simples e mais rápidas de retorno intelectual. Pensemos... Qual é o nosso papel como pesquisador? O que podemos fazer estando numa Instituição Pública (No meu caso, estudo em uma Universidade Pública. Mas não está excluída a responsabilidade de outros setores que estejam realizando pesquisas com comunidades, como empresas e universidades privadas, etc.)? Já está mais do que na hora de rever nossas ações e transformá-las, colocando-as em prática. Levar um retorno para a comunidade é um compromisso e, sobretudo, é uma obrigação.

8. CONCLUSÕES

“(...)De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos começando,
A certeza de que é preciso continuar
E a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.
Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
Do medo uma espada,
Do sonho uma ponte,
Da procura um encontro!”
(Fernando Sabino.)

A riqueza das espécies encontradas nos 13 núcleos familiares da Comunidade de Praia Grande permite concluir que os terreiros são espaços preciosos e promissores para o desenvolvimento de pesquisas etnobotânicas.

Foram encontradas 244 plantas, distribuídas em 73 famílias botânicas. Dentre elas a categoria de uso mais encontrada foi a alimentar (40,21 %), seguida pela medicinal (29,18 %) e pela ornamental (22,78 %). A categoria relativa a outros usos foi pouco significativa no presente estudo (7,83 %).

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a percepção que os moradores têm em relação aos terreiros. Este estudo mostrou a multifuncionalidade desses

preciosos espaços sob a ótica de cada colaborador da pesquisa, tendo como ponto de partida suas próprias vivências e experiências de vida.

Os saberes tradicionais são muito importantes no processo de construção do desenvolvimento sustentável e devem ser respeitados e valorizados. Urge, portanto, criar políticas públicas que assegurem e que garantam os direitos legais das comunidades tradicionais.

As comunidades quilombolas são importantes elos entre o passado e o presente, mas não podem continuar sendo vistas e tratadas como apenas uma pequena parte da história. Os quilombos não podem ser mais negligenciados e desrespeitados por parte dos órgãos oficiais brasileiros. É chegada a hora de lançar um olhar mais atento sobre esse povo tão esquecido, que durante anos vem lutando ainda pela sua liberdade.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADES, M. N. **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: A Field Manual**. New York: The New York Botanical Garden, 1996.

ALBUQUERQUE, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. **Acta Botanica Brasilica**, v. 13, n. 3, p. 307-315, 1999.

ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. Recife: Bagaço, 2002. 87 p.

ANDRADE, L.; TRECCANI, G. **Terras de Quilombo**. Disponível em: <www.quilombo.org.br/quilombo/doc/terras%20de%20quilombo.doc>. Acesso em: 02 jan. de 2003.

ANDRADE, Marcia Regina de Oliveira; ANDRADE, Tânia; PEREIRA, Carlos Alberto Claro (Ed.). **Negros do Ribeira: reconhecimento étnico e conquista do território**. 2. ed. São Paulo: ITESP, 2000 (Cadernos do ITESP, 3).

ANDRADE, Tânia et al. **Quilombos em São Paulo: Tradições, Direitos e Lutas**. São Paulo: IMESP, 1997. 188 p.

ANJOS, R. S. A. dos. **Territórios das Comunidades Remanescentes de Antigos Quilombos no Brasil: Primeira Configuração Espacial**. 2. ed. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2000.

BAILEY, L. H. **Manual of cultivated plants: most commonly grown in the continental United States and Canada**. New York: Macmillan Publishing CO., 1949. 1116 p.

BAIOCCHI, Mari de Nasaré. **Kalunga: Povo da terra**. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999. p. 35–100.

BARROSO, G. M. et al. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978. v. 3. 326 p.

_____. **Sistemática de Angiospermas do Brasil**. Viçosa: UFV, 1991. v. 2-3.

BORN, G. C. C. **Plantas medicinais da Mata Atlântica (Vale do Ribeira – SP): extrativismo e sustentabilidade**. São Paulo, 2000. 289 p. Tese (Doutorado em Saúde Pública Ambiental) – Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.

BRITO, M. A. **Uso social da biodiversidade em quintais agroflorestais de Aripuanã – MT**. 1996. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas)-Instituto de Biociências, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1996.

CASTRO, Carlos Ferreira de Abreu. Biodiversidade e Quintais. **Cadernos de Proposta**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 27-33, 1995.

COSTA, M. dos A. G. **Aspectos etnobotânicos do trabalho com plantas medicinais realizado por curandeiros no município de Iporanga – SP**. 2002. 134 f. Dissertação

(Mestrado em Agronomia)–Faculdade de Ciências Agrônomicas, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2002.

DIEGUES, A. C. S. **Diversidade biológica e culturas tradicionais litorâneas:** o caso das comunidades caiçaras. São Paulo: USP/ NUPAUB; [S.l.]: IUCN, 1988.

_____. **Populações Tradicionais em Unidades de Conservação:** O Mito Moderno da Natureza Intocada. São Paulo: USP/NUPAUB, 1993 (Série Documentos e relatórios de pesquisa, n.1).

DIEGUES, A. C. S.; ARRUDA, R. S. V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001. 176 p. (Biodiversidade, 4).

DUBOIS, Jean C. L. et al. **Manual Agroflorestal para a Amazônia.** Rio de Janeiro: REBRAAF, 1996.

EICHEMBERG, M. T. **Os quintais antigos na área urbana de Rio Claro – SP:** um enfoque etnobotânico. 2003. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas)- Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

FESTA do Divino Espírito Santo. Disponível em: <www.pime.org.br/pimenet/mundoemissao/igrejafesta.htm>. Acesso em: 02 jan. 2004.

FESTAS brasileiras. Disponível em: <www.aguaforte.com/antropologia/festabrasileira>. Acesso em: 02 jan. 2004.

FONSECA-KRUEL, V. S. de. **Etnobotânica de uma comunidade de pescadores artesanais:** diversidade e uso dos recursos vegetais de restinga em Arraial do Cabo, Rio de Janeiro, Brasil. 2002. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais e Florestais)- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE TERRAS DO ESTADO DE SÃO PAULO “JOSÉ GOMES DA SILVA”, ITESP. **Relatório Técnico-Científico sobre os remanescentes da comunidade de quilombo de Praia Grande/ Iporanga – SP.** São Paulo, 2002.

FUNDAÇÃO Instituto de terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva”, ITESP. Disponível em: <www.itesp.gov.br>. Acesso em: 23 mar. 2003.

GARROTE, V. **Os quintais Agroflorestais e suas implicações Sócio-Ambientais para a Comunidade do Saco do Mamanguá, Paraty/RJ.** 2002. Relatório de Qualificação de Mestrado, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2000.** Disponível em: <www.ibge.net/home>. Acesso em: 29 maio 2003.

JUNQUEIRA, C. **Antropologia indígena:** uma introdução. São Paulo: EDUC, 2002. 105 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991. 253 p.

LEGISLAÇÃO Federal e Estadual dos remanescentes de quilombos. Disponível em: <www.quilombo.org.br>. Acesso em: 28 dez. 2003.

LEPSCH, I.F. et al. Macrozoneamento das terras da região do Rio Ribeira de Iguape, SP. Campinas, Instituto Agronômico, 1990. 181 p.

LORENZI, H. **Árvores Brasileiras:** manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 2 v.

LORENZI, H. et al. **Árvores exóticas no Brasil:** madeireiras, ornamentais e aromáticas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2003.

LORENZI, H. **Manual de identificação e controle de plantas daninhas:** plantio direto e convencional. 5. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2000.

_____. **Palmeiras no Brasil:** exóticas e nativas. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1996.

_____. **Plantas daninhas do Brasil:** terrestres, aquáticas, parasitas, tóxicas e medicinais. 2. ed. Nova Odessa: Editora Plantarum, 1991.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais do Brasil:** nativas e exóticas cultivadas. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 512 p.

MATTAR, M. E. **Quilombos:** um pedaço do passado lutando pelo futuro. Disponível em: <www.lainsignia.org/2003/febrero/soc_025.htm>. Acesso em: 27 dez. 2003.

MEDEIROS, M. F. T. **Etnobotânica de Plantas Medicinais na Reserva Particular do Patrimônio Natural Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ.** 2003. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas)-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MUNANGA, K. Editorial. **Palmares em ação**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 4-5, ago./set. 2002.

NABHAN, G. P.; TUXILL, J. **Plantas, comunidades y áreas protegidas:** una guía para el manejo in situ. Pueblos y plantas – Manual de conservacion. Editora Nordan Comunidad, 2001. 227 p.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, B. G. (Coord.). **Suma Etnológica Brasileira.** 2.ed. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: FINEP, 1987. v.1.

PRADO, P. M. M. do. **Aspectos etnoecológicos no uso de plantas medicinais em três municípios do Estado do Amazonas, Brasil.** 2002. 62 f. Dissertação (Mestrado em Ciências

Biológicas)-Universidade do Amazonas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2002.

SANCHES JÚNIOR, N. M. **Considerações acerca de uma Promessa a São Gonçalo do Amarante no Município de Echaporã-SP.** Disponível em: <www.members.tripod.com/bmgil/sjnmgl.html>. Acesso em: 27 dez. 2003.

SANTILLI, J. A biodiversidade e as comunidades tradicionais. In: BENSUSAN, N. **Seria melhor mandar ladrilhar?:** Biodiversidade como, para que, por quê. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 89-94.

SÃO GONÇALO. Disponível em: <www.jangadabrasil.com.br/janeiro41/fe41020b.htm>. Acesso em: 02 jan. 2004.

_____. Disponível em: <www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/sao.htm>. Acesso em: 02 jan. 2004.

SÃO SEBASTIÃO. Disponível em: <www.ositedossantos.hpg.ig.com.br/sao_sebastiao.htm>. Acesso em: 02 jan. 2004.

SARAGOUSSI, M. A.; MARTEL, J. H. I.; RIBEIRO, G. de A. Comparação na composição de quintais de três localidades de terra firme do Estado do Amazonas. **Ethnobiology: Implications and Applications**, v. 1, p. 295-3003, 1988.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. **Projeto de Preservação da Mata Atlântica**, 1995.

SOCIEDADE BRASILEIRA DO DIREITO PÚBLICO. **Comunidades Quilombolas: Direito à Terra.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002. 120 p.

SODRZEIESKI, A. E. **Relatório CATI.** Iporanga: CATI, 1998. 69 p.

STALCUP, M. M. **Plantas de uso medicinal ou ritual numa feira livre no Rio de Janeiro, Brasil**. 2000. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas)-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

STEENBOCK, W. Plantas medicinais: resgate do saber popular, alternativa terapêutica, opção de renda e de conservação ambiental no centro do Paraná, Brasil. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v. 18, p. 137-140, jul. 2000. Suplemento.

TERENA, M. O índio, o branco e o irmão da pele cor da noite! **Palmares em ação**, Brasília, ano 1, n. 1, p. 62-64, ago./set. 2002.

TOREZAN, J. M. D. **Estudos de sucessão secundária na floresta ombrófila densa submontana, em áreas anteriormente cultivadas pelo sistema de coivara em Iporanga-SP**. 1995, 88 f. Dissertação (Mestrado em Botânica)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

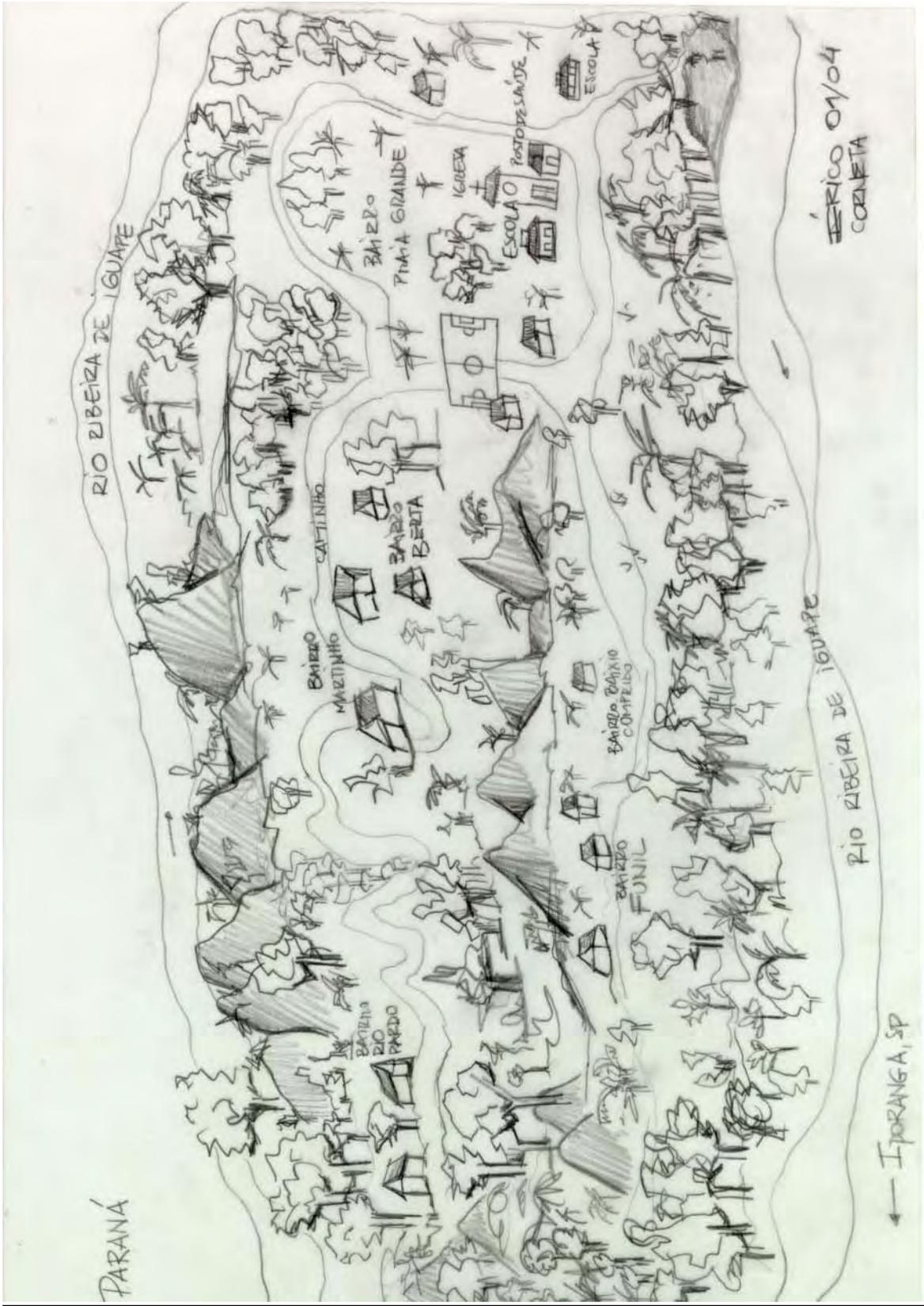
VALLE, T. L. Coleta de germoplasma de plantas cultivadas. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. 2002. p. 11-29.

VASCONCELLOS, M. C. **Produção e utilização de plantas medicinais como forma de terapia ocupacional para doentes mentais**. 2002, 40 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Agronomia)-Instituto de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. P. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. 2002. p. 11-29.

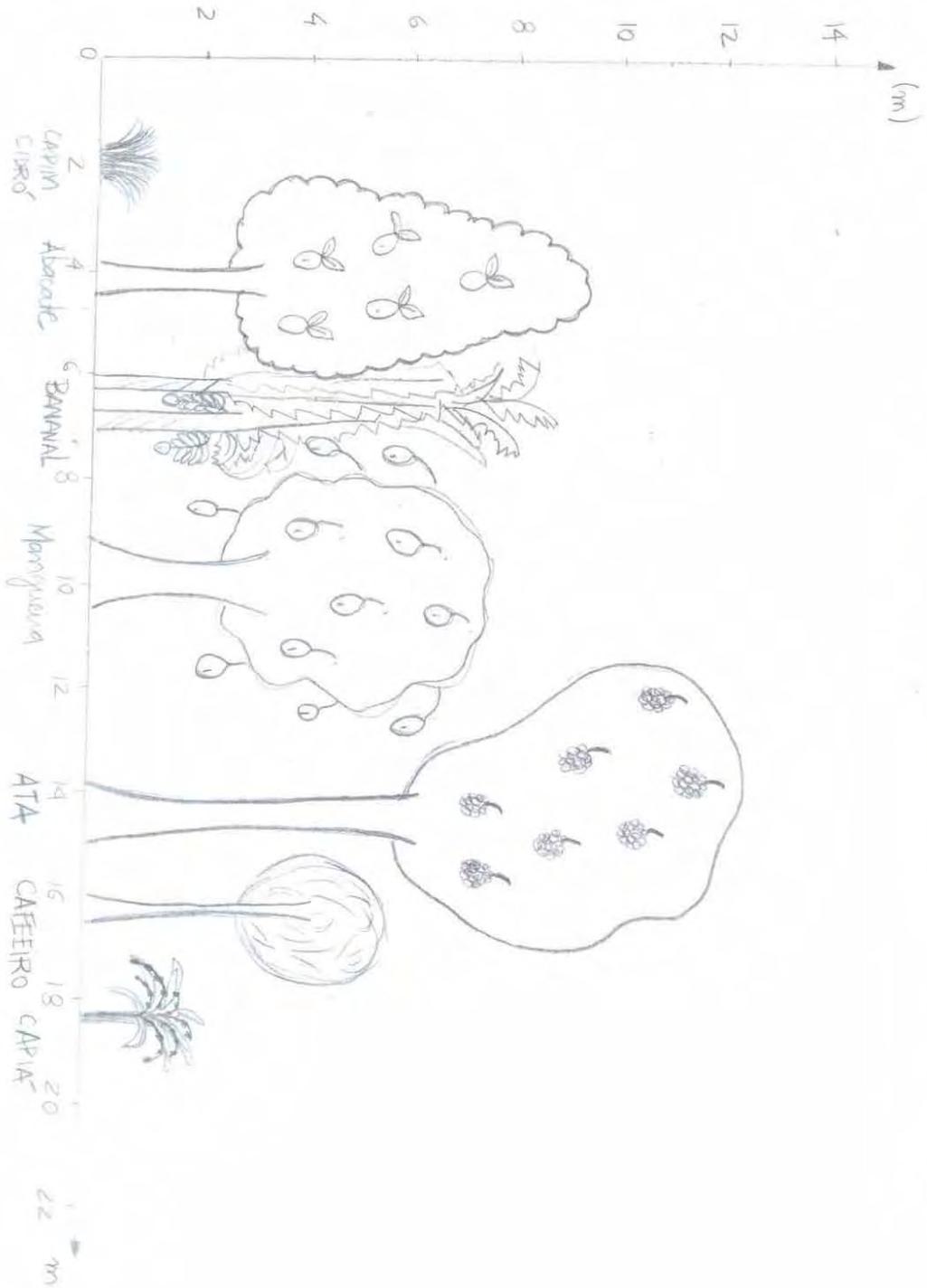
10. APÊNDICES

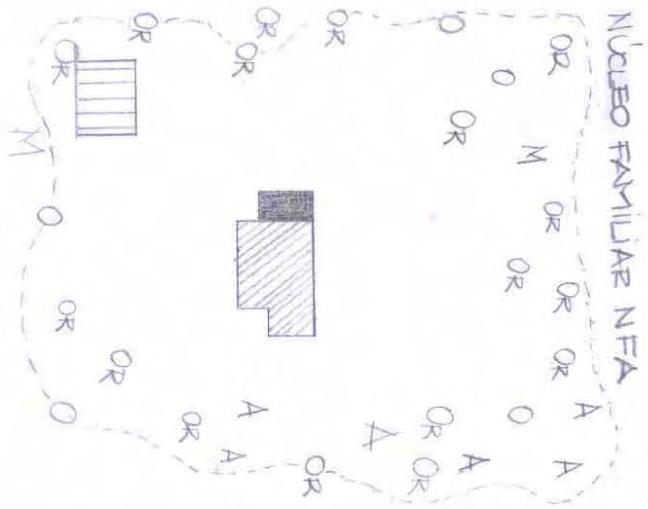
APÊNDICE 1



APÊNDICE 2

PERFIL VERTICAL (PLANTAS DO TERREIRO DE NEL)



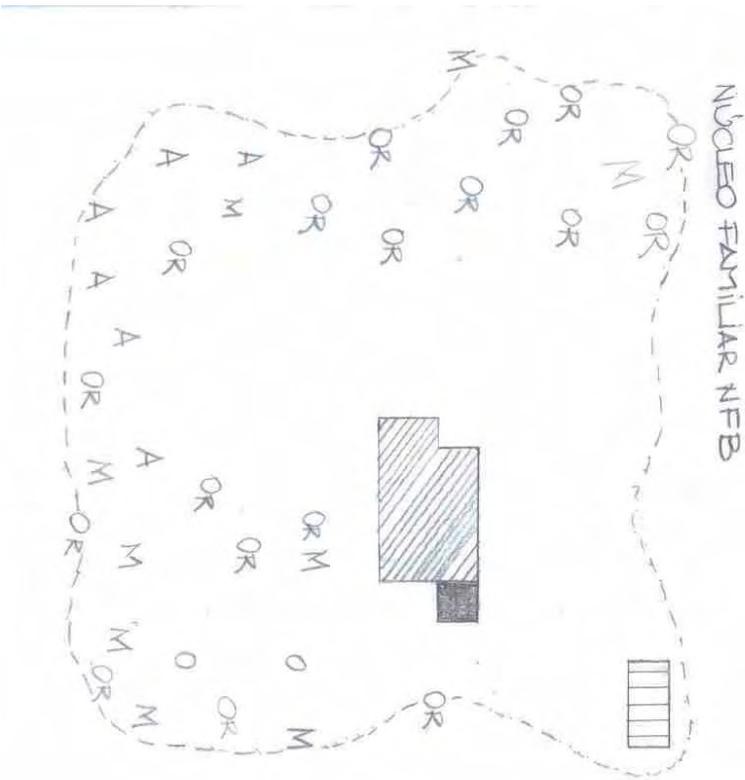


BENEFETORIAS

-  CASA
-  COZINHA
-  CHAQUEIRO
-  ALCEA DO TERRENO
- 1.400

CATEGORIAS DE USO:

- A** - ALIMENTAR
- M** - MEDICINAL
- OR** - ORNAMENTAL
- O** - OUTRAS



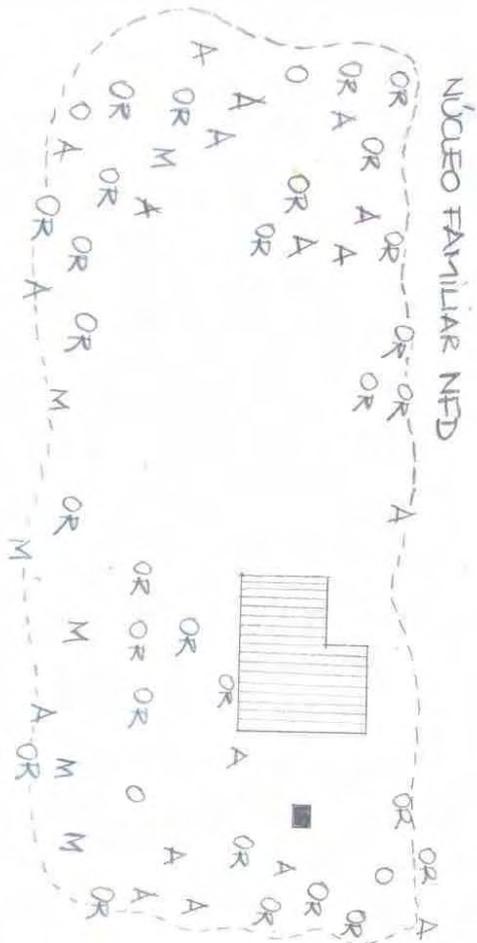
BENEFICÍARIAS:

-  CASA
 -  BANHEIRO
 -  TRAFEGO DE FAMILIA
 -  AREA DO TERRENO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO

- A - ALIMENTAR
- M - MEDICINAL
- OR - ORNAMENTAL
- O - OUTRAS



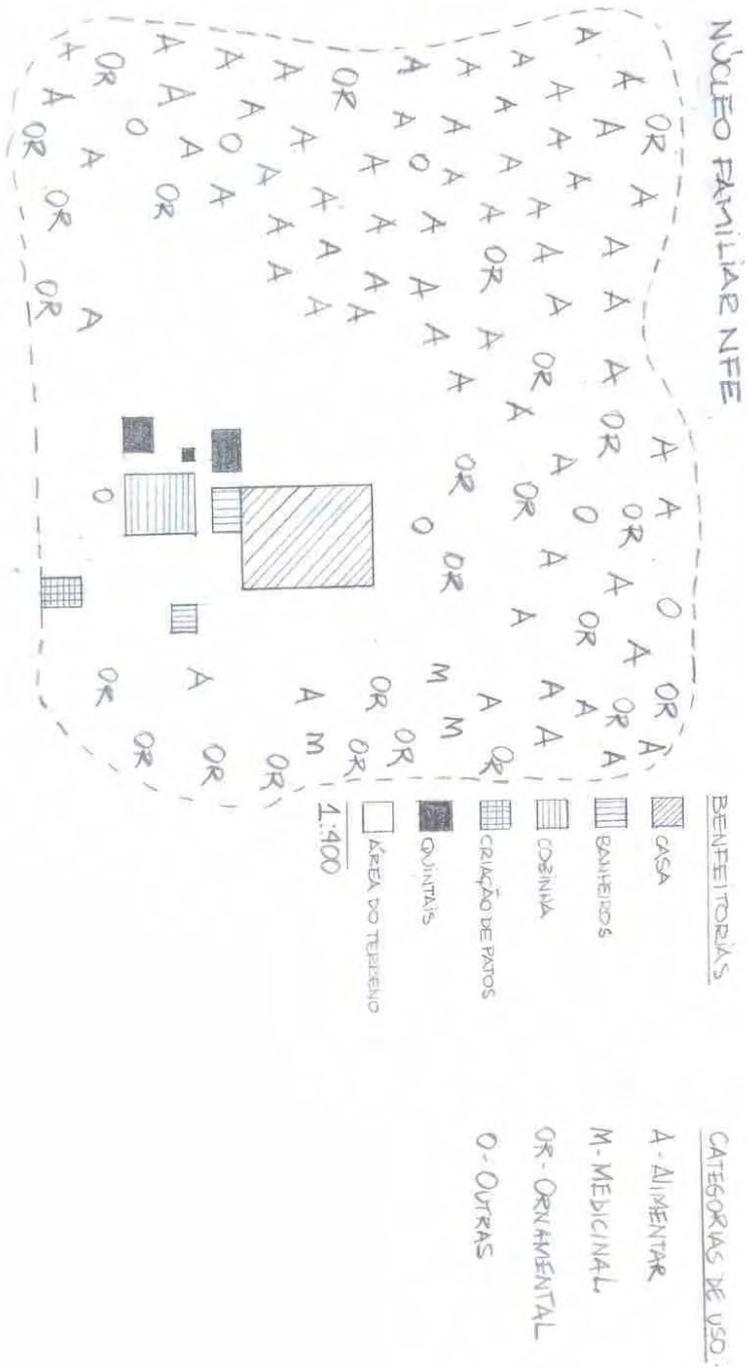


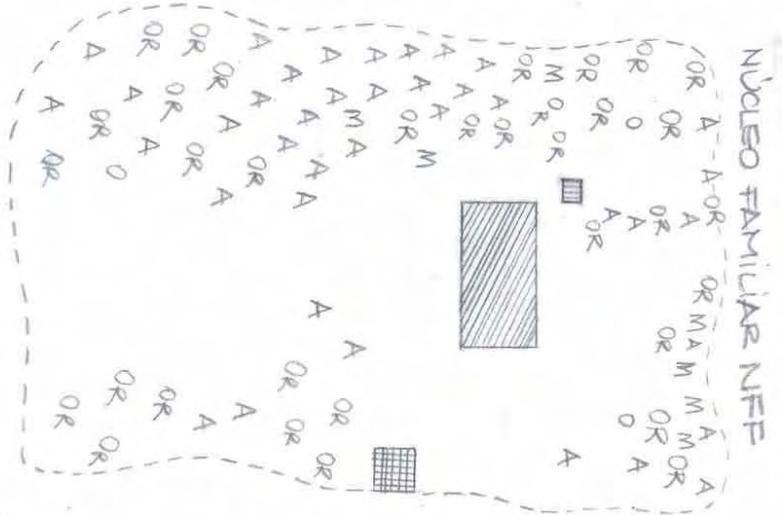
BENFEITORIAS:

-  CASA
 -  BANHEIRO
 -  ÁREA DO TERRENO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO:

- A - ALIMENTAR
- M - MEDICINAL
- OR - ORNAMENTAL
- O - OUTRAS



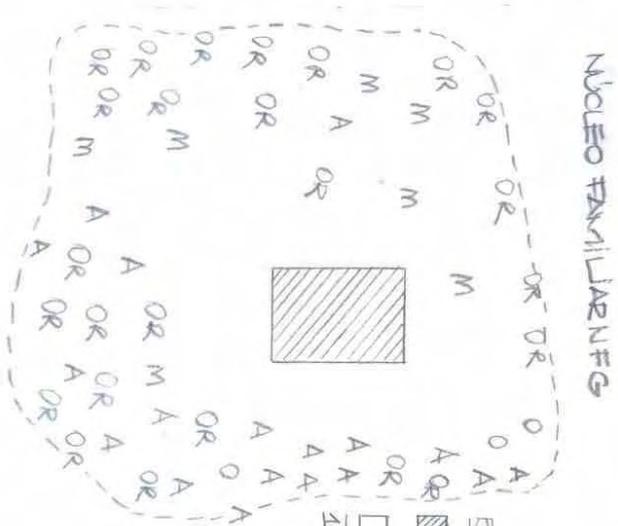


BENEFICÍORIAS

-  CASA
 -  BANHEIRO
 -  QUINTAL
 -  ÁREA DO TERRENO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO:

- A - ALIMENTAR
- M - MEDICINAL
- OR - ORNAMENTAL
- O - OUTRAS



NÚCLEO FAMILIAR NEG

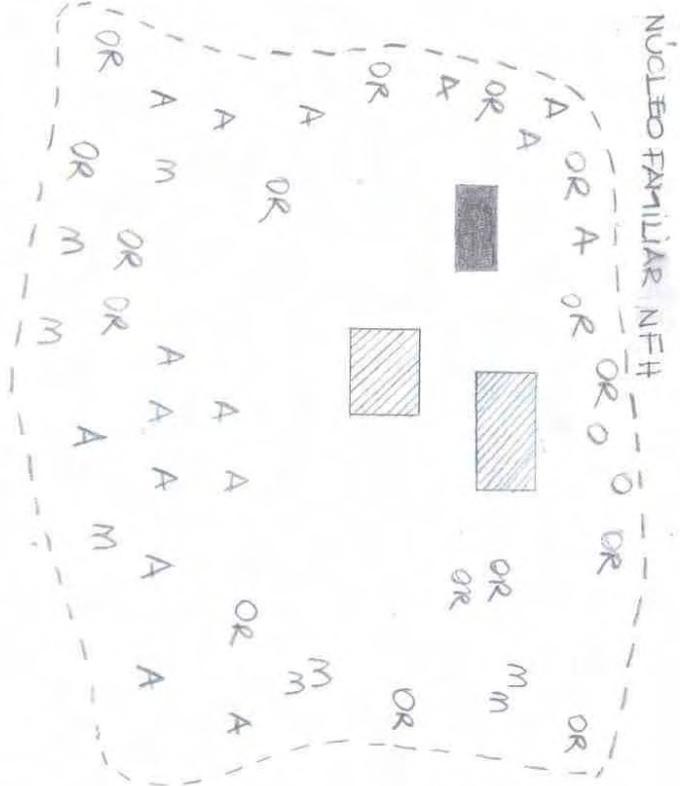
BENEFITARIAS

▨ casa

□ ÁREA DO TERRENO
1:100

CATEGORIAS DE USO

- A - Alimentar
- M - Medicinal
- OR - Ornamental
- O - Outras



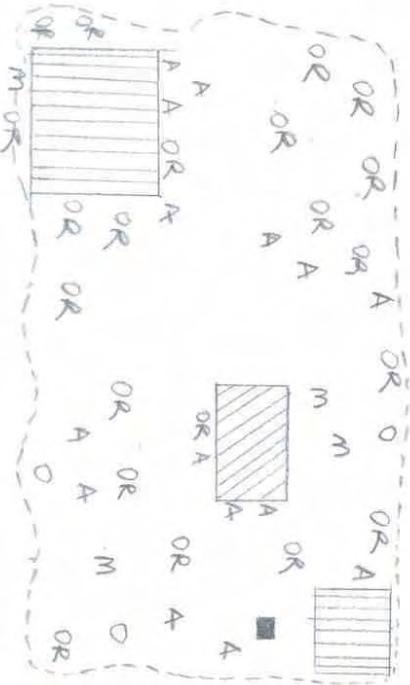
BENFEITORIAS:

-  CASA
-  ÁREA DO TERRENO
-  TRÁFICO DE FABRILHA
- 1-400

CATEGORIAS DE USO:

- A - Alimentar
- M - Medicinal
- OR - Ornamental
- O - Outras

NÚCLEO FAMILIAR NFI

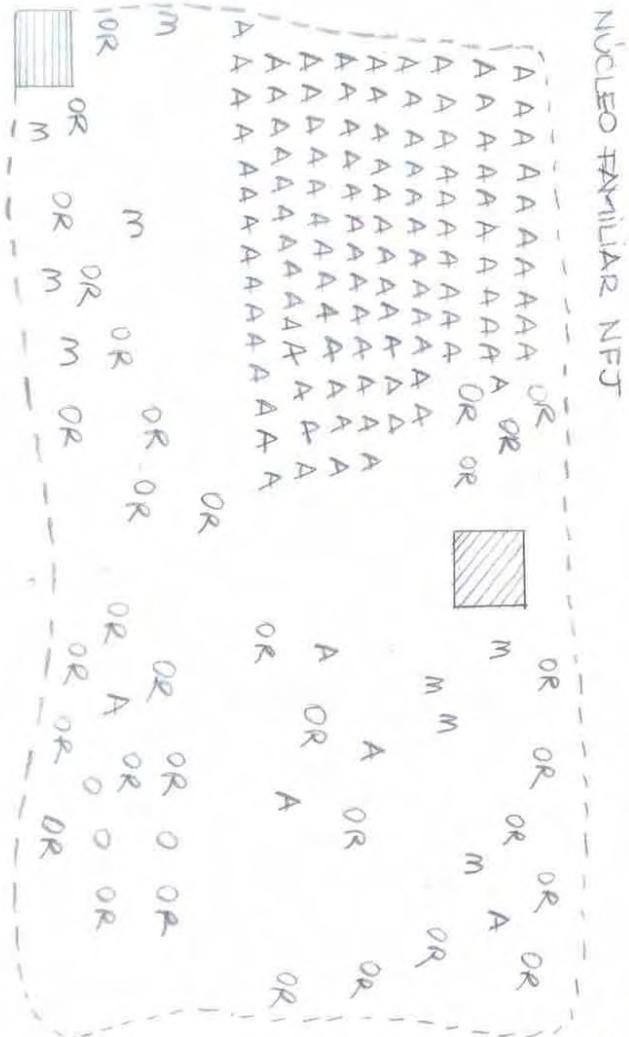


BENEFICÍARIAS:

-  CASA
-  QUINTAL
-  BANHEIRO
-  ÁREA DO TERRENO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO:

- A - ALIMENTAR
- M - MEDICINAL
- OR - ORNAMENTAL
- O - OUTRAS

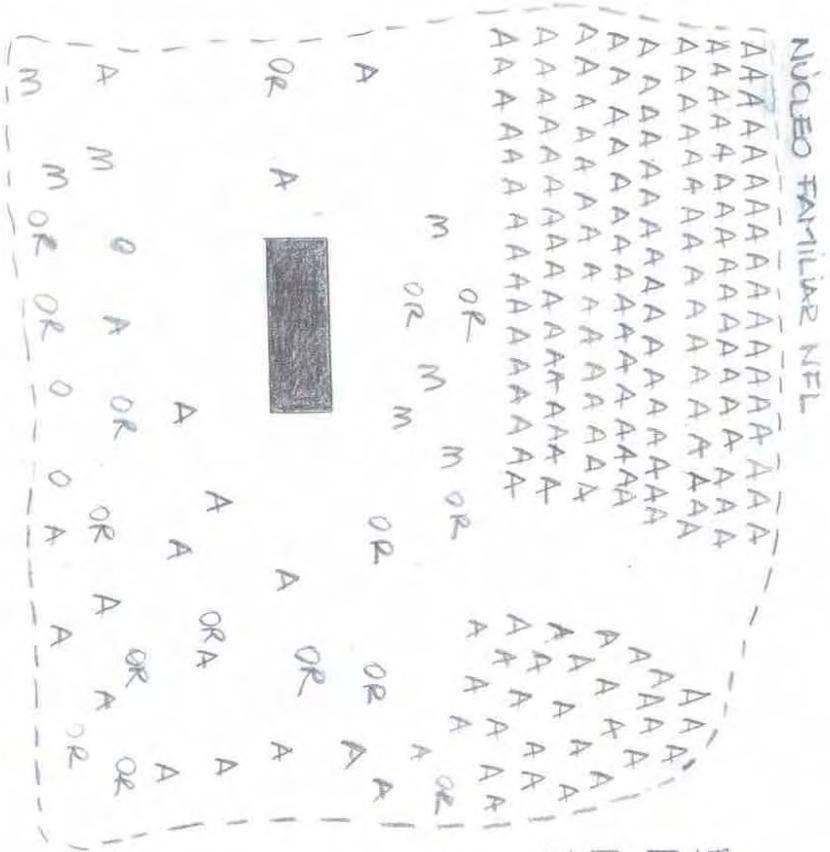


BENFEITORIAS

-  CASA
 -  QUINTAL
 -  AREA POTERENDO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO:

- A - ALIMENTAR
- M - MEDICINAL
- OR - ORNAMENTAL
- O - OUTRAS



BENEFÍCIOS:

CASA

AREA DO TERRENO

1:400

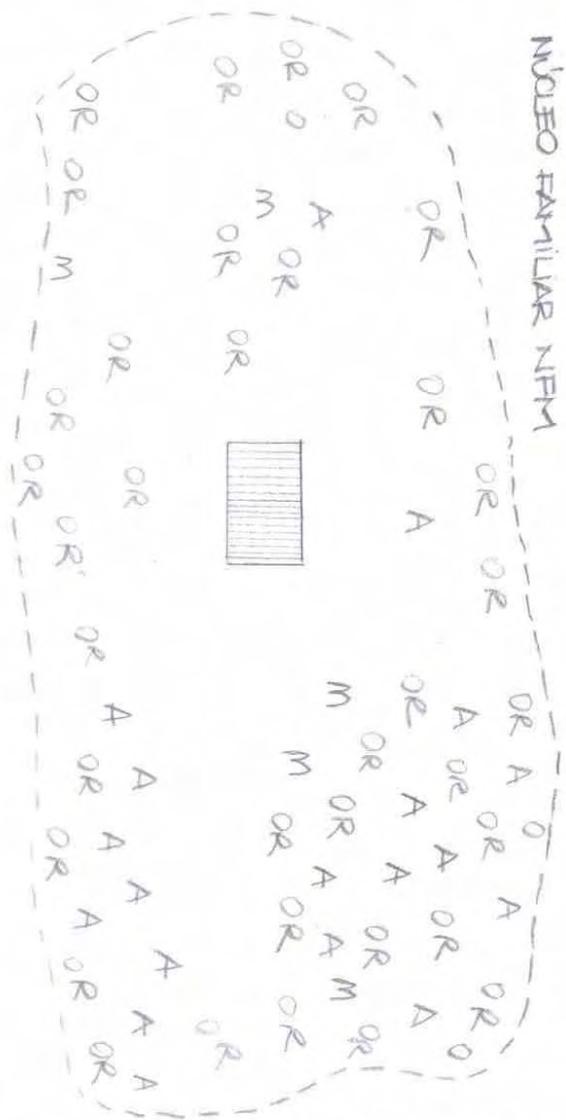
CATEGORIAS DE USO:

A-ALIMENTAR

M-MEDICINAL

OR-ORNAMENTAL

O-OUTRAS



BENEFITÓRIAS:

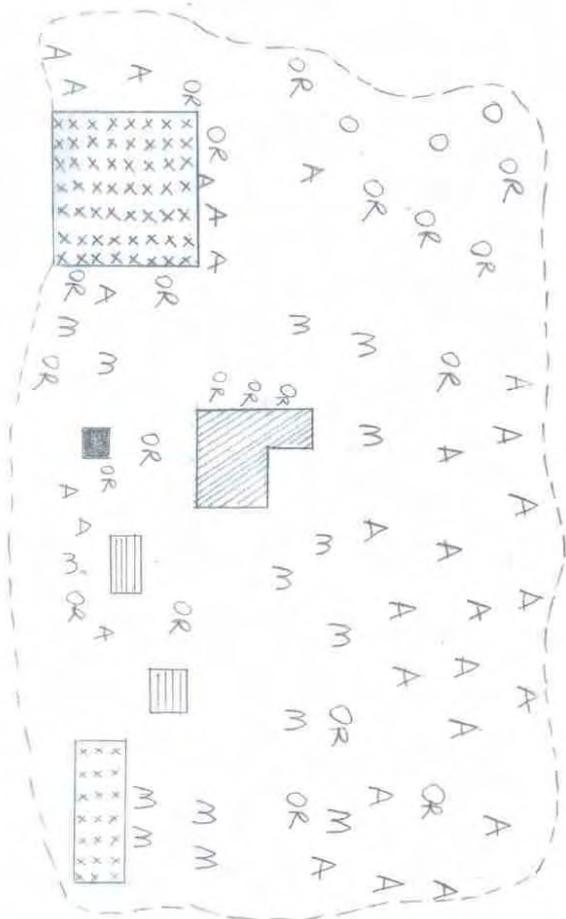
 CASA

ÁREA DO TERRENO
4.900

CATEGORIAS DE USO

- A - Alimentar
- M - Medicinal
- OK - Ornamental
- O - Outras

NÚCLEO FAMILIAR NFN



Beneficiárias:

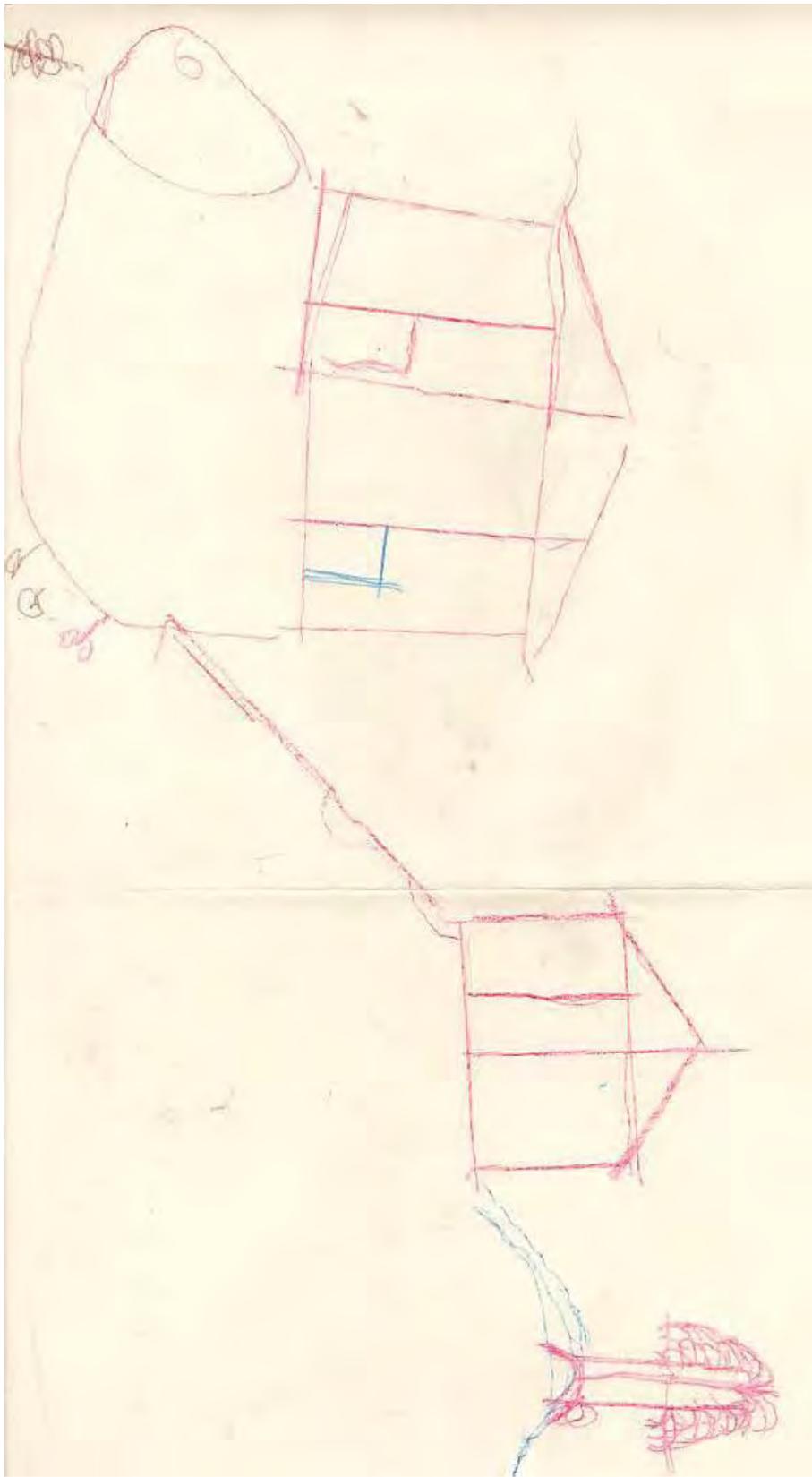
-  CASA
 -  BANHEIRO
 -  COZINHA
 -  ÁREA DO TERCENIO
- 1:400

CATEGORIAS DE USO:

- A - Alimentar
- M - Medicinal
- OR - Ornamental
- O - Outras

APÊNDICE 3









APÊNDICE 4

Legislação Federal (www.quilombo.org.br)

Em âmbito federal, existem diversas disposições legais e regulamentares visando garantir a aplicação do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

A primeira iniciativa nesse sentido data do ano de 1995. Trata-se da **Portaria 307/95** do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, que determina que as comunidades quilombolas tenham as suas áreas demarcadas e tituladas e institui uma modalidade especial de projeto de assentamento para essa população - o projeto especial quilombola.

Este instrumento norteou a ação do INCRA de 1995 a 1999 - período em que esse órgão tituló seis terras de quilombo.

Em outubro de 1999, com a 11ª reedição da Medida Provisória 1.911, a competência para regularizar as terras quilombolas foi delegada ao Ministério da Cultura. A partir dessa data, as ações do governo federal, que já eram insuficientes, sofreram enorme retrocesso.

Em termos legais, esse retrocesso está consubstanciado no **Decreto 3.912, de 10 de setembro de 2001**, que, ao regulamentar o processo de reconhecimento das terras de quilombo, agrediu o texto constitucional e cerceou os direitos dessa população. Infelizmente, esse decreto permanece em vigor, apesar dos veementes protestos dos quilombolas, das organizações do movimento negro, de ONGs e de juristas.

Espera-se que o novo governo revogue em curto prazo o Decreto 3.912/2001, bem como restitua ao Ministério do Desenvolvimento Agrário/INCRA a competência para titular as terras de quilombo (através da alteração da **MP 103/2003**, que dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios).

Um passo importante nessa direção foi o **Decreto de 13 de maio de 2002**, que cria um Grupo de Trabalho Interministerial destinado a definir os novos procedimentos para regularização

das terras de quilombo e propor medidas que visem implementar o desenvolvimento em terras já reconhecidas e tituladas.

Relata-se, a seguir, a lista de leis que tratam da questão quilombola:

Constituição Federal

Artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias.

Constituição Federal

Artigo 215.

Constituição Federal

Artigo 216.

Portaria INCRA 307 de 22 de novembro de 1995

Determina que as comunidades remanescentes de quilombos, como tais caracterizadas, insertas em áreas públicas federais, arrecadadas ou obtidas por processo de desapropriação, sob a jurisdição do INCRA, tenham suas áreas medidas e demarcadas, bem como tituladas.

Lei 9.636 de 15 de maio de 1998

Dispõe sobre a regularização, administração, aforamento e alienação de bens imóveis de domínio da União, altera dispositivos dos Decretos-Leis nºs 9.760, de 5 de setembro de 1946, e 2.398, de 21 de dezembro de 1987, regulamenta o § 2º do art. 49 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, e dá outras providências.

Portaria MINC 447 de 2 de dezembro de 1999

Delega competência à titular da Presidência da Fundação Cultural Palmares.

Portaria FCP 40 de 13 de julho de 2000

Estabelece normas que regerão os trabalhos para a identificação, reconhecimento, delimitação e demarcação, levantamento cartorial, e titulação das terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos.

Decreto 3.912 de 10 de setembro de 2001

Regulamenta as disposições relativas ao processo administrativo para identificação dos remanescentes das comunidades dos quilombos e para o reconhecimento, a delimitação, a demarcação, a titulação e o registro imobiliário das terras por eles ocupadas.

Resolução MEC/FNDE 14, de 16 de maio de 2001

Estabelece as orientações e diretrizes para assistência financeira suplementar a projetos educacionais no âmbito dos Programas de Correção do Fluxo Escolar - Aceleração de Aprendizagem e Paz na Escola, da Educação Escolar Indígena e das Áreas Remanescentes de Quilombos, para o ano de 2001.

Medida Provisória 103 de 01 de janeiro de 2003

Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios e dá outras providências (Define a competência a aprovar a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos.).

Decreto de 13 de maio de 2003

Institui Grupo de Trabalho com a finalidade de rever as disposições contidas no Decreto nº 3.912, de 10 de setembro de 2001, e propor nova regulamentação ao reconhecimento,

delimitação, demarcação, titulação, registro imobiliário das terras remanescentes de quilombos e dá outras providências.

Legislação Estadual – São Paulo

Decreto 40.723 de 21 de março de 1996

Institui Grupo de Trabalho para os fins que especifica e dá providências correlatas.

Lei 9.757 de 15 de setembro de 1997

Dispõe sobre a legitimação de posse de terras públicas estaduais aos remanescentes das comunidades de quilombos, em atendimento ao artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

Decreto 41.774 de 13 de maio de 1997

Dispõe sobre o Programa de Cooperação Técnica e de Ação Conjunta a ser implementado entre a Procuradoria Geral do Estado, a Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania, a Secretaria do Meio Ambiente, a Secretaria da Cultura, a Secretaria de Agricultura e Abastecimento, a Secretaria da Educação e a Secretaria do Governo e Gestão Estratégica, para identificação, discriminação e legitimação de terras devolutas do Estado de São Paulo e sua regularização fundiária ocupadas por Remanescentes das Comunidades de Quilombos, implantando medidas socioeconômicas, ambientais e culturais.

Decreto 42.839 de 4 de fevereiro de 1998

Regulamenta o artigo 3º da Lei nº 9.757, de 15 de setembro de 1997, que dispõe sobre a legitimação de posse de terras públicas estaduais aos Remanescentes das Comunidades de Quilombos, em atendimento ao artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

Decreto 43.651, de 26 de novembro de 1998

Dá nova redação e acrescenta parágrafo único ao artigo 3º do Decreto nº 22.717, de 21 de setembro de 1984, com a redação dada pelo Decreto nº 28.348, de 22 de abril de 1988, que declara Área de Proteção Ambiental da Serra do Mar.

Lei 10.207 de 08 de janeiro de 1999

Cria a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo “José Gomes da Silva” – ITESP e dá outras providências correlatas.

Decreto 43.838 de 10 de fevereiro de 1999

Acrescenta dispositivo ao Decreto nº 41.774, de 13 de maio de 1997, que dispõe sobre o Programa de Cooperação Técnica e de Ação Conjunta a ser implementado para identificação, discriminação e legitimação de terras devolutas do Estado de São Paulo e sua regularização fundiária ocupadas por Remanescentes das Comunidades de Quilombos, implantando medidas socioeconômicas, ambientais e culturais.

Decreto 44.293 de 4 de outubro de 1999

Acrescenta dispositivo que especifica ao Decreto nº 40.135, de 8 de junho de 1995, que cria o "Parque Estadual Intervales" e dá providência correlata.

Decreto 44.294 de 4 de outubro de 1999

Regulamenta a Lei nº 10.207, de 8 de janeiro de 1999, institui a Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo "José Gomes da Silva" - ITESP, e dá providências correlatas.

Lei 10.850 de 06 de julho de 2001

Altera os limites dos Parques Estaduais de Jacupiranga e Intervales, visando o reconhecimento da aquisição do domínio das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos, nos termos do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal.

APÊNDICE 5

Levantamento Socioeconômico das Famílias de Praia Grande, Iporanga, SP:

Data:

Responsável(eis) pelo núcleo familiar:

1. Família

1.1 Há quanto tempo o(a) responsável pela família mora em Praia Grande? Onde morava antes?

1.2 O que fez o(a) responsável da família mudar-se para Praia Grande?

1.3 Características dos membros da família:

No	Nome	Local de Nascimento	Sexo (M) (F)	Parentesco (A)	Idade	Escolaridade (B)	Estuda (S) (N)	Série	Grau
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									

(A) 1. Responsável pela família/ 2. Cônjuge / 3. Filho (a)/ 4. Outro parentesco/ 5. Sem parentesco

(B) 1. Analfabeto / 2. Lê e escreve (s/ escolaridade) / 3. Pré-escola/ 4. 1º grau incompleto / 5. 1º grau completo / 6. Outros

1.4 Tem algum parente que mora na cidade? Onde?

Com que frequência os visita?

1.5 Condições de atividade e renda:

- Sua ocupação principal:
- Possui outro tipo de renda (aposentado, pensionista)?

2. Dados do domicílio

2.1. Área total da propriedade:

2.2 Construção:

- Madeira
- Alvenaria
- Taipa (pau a pique)
- Outros

2.3 Área do terreno

2.4 Forma de apropriação da terra

- Proprietário
 - Posseiro
 - Arrendatário
 - Caseiro
 - Outros
-

3. Moradia

3.1 Esgoto: () Fossa () Não possui () Outros

3.2 O que faz com o lixo?

3.3 Há na sua casa: () Fogão de lenha () Fogão a gás

3.4 Água que consome: () filtrada () não-filtrada

3.5 Iluminação:

4. Saúde

4.1 Onde as pessoas da família são atendidas quando adoecem?

4.2 Existe algum problema de saúde na família?

4.3 Como tratam/cuidam a doença?

5. Religião

Qual é a sua religião?

Levantamento Sócio-Ambiental

Outros questionamentos...

- O que significa Quilombo?
 - O que é ser Quilombo?
 - Como é morar numa comunidade quilombola?
 - Como era Praia Grande?
 - Como você vê Praia Grande hoje?
 - Qual é o lado bom de se morar em Praia Grande?
 - Qual é o lado ruim de se morar em Praia Grande?
 - Tem vontade de se mudar de Praia Grande? Por quê?
 - Formas de divertimento/lazer da família
 - Como você fica sabendo das notícias?
 - Quais são os seus sonhos e projetos?
-

Agora sobre os quintais, terreiros...

- ❖ Como era Praia Grande quando vieram pra cá?
- ❖ Como era a vegetação (a paisagem) antes? Mudou alguma coisa?
- ❖ Onde era a sua casa? ()Mesmo lugar ()Lugar diferente ()Por que mudou?
- ❖ Como você chama o(s) espaço(s) que ficam em volta da casa?
- ❖ O que é que significa cada um e para que servem?
- ❖ O que você acha deste(s) espaço(s)?
- ❖ Idade do terreiro:
- ❖ Quem cuida do terreiro? E do quintal?
- ❖ Quantas horas por dia você gasta trabalhando no quintal/terreiro?

- ❖ Em alguma época do ano é preciso trabalhar mais? Qual?
- ❖ Onde obtém material vegetal?
- ❖ Há alguma dificuldade para se conseguir as plantas? Qual(is)?
- ❖ Quem e como prepara as mudas?
- ❖ Há alguma época em que as plantas se desenvolvem melhor? Qual(is)?
- ❖ Algumas espécies não se desenvolveram? Quais? Por quê?
- ❖ Quando uma espécie plantada morre é feito o replantio?
- ❖ Existem plantas que nasceram espontaneamente? Quais?
- ❖ Gostaria de cultivar outras plantas que não tenham em seu quintal/terreiro? Quais? Por quê?
- ❖ O que está faltando em seu quintal/terreiro?

APÊNDICE 6



Figura 2. Altar confeccionado para a Romaria



Figura 3. Festa do Divino: o caminho percorrido pelos fiéis



Figura 4. Núcleo Central de Praia Grande: escola, igreja e posto de saúde



Figura 5. Campinho de futebol: uma forma de lazer e divertimento



Figura 6. Um dos meios de transporte da comunidade: a boa e velha canoa



Figura 7. As roças



Figura 8. Os terreiros de Praia Grande



Figura 9. Os quintais de Praia Grande



Figura 10. Moenda para tirar o caldo da cana-de-açúcar



Figura 11. Farinha de mandioca: uma especialidade de Praia Grande



Figura 12. Os varais multicores

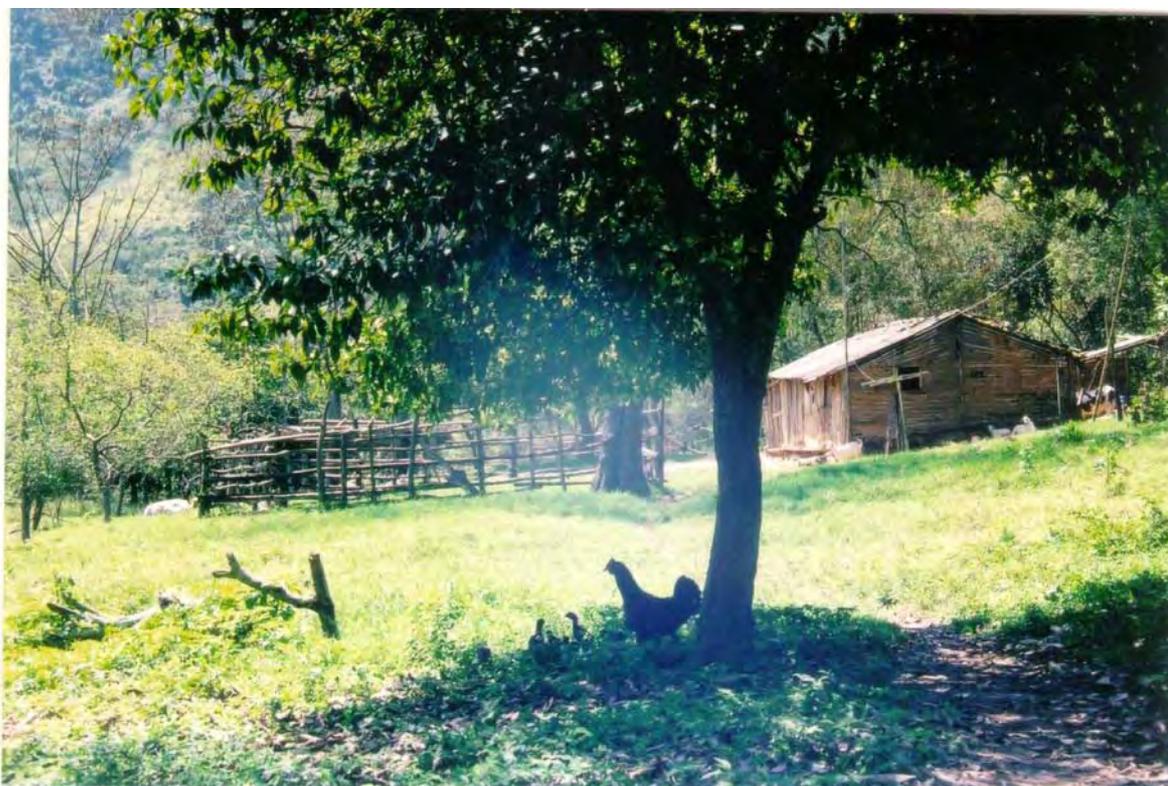


Figura 13. Os animais de criação

RECOMENDAÇÃO:

Esta Dissertação de Mestrado teve como finalidade a Pesquisa Científica. As informações contidas nesta Dissertação de Mestrado, referentes ao conhecimento tradicional associado aos recursos biológicos/genéticos, não poderão ser utilizadas pelo leitor para as finalidades de pesquisa científica, de bioprospecção e nem de desenvolvimento tecnológico. Caso haja interesse do leitor em utilizar estas informações para as finalidades citadas acima, o mesmo deverá consultar o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN)/Ministério do Meio Ambiente, Brasil, antes de utilizar qualquer informação, respeitando assim a Medida Provisória 2.186-16/01 vigente, ou qualquer outra legislação que venha substituí-la.